

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA INFORMAÇÃO - ICHI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA - PPGH
NÍVEL - MESTRADO PROFISSIONAL

PPGH

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM

Deivid da Costa Trindade

Os “Espelhos de Príncipes” em Maquiavel e Voltaire e o ensino de História por meio da História em Quadrinhos.

RIO GRANDE – RS

2021

Deivid da Costa Trindade

Os “Espelhos de Príncipes” em Maquiavel e Voltaire e o ensino de História por meio da História em Quadrinhos.

Relatório Técnico para apresentação do Trabalho de Conclusão do Mestrado (TCM) em História – modalidade Profissional, da Universidade Federal do Rio Grande, como requisito para a obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. José Carlos da Silva Cardozo

Ficha Catalográfica

T833e Trindade, Deivid da Costa.

Os “Espelhos de Príncipes” em Maquiavel e Voltaire e o ensino de História por meio da História em Quadrinhos / Deivid da Costa Trindade. – 2021.

111 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Programa de Pós-Graduação em História, Rio Grande/RS, 2021.

Orientador: Dr. José Carlos da Silva Cardozo.

1. Ensino de História 2. “Espelhos de Príncipe” 3. Maquiavel
4. Voltaire 5. História em Quadrinhos (HQ) I. Cardozo, José Carlos da Silva II. Título.

CDU 37:94

Catálogo na Fonte: Bibliotecário José Paulo dos Santos CRB 10/2344

Deivid da Costa Trindade

Os “Espelhos de Príncipes” em Maquiavel e Voltaire e o ensino de História por meio da História em Quadrinhos.

Membros da Banca Avaliadora do Trabalho de Conclusão de Mestrado em História:

Prof. Dr. José Carlos da Silva Cardozo

Universidade Federal do Rio Grande - FURG

Orientador

Dra. Júlia Silveira Matos

Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande (FURG)

Dr. Tiago da Silva Cesar

Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Católica de Pernambuco
(UNICAP)

Dr. Wagner Silveira Feloniuk

Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande (FURG)

Rio Grande, _____ de _____ de _____.

“A leitura engrandece a alma”.

Voltaire

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que permitiu que meus pais (Orixás) e guardiões me dessem forças, coragem, saúde, sabedoria e foco para seguir nessa caminhada árdua até aqui. Agradeço aos meus familiares, que, através de simples gestos, me incentivaram a continuar. Agradeço ao meu Pai Sinamoji Eduardo e sua esposa Vanessa, que me inspiraram a ter fé e gratidão ao longo dessa caminhada. Também agradeço ao meu amigo e chefe Luís Kokuszi, por toda a ajuda, apoio e suporte ao longo de meus estudos, me proporcionando o espaço necessário para a realização do meu mestrado. Agradeço à Professora Júlia Silveira Matos, que, desde a minha graduação, acreditou no meu potencial. E, por fim, agradeço ao meu querido orientador Professor José Carlos da Silva Cardozo, por ter aceitado embarcar nesse desafio, que foi a construção de meu Relatório Técnico do meu Trabalho de Conclusão de Mestrado – TCM.

RESUMO

Os “Espelhos de Príncipe” foram manuais difundidos dos séculos XIII ao XVIII na Europa, principalmente na Itália e na França. Através deles, eram ditadas as formas de conduta que os Príncipes deveriam seguir para exercer um bom governo. Maquiavel, com sua obra “O Príncipe”, e Voltaire, com sua obra “A Princesa de Babilônia”, foram os principais expoentes dessa forma de pensar seus governos. Com base na teoria de Jörn Rüsen sobre consciência histórica, no sentido de que só se aprende a história a experienciando, surgiu a seguinte questão: como poderei dar a oportunidade de o aluno, do 1º e do 2º ano do Ensino Médio, experienciar esse passado em que Maquiavel e Voltaire expressaram suas ideias de como deveriam agir seus governantes para garantir um bom governo? Nessa perspectiva, busquei unir ensino de História e História em Quadrinhos (HQ) a partir de uma didática da História que possibilite ao aluno experienciar esses rastros do passado, já que, nos últimos anos, as HQs vêm adentrando com força no meio escolar e se tornando uma fonte não só de entretenimento, mas também de pesquisa histórica. E é nesse sentido que apresento como produto uma HQ, por meio de uma linguagem mais atrativa, e um manual, que é o próprio TCM, o qual irá auxiliar o professor para apresentar as ideias de Maquiavel e Voltaire aos seus alunos.

Palavras-chave: Ensino de História, “Espelhos de Príncipe”, Maquiavel, Voltaire, História em Quadrinhos (HQ).

ABSTRACT

The “Mirrors of Prince” were manuals disseminated from the 13th to the 18th centuries in Europe, mainly in Italy and France. Through them, the forms of conduct that the princes should follow to exercise a good government were dictated. Machiavelli, with his work “The Prince”, and Voltaire, with his work “The Princess of Babylon”, were the main exponents of this way of thinking in their governments. Based on Jörn Rüsen's theory of historical awareness, in the sense that history is only learned by experiencing it, the following question arose: how can I give the opportunity for the 1st and 2nd year of high school student to experience this past in which Machiavelli and Voltaire expressed their ideas of how their rulers should act to ensure a good government? From this perspective, I sought to unite the teaching of History and History in Comics (Comic) from didactics of History that allows the student to experience these traces of the past, since, in recent years, the comics have been entering the school environment with force and making it a source not only for entertainment but also for historical research. And it is in this sense that I present as a product a comic, through a more attractive language, and a manual, which is the TCM itself, which will help the teacher to present the ideas of Machiavelli and Voltaire to their students.

Keywords: History Teaching, “Prince's Mirrors”, Machiavelli, Voltaire, Comics (HQ).

Sumário

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. DISCUSSÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA.....	16
2.1. MAQUIAVEL: contexto e obra.....	25
2.2. VOLTAIRE: contexto e obra.....	31
3. DISCUSSÃO SOBRE O FORMATO	45
4. APRESENTAÇÃO DO PRODUTO.....	47
4.1 CONCLUSÃO DO ROTEIRO	56
5. APLICAÇÃO DO PRODUTO	77
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	78
8. BIBLIOGRAFIA.....	80
9. APÊNDICES	85

1.INTRODUÇÃO

Com base na visão teórica de Jörn Rüsen (2001/2007), apresentarei Maquiavel e Voltaire para um público mais jovem, aqui, no caso, estudantes do 1º e 2º ano de ensino médio.

O objetivo é que isso contribua para o desenvolvimento de uma consciência histórica que seja aplicada à vida prática do aluno, na medida em que Maquiavel e Voltaire escreveram obras que faziam parte dos chamados “Espelhos de Príncipes”, os quais eram manuais destinados a traçar a forma de conduta a ser seguida pelo monarca de suas respectivas épocas, séculos XVI e XVIII (LOPES, 2004 & BARROS, 2020).

Tendo em vista isso, o objetivo principal desse trabalho é propor um produto que seja convidativo ao aluno e possa, como nas palavras de Rüsen (2006), fazê-lo experienciar o passado e, a partir disso, promover uma mudança e desenvolvimento de uma consciência histórica que possa situá-lo no tempo presente ao experienciar esse passado. Através de uma História em Quadrinhos (HQ), traremos as principais ideias de Maquiavel e Voltaire, a partir das obras, “O Príncipe” (escrita originalmente em 1513 e publicada no ano de 1532) e “A Princesa de Babilônia” (1758) sobre o que deveria ser um monarca perfeito. Essas qualidades foram tratadas pelos autores em pleno florescer da Idade Moderna e continuam atuais ainda nos dias de hoje.

Para tanto, é importante mencionar a motivação inicial para esta pesquisa. Em minha monografia de conclusão de curso de História (TCC), em 2008, realizei uma análise sobre a ideia de Monarquia Ideal na obra “A Princesa de Babilônia, de Voltaire” (usamos a edição de 2005), publicada originalmente em 1758, na qual o “Filósofo das Luzes”, como era chamado, propõe uma série de requisitos e diretrizes que o “verdadeiro monarca” deveria seguir para governar com virtuosidade e sabedoria seu reino e seus súditos.

Obra publicada em meados do século XVIII na França, em plena efervescência de ideias que almejavam romper com o pensamento religioso¹, o qual era um dos condutores da sociedade e do Estado. Neste período começaram a surgir ideias que iam contra esse

¹ Monarquia e religião na França caminhavam de mãos dadas, ou seja, uma completava a outra. Houve uma séria política de se fundir religião e Estado com o objetivo de se criar uma identidade única e que seria personificada na figura do monarca. Esse “*rei cristianíssimo*” (LOPES, 1994), fundiu essas identidades em uma só. Essa fusão fez com que a religião católica fosse uma das principais molas condutoras de todas as decisões do Estado. Desde a coroação do Rei até as decisões de cunho administrativo passavam pelo crivo da Igreja. Essa Igreja era chamada de Galiciana por estar em solo francês. Mas o fato é que a relação entre pensamento religioso e Estado moldou e determinou identidades e condutas a serem seguidas na França que perduraram do século XVI ao XVIII na França e que não media esforços para punir e castigar quem ousasse agir de forma contrária a essa identidade. Voltaire, através de suas obras, buscava alertar seus leitores sobre esses fatos, seja de forma direta ou indireta nas entrelinhas de seus escritos.

pensamento religioso, o qual, por muitas vezes, impedia o “despertar” do homem para uma nova perspectiva humana e intelectual, pois, na contramão disso, o clero começou a participar ativamente dos assuntos governamentais junto com o Rei, tornando, com isso, mais difícil “despertar”. No terceiro capítulo do meu TCC, em especial, fiz uma discussão sobre os modelos de monarquia ideal proposto tanto por Maquiavel quanto por Voltaire e, por isso, se faz importante mencioná-lo também. E é essa inquietação, condutora do foco do meu trabalho, que apresento nesse relatório técnico.

Maquiavel, no século XVI, mais precisamente na região que se tornaria a Itália, escreveu em 1513 e publicou em 1532 (BARROS, 2020) a obra “O Príncipe” (utilizamos a edição de 2009), na qual propôs diretrizes que o príncipe deveria seguir para conduzir seu reino rumo à estabilidade e à prosperidade. Em uma Itália fragmentada em Cidades-Estado e com o poder descentralizado, se fazia imperativo que houvesse um monarca esclarecido disposto a unir e guiar com mãos firmes seus domínios.

Tais obras, “O Príncipe” e “A Princesa de Babilônia”, se encaixam no que se chama de “Espelhos de Príncipe”, manuais que tinham o objetivo de orientar e guiar os monarcas de seu tempo através de disciplina, planejamento e medidas virtuosas ou não para garantir a unidade e a integridade política, econômica e militar do reino.

Por isso, faz-se importante realizarmos um estudo da arte sobre Maquiavel e Voltaire, ou seja, realizar uma prospecção sobre quantos trabalhos foram realizados devido ao papel relevante que ambos os filósofos possuem para a História, Filosofia e Ciência Política, Sendo os autores de fundamental importância, é necessário trazê-los para o ensino de História, pois suas obras apresentaram importantes críticas às suas sociedades, que tiveram seu auge na Idade Moderna e que, também, hoje continuam muito atuais, como teremos oportunidade de verificar neste TCM.

Nesse sentido, como parte inicial da metodologia de pesquisa, realizei um “estudo da arte” sobre Voltaire e Maquiavel no sentido de mapear a produção acadêmica relacionada aos pensadores dentro do portal da CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Dessa forma, a produção sobre Voltaire e Maquiavel na Plataforma Sucupira² aponta que ambos os autores são atualmente estudados e referenciados em diversos trabalhos de cunho acadêmico em Dissertações de Mestrado e Teses de Doutorado em várias áreas das Ciências Humanas e Sociais, como Ciência Política, Filosofia, Direito, História, Letras, Educação, Literatura e Cultura. Para termos uma ideia da amplitude dessa produção, filtramos

² Disponível no Site: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/http://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#>. Acessado em: 22/03/2019.

os dados circunscritos entre os anos de 1997 e 2018, período inicial de depósito dos dados na plataforma da CAPES e ano final relativo à produção quando de nosso ingresso no Mestrado.

O total é de 56 trabalhos acadêmicos entre Mestrados e Doutorados, anteriores a e após o seu advento (ícone detalhes, o qual hiperlinka o trabalho inserido nela) dos quais 10 são na área de História (o que representa mais de 17% -17,86 - de toda a produção) e que estão registrados no site da CAPES na Plataforma Sucupira, submetidos antes e depois da sua implantação, a qual é um instrumento de coleta de trabalhos realizados em diversas áreas do conhecimento acadêmico nas universidades brasileiras.

A pesquisa nos mostrou que somente na área de Mestrado em Filosofia, entre os anos de 1997 e 2018, foram realizadas dissertações sobre Voltaire e Maquiavel em diferentes trabalhos, nos quais são abordados em seus discursos, leis, virtudes, visões de história, de administração, de economia, de política, poesia, liberdade, entre outros assuntos. Tivemos trabalhos que abordaram sobre educação, literatura e tolerância em Voltaire. Em História, assuntos centrados em Maquiavel e suas visões de Política e Estado. Além desses, houve trabalhos que trouxeram discussões sobre o pensamento histórico em Voltaire e estudo da Teoria dos Humores em Maquiavel. Em Letras, dissertações sobre Voltaire e Maquiavel voltadas ao estudo da língua. E, por fim, uma em Literatura e Cultura sobre Voltaire e sua visão de orientalismo e anticlericalismo em seus contos. Em Política, tivemos um trabalho que abordou a questão da virtude e da riqueza em Maquiavel (ver apêndice).

Ainda em nossa pesquisa sobre os trabalhos feitos sobre Maquiavel e Voltaire, observamos que apareceram somente duas dissertações sobre o tema “Espelhos de Príncipe” em Maquiavel, dos autores Eduardo Kleber Men (2013) e Lucca Zanetti (2017). Já trabalhos relacionados à temática em Voltaire, infelizmente, não apareceram. Por isso, no mesmo sentido da afirmação no parágrafo anterior e em virtude de não encontrarmos, como já mencionamos, a respeito da temática em Voltaire, analisaremos o autor por meio das reflexões presentes no livro de Marcos Antônio Lopes (2004), pois o autor analisa a temática dos “Espelhos de Príncipe”.

A partir da pesquisa feita, acreditamos que é válido inserirmos nosso trabalho na área de ensino de História, pois isso demonstra a originalidade dele, na medida em que os dois autores são basilares: Maquiavel, na área da Ciência Política, e Voltaire, na área da História e Filosofia. Além disso, eles foram personagens históricos que definiram e reorientaram paradigmas políticos e históricos em plena modernidade (séculos XVI e XVIII), e o ensino da disciplina precisa dar mais atenção a esses autores a partir de suas obras, “A Princesa de

Babilônia”, de Voltaire, e o “Príncipe”, de Maquiavel, como forma de construção da cidadania dos educandos em História.

Buscaremos nesse trabalho mostrar a importância da proposta de uma monarquia ideal expressada nas obras mencionadas de Voltaire e Maquiavel para o ensino de História através da produção de uma História em Quadrinhos (HQ), a qual é o foco do trabalho, trazendo as reflexões dos pensadores para o formato de uma HQ, em que ela, além de mais atrativa que um livro, é divertida, numa linguagem mais contemporânea e, ao mesmo tempo, reflexiva para o aluno. Como nos esclarece Douglas Morta Xavier de Lima (2017), “os últimos anos têm sido marcados pela ampliação da presença de Histórias em Quadrinhos (HQs) no âmbito escolar, movimento que se manifesta, em especial, no Plano Nacional na Escola (PNBE)” (LIMA, 2017, p. 147).

Maquiavel e Voltaire são importantes personagens históricos que precisam ser apresentados para um público jovem através de algo que lhes proporcione a construção de uma consciência histórica. Nesse sentido, precisamos estudá-los e trazê-los à luz da reflexão contemporânea por meio do professor de História, que apresentará os autores e suas obras, que fazem parte do Renascimento Humanista italiano e do Iluminismo francês ao longo dos séculos XVI e XVIII.

Acreditamos que ambos os autores e seus ideais de monarquia, os quais são baseados na virtude e num bom governo para todos, ainda permanecem atuais quando, por exemplo, Voltaire e Maquiavel idealizam um monarca que somente através dos bons exemplos, como virtuosidade, generosidade e honestidade, fará de seu governo e reino um lugar justo para todos. E essa visão de um governante munido dessas qualidades poderá ser demonstrada de forma lúdica, objetiva e com linguagem mais contemporânea por meio de uma HQ, a qual irá auxiliar o professor de História através de uma didática que permita ao seu aluno trazer esse conhecimento histórico para a vida prática.

A cultura Geek, termo surgido pelo aparecimento de uma “tribo” aficionada, principalmente, por revistas em quadrinhos, tem reunido muitos adeptos nos últimos anos. Dentro dessa cultura estão, também o bom aluno. Eles apresentam características bem interessantes, como ter uma inteligência bem acima da média, preferir o isolamento social ou até mesmo se relacionar com pessoas da mesma visão e ter facilidade em questões que exijam raciocínio matemático, fato este apresentado na matéria, “10 marcos da cultura geek que você

precisa conhecer”, postado pelo Blogueiro de Alessandro Soler na data do dia 25/05/2020, provavelmente³.

O termo surgiu em 1876 como um sinônimo para algo “bobo” e é uma espécie de gíria inglesa para se referir a pessoas com costumes e gostos diferentes dos padrões sociais. Esse grupo gosta de assuntos intelectuais, científicos e até mesmo ficcionais que agreguem valor e sentido para eles⁴.

Pessoas que gostam, principalmente de HQs, se enquadram nesse grupo, que, como falamos, veem nelas algo mais do que um emaranhado de quadros e balões de fala. Como diria Rösen (2006), através das HQs esses jovens experienciam algo que lhes permite atribuir valor e, a partir disso, trabalhar questões sociais e culturais que contribuem para a construção de uma consciência histórica que os faça se sentirem atuantes dentro do mundo e da sociedade em que vivem.

Nesse sentido, precisamos entender um pouco sobre a importância da História em Quadrinhos e sua influência entre os jovens, porque através dela eles experienciam algo que está intrínseco, algo que está agregado nas suas entrelinhas e mudando sua visão de mundo sobre diversas questões sociais de forma atual.

As HQs não eram levadas a sério até pouco tempo atrás, possivelmente pelo fato de serem entendidas como forma de entreter as crianças, ficando como algo à parte do mundo adulto. Com o seu desenvolvimento surgiram empresas especializadas na criação e da difusão de Histórias em Quadrinhos voltadas ao público adulto.

Várias editoras especializadas em HQs surgiram ao longo do tempo, cabendo destaque àquela fundada em 1939, em Nova York/EUA por Martin Goodman: a Marvel Comics. Ela foi uma das principais editoras de quadrinhos, que iniciaram um movimento não só de entretenimento, mas, principalmente, de valorização e legitimação de uma identidade americana perante o contexto mundial, o entre guerras. Histórias e personagens foram criados para enaltecer o espírito americano e legitimar políticas internas e externas (CARDOZO, 2020).

Aqui talvez coubesse um parágrafo falando sobre a importância ou o uso que as HQs vão tendo na sociedade, passando de um produto comercial de entretenimento para um objetivo potencial de aprendizagem. Textos de Vergueiro podem até ser uma citação.

³ Disponível em: <https://www.domestika.org/pt/blog/3726-10-marcos-da-cultura-geek-que-voce-precisa-conhecer>.

⁴ Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Geek> e <https://jandaia.com/blog/cultura/cultura-geek-o-que-e-e-por-que-esta-crescendo-tanto/>.

Nesse viés, a aprendizagem vai além da simples diversão e passa a atingir um ponto importante no desenvolvimento de consciências históricas ao mesmo tempo em que potencializa uma nova visão de mundo acerca de problemas atuais e cotidianos, como preconceito e a diversidade. Assuntos importantes, muitas vezes, são colocados em pauta e, a partir disso, a cultura dos quadrinhos vai ganhando identidade e ultrapassando fronteiras, não só agregando entretenimento ao indivíduo, mas também chamando sua atenção para temas sociais, políticos, científicos, entre outros (CARDOZO, 2020).

Não é objetivo aqui aprofundar ou definir conceitos a respeito das HQs, o objetivo é ressaltar a sua importância como objeto de consumo de uma cultura que cresce de maneira exponencial e hoje se faz sentir tanto nos meios impressos quanto nos digitais. Sites especializados em dar acesso a esse conteúdo crescem a cada dia. No site de vídeos YouTube há canais como Ei Nerd, Quatro Coisas, Gustavo Cunha e Ricardo Rente que percorrem não só sobre HQs, mas também sobre filmes baseados nas Histórias em Quadrinhos⁵.

A partir disso, resalto a importância do uso da História em Quadrinho no meu Trabalho de Conclusão de Mestrado, já que o jovem hoje vive uma cultura em que os quadrinhos estão mais acessíveis a uma grande massa de consumidores, possibilitando que sejam tratados neles assuntos importantes. Essa nova forma de experienciar inúmeros contextos históricos, por mais “simples” que se possa imaginar, possibilita que o leitor entenda que em suas entrelinhas ela traz uma aprendizagem histórica importante para quem lê uma HQ.

Nesse sentido, Douglas Mota Xavier de Lima (2017) nos traz em seu artigo intitulado “*Histórias em quadrinhos e ensino de História*”, uma leitura a partir da inserção das HQs no ambiente escolar. Isso se destaca com o surgimento de novas abordagens e manifestações no ensino básico. Douglas de Lima resalta que o ponto alto “da promoção dos quadrinhos no ensino foi a publicação de HQs pelo Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE), em 2006” (LIMA, 2017, p. 149). Esse programa foi responsável pela compra e distribuição de obras desse tipo nas redes públicas de ensino básico. Segundo Douglas (2017), no ano de 2006 “foram comprados [pelo governo federal] 225 títulos, dos quais dez eram histórias em quadrinhos” (LIMA, 2017, p. 149).

⁵ Links disponíveis em: https://www.youtube.com/channel/UCt_4wzTQqmcUvemNkeO0p1A;
<https://www.youtube.com/channel/UCMzpsrLkP9IE5Wqt-c2Aag;>
<https://www.youtube.com/channel/UCfUE4aSsJSOmeGcnwue9TnQ;>
<https://www.youtube.com/channel/UCevalHgjRXaYX3S6uQY8rig;>
<https://www.youtube.com/channel/UCI4zRQ0nPLCdQVYAkV54d0Q;>
https://www.youtube.com/channel/UCMn_W4pe7msJS77koaT96gg

Além disso, era preciso que se fizessem esforços no que diz respeito a uma necessária “alfabetização na linguagem dos quadrinhos” (VERGUEIRO, 2005 *apud* LIMA, 2017, p. 151-152) na medida em que a História em Quadrinhos possui linguagem própria, trama, enredo, tempo e movimentos próprios de seu estilo e que são definidos por quem conta essa história (LIMA, 2017, p.152).

Com essa reflexão sobre as HQs no ambiente escolar se abriu espaço para que o ensino de História discutisse formas de se utilizarem esses materiais de forma didática, já que é preciso que haja problematização do uso delas. Segundo Lima, “a problematização sobre o uso das HQs no ensino de História no Brasil não constitui novidade, podendo ser encontrada em artigos, dissertações e trabalhos de conclusão de curso” (LIMA, 2017, p. 153).

Nesse sentido há diversas possibilidades para o uso das Histórias em Quadrinhos no ensino de História. Além de possibilitar entretenimento, elas possibilitam debates, discussões (até mesmo teóricas), as quais possam levar o aluno a experienciar questões como diferença, amizade, coragem, honra e ética a partir de personagens e contextos que agreguem experiência prática para o aluno (RÜSEN, 2006).

E é nesse sentido que a confecção de uma HQ como produto deste Trabalho de Conclusão de Mestrado em História se propõe a trazer à luz dois personagens históricos e as ideias de como seu governante deveria agir para garantir a estabilidade de seu governo. Maquiavel e Voltaire propuseram isso em seus respectivos contextos, século XV e século XVIII, agora nosso esforço é tornar suas ideias acessíveis para um público contemporâneo, dentro da aula de História para alunos do ensino médio.

Como referencial teórico, utilizamos a visão teórica de Jörn Rüsen (2001; 2007), que tem na Didática da História suas bases para que o professor dessa disciplina possa, através do seu ensinar, perceber e trabalhar sobre os mais diversos assuntos, promovendo uma aprendizagem histórica satisfatória para o aluno e seu ensino. Através de conceitos como consciência histórica, principalmente, Rüsen traça, também, os objetivos e funções, as quais irão ajudar na percepção das múltiplas historicidades que irão compor as peças-chave da relação da nossa história com o presente (ARAÚJO; VAZ, 2017).

Como método, além da pesquisa realizada no portal da CAPES, realizei um levantamento bibliográfico com o objetivo de compreender os contextos a que ambos os autores estavam inseridos e que os motivaram a escrever suas obras. Como sabemos, o Renascimento, a partir do século XV até fins do século XVIII, com a Revolução Francesa, foi palco de um despertar humano em relação ao seu papel diante de si mesmo e do mundo (PERRY, 2002). E é nesse sentido que buscaremos entender os embates e combates travados

por Maquiavel e Voltaire através de suas obras, “O Príncipe” e “A Princesa de Babilônia”. Nessas obras, ambos vislumbraram um príncipe que seguisse à risca as diretrizes traçadas e que refletiam a visão de como esse futuro monarca deveria se espelhar e nossa HQ tem por finalidade apresentar suas ideias.

2. DISCUSSÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

Minha proposta se apoia na teoria de Jörn Rüsen (2006), que traz a didática da história como principal aliada do ensino de História na medida em que ela nos apresenta conceitos, objetivos, funções e práticas que nos ajudam a perceber as diversas historicidades e, a partir disso, compreender a nossa história e a sua relação com nosso presente (ARAÚJO; VAZ, 2017).

Rüsen⁶ aponta, como salientado no início do trabalho, para o estudo sobre a didática da História como uma forma de compreender como o aluno experiencia o passado. Dentro dessa visão, os pesquisadores, que mais têm discutido sobre o tema são Luis Fernando Cerri (2010), Edinalva Aguiar (2015), Max Lanio Martins Pina (2015), Odilmar Cardoso (2008). Eles nos ajudaram a compreender essa relação entre o ensino de História e a Didática da História dentro da perspectiva rüseniana, que diz que o objetivo dela é investigar o aprendizado histórico em todas as suas dimensões e manifestações na consciência histórica, pois é preciso entender como esse aprendizado do passado é experienciado e interpretado, objetivando uma percepção e mudança no futuro e como acontece essa mudança (RÜSEN, 2006).

A partir disso, podemos compreender o ensino de História e consciência histórica⁷ como o processo de tomada de conhecimento e ação por parte o indivíduo. Este se torna consciente de seu lugar no processo histórico, e essa tomada de consciência histórica foi evidenciada pelo estudioso Jörn Rüsen⁸, o qual propõe uma didática do ensino de História que procure apontar direções para a compreensão dessa tomada de consciência por parte, principalmente dos alunos, para que, a partir disso, eles possam colocar esse aprendizado histórico em sua vida prática e se orientem historicamente, notando que são e fazem parte, além de se moverem nos processos históricos (PINA, 2013).

De acordo com Max Lanio Pina, “o pensamento rüseniano vem causando polêmica no Brasil” (PINA, 2015, p. 284), já que suas interpretações e análises das ações humanas no

⁶ Willian Carlos Cipriano Baron e Luis Fernando Cerri (2012) nos dizem que, Jörn Rüsen, na Universidade de Colônia, estudou História, Filosofia, Pedagogia e literatura alemã. Era estudioso de Johann Gustav Droysen e em 1966 concluiu sua teoria da história de Droysen, que foi um dos mais importantes teóricos do historicismo alemão. Além disso, lecionou teoria da história em diversas universidades alemãs. Foi professor de História na Universidade de Ruhr, permanecendo até suceder Reinhart Koselleck na universidade de Bielefeld, em 1989.

⁷ Oldimar Cardoso define Didática da História como a busca da compreensão não só do cotidiano escolar, no que tange aos métodos pedagógicos, mas sim de como a cultura histórica se dá não só no cotidiano, mas para além dele (CARDOSO, 2008). Ou seja, é necessário compreender como se dão esses *insights* cognitivos que constituem a cultura e a consciência histórica de uma forma mais abrangente.

⁸ Rüsen foi um estudioso da História, Filosofia, Pedagogia e Literatura na Universidade de Colônia, na qual foi titulado doutor no ano de 1966.

tempo e dos processos cognitivos fundamentam o conhecimento histórico a partir da consciência histórica. Há os que não acreditam que suas teorias sejam aplicáveis dentro da realidade escolar brasileira por ter sido aplicada dentro da cultura escolar alemã devido à aproximação da academia brasileira com o pensamento histórico francês (PINA, 2013).

As reflexões de Rüsen sobre a História são de que ela deve ser compreendida como uma ciência que se preocupa com as diversas historicidades humanas, ou seja, para ele não há uma única história, uma única compreensão humana do tempo, pois se faz necessário compreender como esse indivíduo entende e se situa no tempo em relação a sua orientação e consciência histórica, terreno no qual a didática da História entra como mecanismo para que o professor dessa disciplina entenda como se dá esse processo cognitivo de compreensão histórica e onde essa compreensão se encaixa na cultura histórica escolar.

Em virtude disso, tais reflexões oriundas da historiografia alemã tiveram grande receptividade dentre os historiadores brasileiros quando o professor e pesquisador da Universidade de Brasília (UnB), Estevão de Rezende Martins, foi o responsável por parte da tradução das obras de Rüsen. Suas obras formaram uma tríade de Teoria da História e foram traduzidas e publicadas pela UnB: O livro I – Razão Histórica (2001), livro II – Reconstrução do Passado (2007) e Livro III – História Viva (2007b), todos publicados originalmente em alemão, respectivamente, em 1983 e 1986 (PINA, 2013).

Max Lanio Pina (2013) ressalta que, de acordo com Estevão Martins Resende, “Jörn Rüsen milita, há décadas, com suas reflexões teóricas, sobre os fundamentos da consciência histórica, do pensamento histórico, da cultura histórica e também da ciência da história” (PINA, 2013, p. 286).

Rüsen defende uma teoria da história circular, em que o ponto de partida para a reflexão histórica pressupõe interesses que evidenciam carências de orientação histórica em relação ao passado em vistas do futuro. Esses interesses logo se transformam em ideias que passam a orientar as perspectivas do passado. Essas ideias passam pelo crivo dos métodos, os quais irão tomar forma através de um conteúdo histórico válido pelas ciências especializadas e irão retornar para a vida prática na forma de funções que irão orientar a existência da vida na prática (RÜSEN, 2001 *apud* PINA, 2013).

Essas operações só são possíveis devido a uma característica inerente a todo o ser humano, a consciência histórica. Segundo Max Pina (2013), ao citar Rüsen, o qual entende por consciência histórica “a suma das operações mentais com as quais os homens interpretam sua experiência da evolução temporal do seu mundo e de si mesmo, de forma tal que possam orientar, intencionalmente, sua vida prática no tempo” (RÜSEN, 2001 *apud* PINA, 2013, p.

288). Ou seja, é a consciência histórica que faz a união do passado, presente, futuro nos quais a História é uma condição humana (PINA, 2013).

Para Rüsen, existem variações da consciência histórica e estas determinam o tipo de interação que o homem tem com a História. Essa interação se mostra através da narrativa de que a cognição humana possui quatro tipos de apresentação dessa consciência histórica, que são: tipo tradicional, tipo exemplar, tipo crítico e tipo genético (PINA, 2013).

Na primeira, o ser humano baseia suas ações na tradição, no que foi traçado como conduta ou valores tradicionais como referencial de existência; na segunda, ele se baseia nas condutas exemplares a serem seguidas, utilizando o passado como referencial; a terceira se baseia em questões morais calcadas em valores culturais; e a quarta e última é a genética, que se apoiará na ideia de mudança, transformação e desenvolvimento, que não aceita possuir um futuro igual ao passado, ou seja, esse tipo de consciência histórica rompe com as tradições e modelos existentes na história. (RÜSEN, 2011).

Sendo assim, a consciência história se torna toda a fonte de pensamento histórico (RÜSEN, 2010) no sentido de que o homem possui a experiência do passado e a interpreta como História. Ou seja, a consciência histórica é muito mais do que conhecer o passado e nada mais, ela é a soma de inúmeras interações e interpretações mentais, através das quais o homem interpreta e entende o mundo e seu tempo e, a partir disso, orienta suas ações e sua existência. Sendo ela intrínseca ao ser humano a partir da narrativa, se torna algo materializado e por isso as narrativas são um fator muito importante nesse agir histórico e, a partir disso, podermos compreender a complexidade entre razão, narrativa e consciência histórica em Rüsen (MARRERA; SOUZA, 2013).

Nesse sentido, então, a consciência histórica e a narrativa nos ajudam a entender a relação entre a História e a vida prática. Para Rüsen, não é possível dissociar História da história da vida prática já que essa interação tem que ser útil, ser divertida e ser motivadora (SANTOS, 2015). Sendo ela, a consciência histórica como experiência do passado, a partir disso, é um elemento chave na orientação individual, dando noções à vida prática de tempo, de concepção histórica, de sentido e significado, onde essa orientação irá adquirir um “nexo significativo entre passado, presente e futuro, entre o ontem, o hoje e o amanhã” (SANTOS, 2015, p. 3).

A História como disciplina se dá a partir da sequência de fatos que são expostos por essa narrativa trilhada no caminho da história ocorrida e como ela foi narrada. Ou seja, por exemplo, o historiador, quando está escrevendo sua história, está lendo e relendo suas fontes, que, ao mesmo tempo, passam informações e vivências contextuais de um passado (SANTOS,

2015).

Essa narrativa, que nos dizeres de Santos ao citar François Dosse, serve como mediadora entre o objeto narrado e o conteúdo de experiências e expectativas ligado ao sujeito e ao interpessoal com vistas ao futuro. E, ao citar também Koselleck, Santos (2015) diz que esse espaço de experiência e expectativa depende um do outro e que define as categorias de esperança, de medo, de inquietude, de vontade e desejos que movem o homem através do tempo.

E o entendimento desse processo de compreensão, que busca entender os mecanismos narrativos, os quais buscam entender como se dá essa tomada de consciência histórica que se materializa através da narrativa histórica é papel da didática Histórica. Para Rüsen, o objetivo da didática da História é investigar o aprendizado histórico em suas dimensões e manifestações na consciência histórica, pois se torna necessário conhecer como esse aprendizado do passado é experienciado e interpretado com objetivo de mudar o futuro e como acontece esse *insight* (RÜSEN, 2006, p.07-16).

Max Lanio Pina (2013), ao mencionar Estevão Resende Martins, diz que Rüsen considera a didática, no caso, a alemã, em dois momentos: o primeiro se resume na didática tradicional, que se apoia no sistema escolar institucionalizado, ou seja, nas academias; e o segundo, o ambiente genérico/social, onde ela transforma o “cotidiano humano em um campo gigantesco para pensar e pesquisar o tempo vivido” (PINA, 2013, p. 289).

Dessa forma, Pina (2013) entende também a partir de Rüsen que, a didática da História investiga os usos da História na vida prática na medida em que não é só na escola ou no meio acadêmico que se aprende, mas também aprendemos através de inúmeras possibilidades, sejam elas em discursos políticos, religiosos, no cinema, na mídia, nos jornais, em jogos eletrônicos, na literatura e etc. (ARRAIS; OLIVERIA, 2012 *apud* PINA, 2013).

Então, a partir dos anos 60 e 70, na Alemanha, houve uma virada paradigmática da didática da História, e ela deixa de ser uma mera auxiliar da História para tomar a frente nos estudos sobre como se aprende História em suas mais diversas formas e funções pelos estudantes, os quais recebem os conteúdos da disciplina (PINA, 2013). Esse processo de recepção de conteúdo recebido pelos alunos da disciplina de História é chamado por Rüsen (2011) de “aprendizado histórico”, o qual se expressa na capacidade do indivíduo de dar sentido a sua experiência do tempo, através da sua narrativa histórica por meio de competências desenvolvidas para tal (PINA, 2013).

Outros pesquisadores como Luis Fernando Cerri (2010; 2012), Edinalva Aguiar (2015), Odilmar Cardoso (2008), principalmente, partem das premissas de Rüsen, para

compreender e discutir sobre a didática da História, ensino de História e consciência histórica. Dessa forma, a didática da História tende a contribuir para que, através do ensino de História, se promova a construção de uma identidade razoável, auxiliando para que haja uma consciência histórica que inclua e aceite as diferentes multiculturalidades expressadas por diferentes comunidades, promovendo uma “história das ideias do mundo” nos dizeres de Cerri (CERRI, 2010, p. 277).

Sobre didática da História, Odilmar Cardoso (2008) nos diz que ela é uma subárea da História quando ela se torna apenas reprodutora do saber científico acadêmico, na medida em que os professores no Brasil têm a liberdade de criar suas próprias disciplinas escolares sem um currículo definido, o que é diferente na França, onde os currículos escolares são definidos em seus conteúdos, bem como data de sua aplicação (CARDOSO, 2008). Ou seja, no caso do Brasil, isso promove uma cultura escolar mais liberal, proporcionando mudanças significativas, fomentando desenvolvimento de uma consciência histórica alinhada com uma cultura histórica capaz de desenvolver consciências críticas que orientem o sujeito temporalmente, ligando passado e presente como referência para se compreender essa ligação. (CARDOSO, 2008).

Contemplando o pensamento de Cardoso (2008), Cerri (2010) apresenta a prática do ensino de História com o intuito de formar o bom cidadão, aquele modelo de sujeito para o qual os professores de História deveriam nortear seu ensino. É preciso que ele possa dar valor para a nação, ser útil à pátria através de uma consciência histórica que o situe temporalmente, que o leve a tomadas de decisões e, a partir disso, seja proporcionado ao aluno um letramento histórico que o oriente e o reorienta historicamente. (CERRI, 2010).

Na mesma linha de raciocínio sobre didática da História, os autores Luis Fernando Cerri (2001) e Edinalva Padre Aguiar (2015), respectivamente, se aproximam quando ambos concordam com a ideia de Jörn Rüsen (2006) sobre consciência histórica como intrínseca ao indivíduo quando ele se orienta e se situa no espaço tempo, em relação ao outro. Dessa forma, existem múltiplas consciências históricas, e a didática da História tem o desafio de promover um ensino de História que procure instigar pesquisa para além da sala de aula e compreender o outro nas suas mais específicas formas de aprender, compreender e ressignificar a História, podendo assim, a partir disso, haver um *insight* que possibilite uma mudança de consciência histórica.

Para Cerri (2010), ainda, é preciso trabalhar o conceito de consciência histórica de uma melhor forma, priorizando a ótica de diferentes autores que procuraram formular uma sistematização sobre o termo para que se tenha uma compreensão de suas implicações no

fazer e ensinar História, pois essa consciência histórica é múltipla, tem diferentes temporalidades, não se fecha em si mesma e traz à tona realidades diferentes que podem ou não ser excludentes.

Em relação à pesquisa, Rüsen (2001) parte do caso alemão para discutir didática da História, consciência histórica e ensino de História, enquanto Cerri mostra características que corroboram ou não para uma didática da História que produza resultados para o ensino de História, pois são fatores determinantes, além dessa consciência histórica, a identidade social de grupos, de uma pequena comunidade, a noção de nós e eles, o discernir o certo do errado.

Para Edinalva já é uma questão de currículo escolar, no qual há duas didáticas distintas, a didática geral e a didática da História. Segundo ela, “no Brasil, tradicionalmente os currículos de Licenciatura em História surgiram do método 3+1, ou seja, três anos destinados às disciplinas de conteúdos históricos e um ano às disciplinas de caráter didático” (AGUIAR, 2015).

Ainda para Edinalva (2015), a didática geral se aproxima mais da pedagogia quando ela cumpre a sua função educativa no processo de ensino aprendizagem; diferentemente, a didática da História que foca na cientificidade e na aprendizagem histórica na qual Aguiar toma como base Rüsen para definir e discorrer sobre didática da História e consciência histórica. Para ela, a Didática se mecanizou na busca por métodos, por técnicas e por mensurações, o que instrumentalizou sua prática para que o sujeito saiba fazer, sem precisar refletir sobre esse fazer. Sendo assim, é preciso uma didática da História que seja uma teoria da didática da História que permita ao sujeito desenvolver uma consciência histórica que contribua para solucionar problemas da sua vida prática.

Contribuiu também sobre a questão do ensino de História, principalmente, o professor Ivo Mattozi (2015), na medida em que, desenvolver um ensino de História através de uma epistemologia e uma metodologia mais eficaz poderá promover o interesse por parte dos alunos, buscando formar suas habilidades (cognitivas, interpretativas e narrativas) e, de maneira fundamental, seu conhecimento histórico.

Cabe ao professor de História buscar modificar e corrigir os seis erros, os quais iremos explicar no decorrer do próximo parágrafo, mais comuns em ensino da disciplina, que é o fato de que a História é diferenciada entre fatos, feitos e ações realizadas e como se representam e se interpretam, na medida em que isso leva os alunos a acreditarem que existe um passado real, palpável e que pode ser entendido fora do contexto representativo. Nesse sentido, tem-se a História como simples reconstrução dos feitos, cabendo à historiografia interpretar esses feitos (MATOZZI, 2015, p. 59).

O primeiro erro é de que se entende o passado e presente como processos históricos que existem separados um do outro sem terem relação nenhuma, o que, tanto para o professor quanto para o aluno, impede que o conhecimento histórico seja valorado (MATTOZI, 2015, p. 59).

O segundo é a distinção entre História e Interpretação na medida em que se presume que exista uma reconstrução do passado objetiva, necessária e aceitável e que logo após isso se introduzirá a interpretação do historiador, que subjetiva por si, irá sofrer objeções e controvérsias, o que é errado, pois toda a reconstrução nua e crua dos fatos é produto de uma interpretação, seleção e crítica de fontes, que se dá a partir de uma operação interpretativa que liga teias, ideias e relações significativas (MATTOZI, 2015, p.62).

O terceiro é a ideia de que a informação está em sua totalidade nas fontes, e essa informação só se obtém através delas. Essa informação primária não é e não será toda a informação necessária para que se deduza que ela é verdadeira, pois existem inúmeras outras atividades com as quais o historiador produz informação, com base em suas referências culturais, seus esquemas cognitivos e sua capacidade interpretativa e narrativa que lhe permite organizar essa informação em grupos e séries que se relacionam com o contexto em questão (MATTOZI, 2015, p.61-62).

O quarto é a presunção de que existem fontes que naturalmente são “históricas”, o que é errado, porque, quando se menciona fonte, o professor logo associa os documentos de arquivos ou arqueológicos, pois existem outras possibilidades de investigação como fontes materiais e imateriais que podem servir de objeto para promover a construção do conhecimento (MATTOZI, 2015, p.62).

O quinto é a ideia de que as consequências do presente são fruto do acontecimento passado, ou seja, existe uma ideia de causa e efeito, até mesmo quando se fala de feitos individuais. Mas é preciso tomar cuidado tanto quando se analisam os feitos coletivos quanto os individuais, pois isso requer levar em consideração condições, conjunturas, conjecturas, circunstâncias, acidentes e múltiplos fatores e sujeitos (MATTOZI, 2015, p.62).

E por fim, o sexto é a ideia errônea de que a História é mestra da vida, a qual é responsável por evitar que os erros do passado sejam cometidos no presente. Isso dependerá de um ensino de História que não promova uma única história, uma história que por mais que seja boa ou ruim, detalhada e profunda em conhecimentos a nível geral, de inúmeras construções, explicações e interpretações diferentes, não é única e não é atribuída como tal.

A História ensinada pelo professor tem que promover conhecimento histórico útil para a compreensão do presente e que influa na tomada de decisão com base em duas premissas:

uma que explique os processos que geraram o mundo como ele é atualmente e a outra que eduque a mente para raciocinar razoavelmente sobre esses processos em curso (MATTOZI, 2015, p.63).

Dessa forma, o professor terá que promover um ensino, como salientou Ivo Mattozi (2015), atentando para evitar os erros comuns quando se ensina História, e que promova, além da busca da compreensão do outro, também de como se dá esse processo de aprendizagem histórica, que é objeto da didática da História, a qual promova debates e olhares para além da sala de aula.

E é a partir de toda essa discussão feita sobre ensino de História, consciência histórica e didática da História que o produto idealizado neste trabalho, que é uma História em Quadrinhos (HQ), venha auxiliar o professor nessa tarefa. Pretendemos, através dessa HQ, fazer com que o aluno possa experienciar, de acordo com Rüsen (2006), a temática dos “Espelhos de Príncipe” a partir de Maquiavel e Voltaire.

Para situar o leitor com o nosso tema “Espelhos de Príncipe”, extraímos excertos das obras, em questão, os quais demonstrem o modelo de monarquia proposto pelos autores, bem como traremos como complemento para nossa discussão os estudiosos que contribuíram, a partir de seus estudos de Maquiavel e Voltaire, dentro do nosso tema “Espelhos de Príncipe”, evidenciados na pesquisa da CAPES mencionados anteriormente.

Também, como parte de nossa metodologia, contextualizamos as obras “O Príncipe”, de Maquiavel, e “A Princesa de Babilônia”, de Voltaire, pois precisamos trazer todo o contexto em que nossos autores estiveram mergulhados e que influenciaram todo o seu pensamento. Inserimos Maquiavel e Voltaire com isso, dentro do tema “Espelhos de Príncipe” na medida em que o aluno deve, através desses “restos do passado”, experienciar esse passado e de alguma forma mudar sua consciência histórica e, a partir disso, utilizar esse passado como referencial em seu presente (RÜSEN, 2006).

Maquiavel (1469) nasceu em uma época de plena transformação intelectual, científica e estrutural a qual mexeu com as bases medievais de até então, agarradas em dogmas extremamente religiosos e apegadas em uma visão dualista de bem e mal, profano e sagrado e angelical e demoníaco (PERRY, 2002). Uma península itálica fragmentada em principados a partir do século XV transformou-se em todos os níveis. A indústria, o comércio, o advento e o advento do capitalismo ditaram essa mudança (PERRY, 2002, p. 216).

A Renascença (1350-1600) marcou o início da modernidade europeia. Artistas e filósofos tentaram resgatar o antigo esplendor greco-romano em todos os aspectos artísticos e filosóficos (PERRY, 2002, p. 216 e ss.). Com isso as cidades-estado italianas se tornaram

centros urbanos desenvolvidos e autônomos entre si. Além disso, na maioria da Itália, o esplendor da Antiga Roma era visível por toda a parte desde manifestações artísticas até esculturas.

O comércio, fruto da predominância dos negócios, fez também com que essas cidades-estado se convertessem em prósperos centros comerciais, o que as motivou a adotarem um sistema de governo autônomo republicano, conduzido por um magistrado-chefe (PERRY, 2002, p.217). Logo esses sistemas foram demonstrando certa fraqueza, o que abriu caminho para o surgimento de déspotas durante o século XIV e início do século XV (PERRY, 2002, p. 217). Devido a isso, as cidades-estado começaram a confiar seu governo a soldados mercenários, cujos líderes, os chamados *condottieres*, passaram a tomar as rédeas do poder para si (ZANETTI, 2017).

Florença, que era a principal cidade-estado italiana, conseguiu resistir bastante a essa tendência adotada por outras cidades (PERRY, 2002, p. 217 e ss.), mas não por muito tempo, pois, em meados do século XV, os Medici, uma rica família de banqueiros, em 1430, se instalou no poder sob o comando de Cosimo de Medici. Seu neto, Lorenzo, o Magnífico, conseqüentemente, acabou com o sistema republicano em 1480 (PERRY, 2002, p. 218-220).

Todas essas mudanças econômicas e políticas trouxeram para a sociedade renascentista um novo prisma. Um novo foco surge: o homem pelo homem, não mais submetido e subjugado por algo divino e punitivo. O divino agora está cada vez mais separado das coisas do mundo e do homem.

A essência individual do homem era o ponto fundamental que a elite urbana buscava. A sua própria personalidade, seu reconhecimento, seu talento e suas condições para a realização de coisas notáveis, marcaram a característica de uma Itália voltada para essa nova visão de mundo, a qual colocava o homem, suas realizações, seus desejos e suas ambições acima das antigas tradições cristãs, lançando as bases para o surgimento e a consolidação do humanismo como o principal movimento intelectual da Renascença (PERRY 2002).

O Humanismo teve como premissa principal, nas palavras de Perry (2002), “um programa educacional e cultural baseado no estudo da antiga literatura grega e romana” (PERRY, 2002, p.221). A antiguidade clássica foi revivida em todos os aspectos literários e culturais, pois os estudos sobre as filosofias grega e romana foram estimulados na medida em que os humanistas renascentistas queriam conhecer, através da leitura, Homero, Demóstenes, Platão, Aristóteles e outros (PERRY, 2002, p. 221 e ss.).

A visão medieval de até então era determinista e colocava o homem e a mulher como seres pecaminosos e mundanos, e que, devido a isso, eram incapazes de alcançar a própria

salvação, dependendo sempre e unicamente da bondade e misericórdia divina (PERRY, 2002, p. 222). Ao contrário disso, os humanistas acreditavam que o homem e a mulher tinham a capacidade de alcançar a “salvação” através de seu esforço pessoal, que ia além da educação, pois esse objetivo era alcançável e todos eram capazes disso.

Nessa perspectiva, as pessoas eram, nas palavras de Perry (2002), “capazes de excelência em todos os campos”. Giovana Pico della Mirandola (1463-1494), em sua obra *Discurso sobre a dignidade humana* (1486), afirmava que o homem era livre para seguir sua vida, pois Deus o teria criado para ser livre e dono de si para poder moldar sua vida e ter orgulho disso (PERRY, 2002, p. 222).

2.1. MAQUIAVEL: contexto e obra

A vida e a obra de Maquiavel (1469-1527) estavam envolvidas nessas premissas renascentistas, que fizeram florescer os ideais clássicos e a recuperação da sabedoria na qual a ideia de “progresso” dava a certeza de que “os modernos” poderiam superar até mesmo os antigos gregos e romanos. Nascido em 03 de maio de 1469, filho do advogado Bernardo Maquiavel e Bartolomena Nelli, ambos de origem toscana. Sobre seus primeiros anos de vida e de sua juventude não se sabe quase nada, pois o fim da sua adolescência se confunde com a história de Florença e da Itália (MACHIARELLI, 1983, p. X).

Aos 29 anos, Maquiavel entra para o cenário político ocupando um cargo de pequena importância na Segunda Chancelaria, que era um órgão encarregado dos assuntos de guerra e política interna (COUTINHO *et al.*, 2017). Como funcionário permanente (MACHIARELLI, 1983), desempenhava um mero papel na execução das decisões relativas aos *ottimati*, sendo responsável, em nome deles, de administrar assuntos relativos a negócios e as relações externas da república. Era, além disso, comissionado no Conselho dos Dez da Guerra, o que ocasionou a Maquiavel sérios problemas em virtude da decadência do imperialismo florentino frente às cidades vizinhas, que eram apoiadas por potências estrangeiras (MACHIARELLI, 1983, p. X).

Com as instabilidades internas, Maquiavel (1983) viu, em 1501, sua querida Florença ser invadida e dominada por César Bórgia, filho do Papa Alexandre VI e um influente e poderoso *condottiere* (ZANETTI, 2017), episódio no qual ele exigiu o retorno dos Médicis e também um contrato de protetor da cidade. Isso marcou profundamente a sua vida porque esse episódio foi o seu primeiro encontro com o seu “ideal de Príncipe”, pois, juntamente com Francesco de Soderini, o bispo de Volterra, foi encarregado de ter conversações com o invasor

de Florença.

Após fazer um relatório sobre o episódio, Maquiavel pôde perceber e afirmar que “ser a história a mestra dos atos humanos, especialmente dos governantes, e que o mundo sempre foi habitado por homens com as mesmas paixões, sempre existindo governantes e governados, bons e maus súditos” (MAQUIAVEL, 1983, p. XI). A partir disso, na perspectiva de Maquiavel, era digna de compreensão a punição a quem se rebelasse e que era crível de que as tropas de Cesar Bórgia repelissem e sufocassem possíveis rebeliões na cidade ocupada.

Esse fato fez com que Maquiavel ganhasse prestígio devido à configuração da guerra e da política interna florentina e, em virtude disso, fosse incumbido de nova missão. Em 1503, ao lado de Cesar Bórgia, ficou três meses nessa missão, o que só reafirmou a admiração de Maquiavel pelo filho do Papa Alexandre VI, pois Bórgia “representava o homem provincial, capaz de unir a Itália, opondo barreiras às intervenções estrangeiras” (MACHIARELLI, 1983, p. XI).

Suas reflexões sobre Cesar Bórgia e sua visão sobre o seu destino final seriam uma constante em suas premissas políticas na sua vida prática. Seu tema vital, o qual se baseava na premissa de que seria necessário agir conforme o contexto político, bem como a ética, a forma de governar e o projeto de unificação da Itália estarão inspirados nos atos, de forma inicial e na vida do *condottiere* para depois se consolidar na figura de Castruccio Castracani (ZANETTI, 2017), seu “Príncipe Ideal” (MACHIARELLI, 1983).

Esse fato, principalmente, insere Maquiavel na perspectiva do tema deste trabalho, que é sobre os “Espelhos de Príncipe” na medida em que estamos compreendendo, além do contexto de Maquiavel, as reflexões dele a partir de suas vivências junto aos personagens que fizeram parte de sua história, como César Bórgia, Castruccio Castracani, a política interna florentina e suas interações internas dentro do corpo governamental florentino (LOPES, 2014).

Maquiavel, a partir disso, fez jus à nova visão dos renascentistas quando começou a refletir, principalmente sobre as questões políticas e morais sob um prisma humano, afastando-se completamente do caráter divino da orientação religiosa medieval (PERRY, 2002, p. 223). Ele acreditava que as cidades-estado italianas deveriam ser governadas por homens astutos e fortes, os quais seriam, a seu ver, os mais indicados para tal (PERRY, 2002, p. 223).

Maquiavel passou a acreditar que a velha política medieval calcada nos valores cristãos já não bastava para explicar as atitudes dos homens frente a assuntos políticos e de guerra na modernidade renascentista (PERRY, 2002, p.223). A moral cristã, no mesmo

sentido, também, já não tinha mais espaço nesse novo contexto. Estado e sua sobrevivência não dependiam mais das atitudes cristãs, mas sim, da ação do homem para a solução de problemas imediatos, pois, no caso do governante, para Maquiavel, era preciso transcender esses valores, sendo o objetivo maior a manutenção do Estado.

Nesse cenário, Maquiavel inicia a escrita de sua obra primordial quando falamos de política: “O Príncipe”, escrito em 1513 e publicado em 1532, que sintetizou o que de mais nato existia no seu pensamento político. Em 26 capítulos, Maquiavel expõe suas ideias sobre como um monarca deveria agir para manter seu governo coeso e unido. Através da apresentação de argumentos, nos dizeres de Marvin Perry (2002), ele “expôs uma nova teoria política que, adequada ao emergente Estado secular moderno, não tinha lugar para a moralidade cristã” (PERRY, 2002, p. 223). Ele, a partir disso, teve consciência de que governar consistia em uma arte que deveria ser praticada à luz da razão e que não caberia espaço para ilusões morais e religiosas (PERRY, 2002, p.223 e ss).

Maquiavel dedica a sua obra para, em suas palavras (2009), “O Magnífico Lourenço de Médicis”, duque de Urbino, em 1515, o qual era filho de Pero e sobrinho do Papa Leão X (MAQUIAVEL, 2009, p.131, nota 3). Nesta dedicatória, Maquiavel salienta que seu objetivo, ao escrevê-la, é ir além de um simples presente dado aos soberanos para seu funesto prazer e agrado. Ela é, acima de tudo, uma obra que traz, através de suas páginas, os grandes feitos de “grandes personagens” (MAQUIAVEL, 2009, p.3-4). Maquiavel, além disso, acreditava que Lourenço receberia sua obra de bom grado e que dela fizesse bom uso, o que, na realidade, ele sequer chegou a folhear suas páginas, porque, em 1519, veio a falecer (MACHIAVELLI, 1983, p. VII).

Maquiavel, do capítulo I ao XIV da sua obra “O Príncipe”, faz reflexões sobre os tipos de principados, sobre como soberanos como Alexandre obtiveram êxito ao conquistar reinos, como o de Dario. De como se deveriam governar cidades já ocupadas e governadas por suas próprias leis. Sobre principados conquistados de forma armada ou pela virtude, bem como os conquistados pelas armas de outros e pela fortuna. Também nos conta dos homens que se tornaram príncipes cometendo atrocidades. Os principados civis também são formas de governo mencionadas por Maquiavel. A partir disso, ele nos ensina como medir a força de proteção e armas dos principados. Não esqueceu também dos principados eclesiásticos, no qual destacou o Papa Alexandre VI.

Falou também sobre os tipos de exércitos e dos soldados mercenários, sobre os quais o Príncipe deve ter total domínio para que as bases de seu governo sejam sólidas e não o levem à ruína e ainda dos exércitos auxiliares como as milícias mistas e do próprio país. O príncipe e

seus atributos militares também são mencionados por Maquiavel como sendo parte integrante da sua arte de governar. Essas foram as partes estruturais e físicas de um governo das quais o Príncipe deve estar ciente e praticar e zelar para que seu governo se torne coeso e forte, principalmente no quesito militar e estratégico. Maquiavel as apresenta dos capítulos I até o capítulo XIV.

Do capítulo XV até o XXVI, Maquiavel discorre sobre como deve agir o Príncipe, através de suas qualidades morais, em relação aos seus súditos e seus comandados. Seu “Príncipe” pode incorrer, justo pelo fato de ser um homem de carne e osso, em atitudes que possam torná-lo, nos dizeres de Maquiavel, digno de “reprovação ou louvor” (MAQUIAVEL, 2009, p.74). Dessa forma, haverá os que digam que ele será ou dadivoso ou mísero, pródigo ou rapinante, piedoso ou cruel, entre outros (MAQUIAVEL, 2009, p.74). Maquiavel (2009) ainda atenta para o fato de que, seria cômodo para todos se o príncipe possuísse somente qualidades boas, mas ele vê além, porque seu príncipe, antes de ser tratado como tal, é um homem de carne e osso e que está suscetível a virtudes não tão honrosas, mas que, na visão de Maquiavel, elas podem decidir o futuro do seu monarca, dependendo da ação que ele tomar, sendo ela virtuosa ou não.

O ponto principal da obra, a nosso ver, é o capítulo XVII, no qual Maquiavel discute a questão de que se é melhor o príncipe ser amado ou temido. Ser virtuoso ou cruel para Maquiavel (2009) era uma das questões-chave em pensamento. Mas não podemos deixar de discutir virtude (*Virtù*) em Maquiavel à luz de autores que trabalharam esse conceito como sendo um dos eixos, junto com o conceito de fortuna, imprescindível para o Príncipe.

Segundo LOPES (2012), “a *Virtù* não é uma mera imagem de retórica (...), mas é o motor das alterações, a força que arranca do príncipe o ímpeto, a vontade, a capacidade do indivíduo de (...) sobrepor-se (...), (...) mesmo contra as maiores adversidades” (LOPES, 2012, p.70.). Lopes (2012, p.70) sintetiza esse conceito a compará-lo com uma “capacidade de explosão”, do qual o príncipe seria o responsável por deixá-lo como exemplo para a posteridade, principalmente se essa “explosão” resultasse num ato heroico. Maquiavel demonstra isso em sua obra “O Príncipe” por confrontar as ações do príncipe com os valores morais cristãos na medida em que algo que é totalmente deplorável na visão cristã para ele não seria desde que fosse para atingir um fim maior, ou seja, manter a unidade do Estado (LOPES, 2017).

Para Lucca Zanetti (2017), o príncipe, possuidor da *Virtù*, possui as qualidades necessárias para manter seu governo, pois sem ela ele estaria largado a própria sorte. Sendo assim, nas palavras de Zanetti, “esse príncipe maquiaveliano é assim similar a reis, príncipes e

imperadores medievais uma vez que sua maior atribuição continua sim sendo a manutenção da ordem (...)” (ZANETTI, 2017, p. 59). Essa ordem para Maquiavel seria mantida através de “acordos” políticos e não de uma obrigação imposta pela doutrina cristã (ZANETTI, 2017, p. 59).

Sobre *Virtù*, Maquiavel, em sua obra “O Príncipe”, é enfático quando se refere aos novos principados conquistados, principalmente, pela virtude, pois ele dava mais mérito às conquistas realizadas pela virtude, porque elas poderiam e deveriam ser imitadas pela posteridade. Segundo ele, “o homem prudente deverá constantemente seguir o itinerário percorrido pelos grandes e imitar aqueles que se mostraram excepcionais, a fim de que, caso o seu mérito (*virtù*), (...) possa ele ao menos recolher desta leve fragrância” (MAQUIAVEL, 2009, p. 24).

Não podemos separar da *virtù* a *fortuna*, que, aos olhos de Maquiavel, está intimamente ligada ao fato de que o príncipe, ao mesmo tempo que possui méritos e qualidades, também dispõe de sorte para superar obstáculos ou, ainda, se tornam príncipes por pura sorte (*fortuna*). Ou seja, nas palavras de ZANETTI, “a *Fortuna* sumariza (...) todos os recursos e eventos que o príncipe não pode controlar diretamente” (ZANETTI, 2017, p.62).

Além disso, não podemos esquecer que a figura do príncipe maquiaveliano adquire, a partir disso, características animais quando ele o assemelha a um leão no que tange a sua coragem e objetividade, e a uma raposa quando se refere a sua astúcia e esperteza. A habilidade de guerrear deve estar aliada à habilidade de governar. Sobre isso ZANETTI nos cita, em sua Dissertação, a alegoria mitológica de Aquiles e Quíron, o Centauro que instruiu Aquiles nas artes do combate e da poesia, se beneficiando de ambas as instruções que o tornariam um ser lendário e o fariam ser lembrado até os dias de hoje (ZANETTITI, 2017, p.63).

Também, no contexto maquiaveliano, o príncipe deve escolher entre ser amado ou ser temido. Segundo Maquiavel (2009), ele pode ser amado por sua piedade ou temido por sua crueldade, mas, sobretudo, deve ter cuidado em fazer uso dessa piedade. Como exemplos, Maquiavel cita César Bórgia, que foi tido como cruel, mas que através da crueldade trouxe a “reconciliação interna a Romanha, fê-la coesa, reconduzindo-a a um estado de paz e de felicidade (MAQUIAVEL, 2009, p.79).

Nesse sentido, Kleber Eduardo Men (2013) destaca que foi determinante e polêmico o fato de o príncipe ser amado ou temido pelos seus súditos haja vista o contexto em que vivia Maquiavel. A instabilidade e a desunião interna a que estava acometida a Itália de Maquiavel pediam que o príncipe agisse com mãos de ferro para que fosse garantido o “fortalecimento

do Estado, o cumprimento da lei e a ordem” (MEN, 2013, p.48). Estava aí, na visão de Maquiavel, parte dos atributos do príncipe para governar (MEN, 2013, p.48).

Nesse sentido, Maquiavel (2009) ressalta que seria melhor ser amado e temido na medida em que os homens, ao mesmo tempo em que são gratos ao seu benfeitor, podem ser ingratos e, então, melhor seria sempre ser temido. Contribuindo com esse pensamento, Kleber Eduardo Men nos diz que “a temeridade à qual o autor se referiu era mais uma questão de respeito para com aquele que estava à frente do Estado” (MEN, 2013, p. 50).

Esse príncipe cruel que incitava um temor em seus súditos foi colocado por Maquiavel, segundo Marcos Antônio Lopes, “no quadro das ditas virtudes dos espelhos de príncipes: o que era um vício deplorável do príncipe cristão pode não sê-lo mais, e até pelo contrário, segundo a bitola anticlerical de Maquiavel” (LOPES, 2012, p.73).

Evidencia-se aqui toda a aversão de Maquiavel à moral cristã, a qual impedia o despertar político idealizado quando Maquiavel em sua obra “*O Príncipe*” diz que, “Dos homens, em realidade, pode-se dizer genericamente que eles são ingratos, volúveis, fementidos e dissimulados, fugidios quando há perigo e cobiçosos” (MAQUIAVEL, 2009, p.80). Mais adiante, Maquiavel (2009) adverte o príncipe de que não confie nas palavras de homens com tais qualidades e que se garanta de alguma forma.

Nesse sentido, Kleber Eduardo Men complementa que “os homens costumam ser mais traídos por aqueles que lhes parecem ser dóceis do que os que lhes parecem mais duros. Os homens troam muito rápido de senhor, basta que seu patrimônio esteja em risco” (MEN, 2013, p.50). Ainda mais à frente, Kleber (2013) conclui que os homens, por medo da punição, respeitam de imediato seu governante, já que o amor é volúvel e movediço. Em suma, é muito mais válido ser temido do que ser amado (MEN, 2013, p.50). Um príncipe com esses atributos era do que a Itália de Maquiavel mais necessitava, pois só ele traria segurança ao Estado.

Maquiavel, ao propor, principalmente, ideias que rompiam com qualidades principescas cristãs, as quais exaltavam o caráter “divino” de um príncipe imbuído de virtudes cristãs, refletiu a crença dos humanistas renascentistas que estavam vivendo um grande “despertar cultural” (BARROS, 2020, p. 231).

Nos dizeres de José Costa D’Assumpção Barros, “O Príncipe pode ser entendido como um manual de prática política” (BARROS, 2020, p. 231), e ainda, também, o autor pretende ser realista e pragmático ao pretender que sua obra sirva na prática para o seu leitor (BARROS, 2020, p. 231).

Fato esse que corrobora com a visão teórica de Jörn Rüsen (2001; 2007) ao fazê-lo

experienciar o passado, ele, o aluno, poderá, a partir disso, promover uma mudança e o desenvolvimento de uma consciência histórica que possa se situar no tempo presente ao experienciar esse passado e também, com isso, reforçar a importância de se estudar Maquiavel para se pensar política contemporânea através da construção de um pensamento histórico que possibilite essa discussão sobre o pensamento político contemporâneo..

Para passarmos a falar agora de Voltaire, fica evidente quando Marcos Antônio Lopes ressalta que, “ao declarar guerra à Igreja Católica, quando pronunciou o seu famoso *Écrasez l’Infâme*, podia considerar-se a si próprio continuador de Maquiavel” (LOPES, 2012, p.79).

2.2. VOLTAIRE: contexto e obra

Falaremos sobre a vida e a obra de Voltaire dentro da perspectiva, também, do tema desse trabalho, que é “Espelhos de Príncipe”, bem como o contexto em que foi escrita a obra, pois, como já argumentamos, estes eram manuais escritos por quem pretendia orientar seus governantes a gerir seu governo.

Para isso, eles eram instruídos nas artes, na economia, na política, na guerra e em assuntos para os quais eram aconselhados. E, para mostrar a visão de Voltaire, utilizaremos a obra “A Princesa de Babilônia” (1758), na qual ele nos traz sua ideia de monarquia e também analisaremos autores que nos possibilitem entender Voltaire, como, por exemplo, o professor Doutor Marcos Antônio Lopes (2004), que nos ajudará a entendê-lo dentro da temática deste trabalho, assim como fizemos sobre Maquiavel, no qual abordamos vida e obra do autor, sua ideia de monarquia trazida na sua obra “O Príncipe”.

Nesse sentido, falaremos, como foi dito, sobre a vida e a obra do autor, sobre o absolutismo monárquico, o Iluminismo, os abusos religiosos e a visão de Voltaire de uma monarquia ideal na obra “A Princesa de Babilônia”. Além disso, também, faz-se necessária a contextualização da obra, pois precisamos compreender que Voltaire viveu seu contexto totalmente envolto em mandos e desmandos por parte de seus governantes, que recebiam todo o apoio e legitimação da Igreja Católica.

Voltaire⁹ foi um homem de seu tempo, fruto do Século das Luzes, quando o luxo, a opulência, a arrogância absolutista, a qual apoiava seus mandos e desmandos em uma Igreja Católica que, ao mesmo tempo, era corrupta e corruptora e que fundamentava um direito

⁹ Voltaire, de acordo com Marvin Perry (2002, p.301), atacou com firmeza os “abusos praticados pelo Antigo Regime”. As ideias em suas obras formaram uma teoria política coerente, no sentido de serem críticas pontuais, que expressaram em muitos aspectos as perspectivas do Iluminismo.

divino concedido aos monarcas, que justificava todo ato cruel e desumano em nome de Deus. Caminhando junto estava a nascente corrente filosófica chamada Iluminismo, a qual tinha como seus principais nomes Diderot, D'Alembert, Rousseau, Kant, Montesquieu e o nosso filósofo das luzes Voltaire, os quais buscavam fundamentar a razão como pedra principal dessa corrente (PERRY, 2002).

François-Marie Arouet (CLARET, 2001; SANTOS; 2016 e VOLTAIRE in CHAUI, 1984), o famoso Voltaire (CLARET, 2001, p.13), que viveu por oitenta e três anos, nasceu em 21 de novembro de 1694, na França. Sua mãe morreu quando ele tinha seis anos de idade, e ele foi criado pelo seu pai e o tio (CLARET, 2001, p.11). Esse fanatismo filial deixou em Voltaire uma forte aversão pelas religiões e credences, pois somente incutiam no homem, em sua avaliação, o fanatismo e o medo. A partir disso, Voltaire se torna, até o fim de seus dias, um anticlerical (CLARET, 2001, p.11).

Desde muito jovem, Voltaire já pendia para o lado literário, e, além de extensas leituras, rabiscava alguns versos. Ao conhecer a cortesã Ninon de Lenclos, foi agraciado com uma vultosa herança de dois mil francos, que lhe proporcionou a compra de livros, os quais, na França da época (Século XVIII), costumavam ser muito caros. Essa doação possibilitou que adquirisse uma considerável biblioteca, bem como a contratação de um tutor, o abade de Coucrigny, com quem, juntamente com sua família, Voltaire viveu (CLARET, 2001 p.12).

Aos 10 anos de idade começou seus estudos no famoso colégio Louis-le-Grand (de 1704 até 1711) com o intuito de ganhar fama e começar sua vida como escritor, o que seu pai via como “profissão de inúteis e vagabundos” (CLARET, 2001 p.12). Apesar disso, ele se tornou um escritor, buscou oportunidades de galgar um posto em Caen sob a supervisão de uma parenta e conseguiu com que o Marquês de Châteauneuf o aceitasse como secretário e, junto com seu chefe, fosse para os Países-Baixos (CLARET, 2001, p.12).

Entre guerras dinásticas e uma paixão tímida, Voltaire ainda não tinha a noção de justiça e razão e, em virtude disso, não se comprometia com a vida de seus conterrâneos franceses que necessitavam de ajuda. Somente com o passar do tempo começou a se preocupar com essas coisas. Como mais tarde ele disse “(...) E na sólida e conservadora ‘Europa das dinastias’, que sucederam à ‘Europa dos povos’, exércitos morriam para ‘disputar alguns acres de neve no Canadá’” (CLARET *apud* VOLTAIRE, 2001, p.14). Voltaire começava a entender a Europa de seu século, uma Europa envolvida em guerras externas e querelas internas, principalmente devido à morte de Luis XIV em 1715 (PERRY, 2002, p. 258- 261) e a impossibilidade de seu filho, o futuro Luis XV, assumir o trono devido à tenra idade, ficando o trono sob a responsabilidade de um regente.

Depois de uma estada na Bastilha, devido ao sarcasmo com que atacava o príncipe regente, o qual assumiu o trono quando da morte de Luís XIV, Voltaire, já com seu codinome definido, encena a peça *Édipo*, que logo após foi celebrada e aplaudida em toda a França. Nesse cenário, começa a ganhar prestígio e notoriedade, o que lhe proporcionou oportunidades únicas devido ao clima de bajulação e adulação que o levou quase à falência, se não fosse por uma jogada de mestre, na qual ele, ao comprar todos os bilhetes de uma loteria mal planejada pelo governo, acabou por consequência levando o prêmio. Dessa forma, Voltaire acabaria se tornando um exímio capitalista, que ganhou muito dinheiro com inúmeras operações, incluindo tráfico de escravos (CLARET, 2001, p.16).

Todo esse frenesi durou pouco, pois foi novamente trancafiado na Bastilha porque, logo após uma discussão por causa de insultos proferidos por um nobre, o Cavaleiro de Rohan, em um jantar no Castelo do Duque de Sully, exigiu um duelo em armas. Mas não contava que seu desafeto fosse primo de um policial de Paris. Após essa breve estada na Bastilha, foi libertado, com a condição de sair da França, oportunidade esta de se aventurar na Inglaterra, onde aprendeu o idioma, conheceu e conviveu com literatos e grandes pensadores, em uma Inglaterra que imergia da revolução puritana de Cromwell (PERRY, 2002) e da restauração do parlamento em 1688.

Além disso, a liberdade com a qual os ingleses conviviam sem prisões ordenadas pelo rei se somava à participação do parlamento eleito nas decisões reais relativas à administração do governo. Aliado a isso, se iniciou um período de extremo furor cultural inglês com Thomas Hobbes, John Locke, Isaac Newton (PERRY, 2002, p.262-265), os quais elaboraram teorias, revelaram não acreditar em “verdades absolutas” e que o conhecimento vem da experiência das coisas, ou seja, é preciso experienciar para conhecer (CLARET, 2001, p. 17).

Com isso, Voltaire se interessa pela literatura, a ciência e a filosofia inglesas, que se transformaram em 1734 num livro *Cartas Filosóficas sobre os Ingleses* ou *Cartas Filosóficas* (VOLTAIRE, 2006), no qual Voltaire comparou a Inglaterra com a França, “ridicularizando a nobreza ociosa, o clero fanático e incitando todos a seguirem o exemplo inglês: colocar tudo em dúvida” (CLARET, 2001, p. 17).

A partir da grande aceitação das *Cartas*, Voltaire recebeu do Regente a permissão de retornar à França, onde ele logo começou a escrever poemas, peças e ensaios. Então, um editor francês publicou as *Cartas* na França, ocasionando um furor enorme entre as autoridades. Em virtude disso, a Bastilha ficava novamente mais próxima, e Voltaire logo fugiu, levando junto com ele a jovem Marquesa de Châtelet, Emile Breteuil, para o Castelo de

Cirey, propriedade da Marquesa, que gozava dos seus 28 anos e Voltaire dos seus 40 (CLARET, 2001, p. 18).

Voltaire logo começou a escrever suas novelas e obras de cunho histórico e filosófico, como *Zadig* (1747), *O ingênuo* (1767), o *Dicionário Filosófico* (1764), o *Ensaio sobre os Costumes* (1756). Também entre 1749 e 1756, desenvolveu estudos analisando falsidades e esclarecimentos de alguns fatos em obras como *História da Rússia*, *O Século de Luís XIV*, a *Época de Luís XIII* e uma *História de Carlos XII*, além do famoso *Ensaio sobre a Moral e o Espírito das Nações, de Carlos Magno a Luís XIII* (CLARET, 2001, p. 26). Em 1765, escreveu a obra *Tratado sobre a tolerância*, na qual ressaltou a intolerância religiosa que acontecia na França do século XVIII (VOLTAIRE, 2006) e em 1758 escreve a obra *A Princesa de Babilônia* (VOLTAIRE, 2006).

Voltaire escreve sua obra em 1758, um período no qual a Monarquia Francesa já estava definitivamente cristalizada em todos os seus aspectos políticos, sociais, religiosos e econômicos, os quais foram legitimados a partir do século XVII pelos reis Luís XIII (1610-1643) e Luís XIV (1661-1715) e que duraram por quase todo o século XVIII, época da publicação da obra, terminando com a Revolução Francesa, em 1789.

Para compreendermos esses aspectos, precisaremos entender os contextos internos que levaram a França a cristalizar seu orbe governamental e que resultaram em embates entre essa ordem cristalizada e as novas ideias que iam contra toda essa política. Esta, com o passar dos tempos, foi tomando formas que, num primeiro momento, pareciam ser brandas para atitudes de pura maldade e intolerância fundamentadas pela Igreja Católica em território francês.

O governo francês, no início do século XII, instaurou um modelo de reinado que procurou se colocar acima dos interesses dos seus súditos, se aproveitando, principalmente, de credices medievais que se perpetuaram por todo o período medieval. Essas credices permitiram a monarquia francesa absoluta, na medida em que os reis franceses sustentavam a afirmação de terem sido escolhidos por Deus.

E esse seu “direito divino”, tendo apoio e fundamentação da Igreja Católica, como veremos a seguir, conferiu um caráter de santidade a esse governante, que foi explorada com êxito pelos reis franceses para dominar a população e fazer valer sua dominação e, além disso, permitiu aos governantes dominar também os “rebeldes senhores feudais” (PERRY, 2002, p. 256).

A monarquia francesa logo percebeu que precisava fundir, de alguma forma, esse caráter divino ao cerne de sua realeza. Esse caráter seria personificado na figura de um “rei cristianíssimo”, nas palavras de Marcos Antônio Lopes (LOPES, 1994, p. 25). Para que isso

se desse, a monarquia francesa precisou negociar por um longo período com o papado, pois a Igreja Católica iria pôr em jogo seu domínio sobre o território francês, pois estaria em xeque não apenas seu domínio religioso, na medida em que ela controlava a maioria da população sem instrução, mas também seu domínio territorial e econômico (PERRY, 2002, p.256).

A partir disso, a religião e o Estado se fundem em liturgias e cerimônias que faziam com que a sagração do rei ficasse a cargo da Igreja, sendo o rei livre dessa fusão apenas em suas decisões políticas. Esse cerimonial de sagração, nas palavras de Lopes, “ao mesmo tempo em que dá força ao poder divino dos reis, paradoxalmente subordina o poder temporal ao gládio espiritual” (LOPES, 1994, p. 25). Isso foi possível quando, em 1516, foi concluída a Concordata de Bolonha por Francisco I (1515-1547), na qual o papa Leão X autorizava o rei francês a nomear, a seu bel prazer, os mais altos cargos da Igreja Francesa, lançando bases para a conhecida Igreja Galicana (PERRY, 2002, p. 256).

A partir disso, os monarcas franceses iniciaram uma série de nomeações para os altos escalões do núcleo eclesiástico do reino francês (LOPES, 1994, p. 26). Dessa forma, aparecem grandes nomes que fizeram parte dessa órbita e se converteram nos mais sérios e fiéis mantenedores dessa política. “Homens de Estado”, nas palavras de Lopes (1994), como Mazarin, Richelieu e Bossuet, que foram ferrenhos defensores do direito divino dos reis (LOPES, 1994, p. 26 e ss.), os quais desempenharam papéis de destaque nos reinados de Luís XIII e Luís XIV.

Em virtude disso, o clero francês passou de um simples personagem dentro do orbe monárquico a um órgão de extrema importância, principalmente no reinado de Luís XIV. Dentro desse cenário, se destacou o cardeal Richelieu, que, com a ajuda da ingenuidade de Luís XIII, somado a sua quase ou nula habilidade para a tomada de decisões políticas, entrou como conselheiro do Rei em 1624.

Segundo Lopes (1994), a concepção política do Cardeal era de que o rei era “lugar tenente de Deus” e este estava a serviço Dele na medida em que a razão de Estado deveria sempre estar acima de interesses particulares (LOPES, 1994, p. 27).

Logo depois da morte de Luís XIII, assumiu no seu lugar seu filho com Ana d’Áustria, Luís XIV, com apenas cinco anos de idade, Devido a isso, sua mãe é que exerceu a regência do governo até a maior idade do menor. Dentro desse cenário havia um rancor devido às políticas implantadas pela monarquia, principalmente pela alta nobreza francesa. Nesse clima um tanto conturbado, assumiu o Cardeal Mazarin, que seguiu à risca a política de Richelieu, que, além disso, tomou medidas ainda mais repressivas, governando com mão de ferro a

França. Isso contribuiu para a construção da grande imagem de Luís XIV, que se manteve no cargo até a morte (LOPES, 1994, p. 28 e ss).

As políticas de Mazarin provocaram reações contrárias que duraram de 1648 a 1653, as quais receberam o nome de Fronda, uma série de motins apoiados pela aristocracia, pelos tribunais e pelos mais pobres e teve como centro de tudo isso Paris (PERRY, 2002, p.259). Segundo Lopes (1994), os problemas que levaram a ocasionar a Fronda foram, principalmente, de ordem econômica. Impostos pesados, o Tratado de Westfália (1648) e a catastrófica situação do tesouro já não se sustentavam mais. (LOPES, 1994, p. 29 e ss).

Esse conflito só teria fim em 1652, quando a alta nobreza e os parlamentares se reúnem com Luís XIV para um acordo de paz (LOPES, 1994, p. 30). Em fevereiro de 1653, Mazarin retorna mais poderoso do que nunca e disposto a fortalecer a monarquia em torno da figura de Luís XIV (LOPES, 1994, p. 30 e ss.).

Quando Luís XIV definitivamente assumiu o governo em 1661, fez com que seus súditos tivessem a certeza de que os acontecimentos da Fronda, que foi uma guerra civil caracterizada por episódios sangrentos que não teriam mais espaço para se repetir. Unido a Mazarin, governou como nenhum monarca jamais o fez, comandando a máquina econômica e militar com inteligência e astúcia (PERRY, 2002).

Logo após a morte de Mazarin, Luís XIV logo passa à frente do governo da França como único governante. Com a ajuda de Jean Baptiste Colbert, desenvolveu políticas econômicas que possibilitaram a melhora dos métodos de coleta, incentivou novas indústrias, o comércio internacional, além de governar em absoluto, seguindo à risca o princípio do direito divino de se sagrar como o único monarca escolhido por Deus para governar a França (PERRY, 2002, p. 260-262).

E é nessas engrenagens religiosas e políticas que a França legitimou governos e reis que se apoiavam em direitos estabelecidos por Deus através de seus dignitários. Esses Cardeais sustentaram até o fim a ideia de um governante indicado por Deus, que possuía um corpo divino e que cristalizou toda a santidade e foi Luís XIV sua síntese. Nas palavras de Lopes, “(...) Seu orgulho desmedido, (...), quer exaltar a realeza que ele personifica. (...) o orgulho não é mais do que um comportamento natural de seu apostolado de monarca por direito divino” (LOPES, 1994, p.65).

Faleceu em 1715, deixando aos seus sucessores mais do que um governo com um sistema burocrático e tributação necessários à sobrevivência estatal, mas sim um poder simbólico, pois era um monarca esclarecido, amante das artes e da filosofia, que despertou admiração e prestígio até mesmo para Voltaire, que o admirava “quase que

incondicionalmente” (LOPES, 2004, p. 105). Para ele, Luís XIV e toda a sua grandeza era um dos principais representantes de um monarca perfeito, sendo este “Um Luís XIV filósofo” (FAGUET, 1902 *apud* LOPES, 2004, p.111).

Toda essa mística real sustentada por teóricos ligados à Igreja Católica estava imersa em pensamentos que tinham raízes religiosas medievais, os quais legitimavam o poder real, tornando-o assim um organismo ainda mais coeso. O principal exemplo, como já foi dito anteriormente, foi o Clérigo Mazarin, primeiro ministro do governo de Luís XIV a partir de 1661, o qual governou ao lado do rei, por quase cinquenta anos na França (TRINDADE, 2008, p. 24).

Como mencionamos, Mazarin governou com mãos de ferro, promovendo perseguições religiosas, fazendo valer o reinado do monarca Luís XIV, que, ao mesmo tempo em que era virtuoso, se tornou, de certo modo, intolerante e abusivo. E é nesse contexto, de perseguições religiosas e de monarquias absolutas apoiadas pela Igreja Católica que Voltaire desenvolveu seu pensamento crítico e filosófico para iniciar suas batalhas contra o absolutismo monárquico e os abusos religiosos redigindo desde panfletos, contos, obras literárias, filosóficas e obras históricas que atestavam toda a sua indignação contra os abusos cometidos por seus governantes.

Como veremos no tópico a seguir, Voltaire redige em 1758 “A Princesa de Babilônia”, obra na qual ele pega como pano de fundo um cenário oriental para lançar suas críticas contra o absolutismo monárquico de sua época (século XVIII), apoiado, segundo Marcos Antônio Lopes (2009) no “*direito divino*” reforçado pela Igreja Católica Francesa, bem como vamos, também, contar um pouco da trajetória de Voltaire dentro da nascente e emergente movimento filosófico o Iluminismo. Esse movimento filosófico, para Marvin Perry (2002), se caracterizou pela afirmação da razão e da liberdade, que “corroou um movimento em direção à liberdade iniciado na Renascença” (PERRY, 2002, p. 296).

Os personagens centrais desse movimento eram os pensadores iluministas, chamados de *philosophes*, os quais almejavam criar uma sociedade mais racional e humana, conseqüentemente, mais justa e igualitária. (PERRY, 2002, p.296 e ss.).

O Iluminismo, nas palavras de Perry (2002), foi uma “evolução direta da Revolução Científica” (PERRY, 2002, p.296). Na busca por uma posição definitiva do homem perante o mundo, atacaram com veemência as ideias medievais até então envolvidas ainda em credices e superstições que mantinham vivas as raízes religiosas e absolutistas na França do século XVIII. A partir daquele momento, somente a razão poderia guiar o homem à liberdade

intelectual na qual a dúvida cartesiana poria em xeque as tradições e opiniões herdadas de uma raiz ainda medieval (PERRY, 2002).

Não podemos negar que, dentro da perspectiva da História das Ideias, o Iluminismo foi, sem dúvida, época de “notório vigor intelectual” (RUDÉ, 1988, p. 229) no qual houve muitas descobertas científicas, tanto químicas quanto naturais, artísticas e literárias, que logo se espalharam por toda a Europa (RUDÉ, 1988). Além disso, as Ciências Sociais, História e a Filosofia tinham como seus maiores divulgadores nomes como Vico, Voltaire, Adam Smith, Rousseau, Diderot, Montesquieu, Buffon e tantos outros que fizeram parte desse novo modo de pensar o homem e seu papel no mundo (RUDÉ, 1988, p.230 e ss.).

Os philosophes, nas palavras de Rudé, “não tinham em comum nenhum programa ou manifesto. O mais parecido a um programa foi Encyclopédie, (...) publicada por Diderot e d’Alembert em 17 volumes entre 1751 e 1772” (RUDÉ, 1988, p.231). Voltaire contribuiu com alguns verbetes sobre o espírito e a literatura, apesar de ter suas diferenças com muitos filósofos como Rousseau e até mesmo Diderot, mostrando que dentro dessa nova concepção havia sim e houve sérias diferenças.

É do Encyclopédie, pois essa noção reflete todo o espírito intelectual das “Luzes” (FALCON, 1989, p. 79). Esse empreendimento foi um dos mais notáveis trabalhos arquitetados por homens dispostos a promover uma mudança significativa, sendo ela uma “verdadeira profissão de fé, a síntese da autoconsciência iluminista” (FALCON, 1989, p.80 e ss.). Ela foi pensada e produzida para englobar e sintetizar todos os tipos de conhecimentos, bem como ser um veículo de divulgação desses conhecimentos através de um minucioso e rigoroso inventário.

Essa estratégia de dividir e classificar os fenômenos produzidos pelo conhecimento humano em informação e ideologia em que pequenas classificações têm tanto valor quanto as maiores. Resumindo, o empreendimento enciclopédico teve como um dos principais objetivos colocar a Filosofia em primeiro plano no que se refere ao papel dos filósofos e da Encyclopédie como “arma de transformação social”, a qual tem como sua premissa a afirmação de que o “conhecimento é poder”.

Voltaire, envolvido por esse espírito, foi o mais ativo defensor da liberdade de expressão e lutou contra os abusos de poder praticados pelos seus governantes. Ele proferiu seus ataques mais ardentes contra a intolerância religiosa, a superstição e os dogmas, com os quais o cristianismo envolvia o homem e seus destinos na terra. Doutrinas essas contra as quais Voltaire lutou com sua pena em punho, lançando duras críticas em suas obras. E a obra “A Princesa de Babilônia”, escrita em 1758, reflete também essa luta.

Como vimos, a França sempre esteve envolvida, em seu orbe religioso, por superstição, credulidade, fanatismos e perseguições contra atos considerados heréticos, os quais eram fundamentados pelo cristianismo tradicional (PERRY, 2002). Principalmente os monarcas franceses, como já falamos, souberam se beneficiar desse apoio. Luís XIII e Luís XIV, que têm mais papel de destaque na História Moderna Francesa, ao contrário de Luís XV, contemporâneo de Voltaire. Isso porque, no século XVIII, a sociedade estava dividida em três ordens distintas, formadas pelo clero, o primeiro estado (PERRY, 2002, Capítulo II); a nobreza, o segundo, e todo o resto populacional forma o terceiro estado (PERRY, 2002, p. 319 e ss.).

Luís XIII e Luís XIV contaram com o apoio dos clérigos Richelieu e Mazarin. Estes promoveram não só perseguições às heresias, promovendo atos de intolerância jamais vistos. Essa mutualidade foi tomada ao pé da letra quando Richelieu compreendeu que o rei lhes assegurou proteção contra tudo e contra todos (LOPES, 1994).

Voltaire criticou com força esses atos cometidos pela monarquia e pelas lideranças religiosas, e vice-versa, que punia qualquer ato de fosse contrário a seus interesses, sejam estes religiosos ou não. Nos capítulos X e XI de sua obra “A Princesa de Babilônia”, Voltaire acusa seus governantes e seus clérigos de punirem com severidade simples atos que eram tidos como magia, e seus praticantes eram queimados vivos por inquisidores, que ainda se apoderavam de tudo o que as vítimas possuíam de bens enquanto os queimavam, pois “puniam uma leviandade de um jovem como teriam punido um envenenamento ou um parricídio” (VOLTAIRE, 2005, p.76 e ss).

Voltaire, em sua obra, faz alusão a esses atos de pura intolerância que têm início a partir do reinado de Carlos IX, que promoveu um massacre, ordenando que suas tropas reais matassem milhares de protestantes na famosa Noite de São Bartolomeu (PERRY 2006 – Capítulo II), quando menciona que “(...) homens infelizmente poderosos mandavam tropas de assassinos devastarem populações desconhecidas e regar com seu sangue a herança de seus pais; chamavam esses bandidos de heróis; sua atrocidade era chamada de glória” (VOLTAIRE, 2005, p.58-59).

A obra mais célebre em que Voltaire atacou com pleno afincado e ferocidade os atos de intolerância religiosa cometidos pela Igreja Católica na França do século XVIII foi o *Tratado sobre a Tolerância* (VOLTAIRE, 2006), escrito nos anos de 1763 no Castelo de Ferney. Obra redigida por ocasião da morte de Jean Calas, que foi condenado à morte em “(...) Toulouse, com o poder da justiça, no dia 9 de março de 1762” (VOLTAIRE, 2006, p.15). Voltaire diz ainda que,

“(…) é um dos mais singulares acontecimentos que merecem a atenção de nossa época e da posteridade. Logo se esquece dessa multidão de mortos que pereceu em inumeráveis batalhas, não somente porque é a fatalidade inegável da guerra, mas porque aqueles que morrem pela sorte das armas podiam também dar morte a seus inimigos e não pereceram sem defender-se” (VOLTAIRE, 2006, p.15).

Voltaire mostra sua indignação com o fato de que a Calas não coube chance de defesa, pois, como notamos nessa citação, era mais fácil justificar e dar permissão a um soldado de guerra assassinar outra pessoa como legítima defesa do que investigar com justiça dos fatos um crime comum.

Nessa mesma perspectiva, em sua obra *A Princesa de Babilônia*, Voltaire expressa sua indignação quando diz que,

“(…) todos aqueles que eram acusados de magia eram queimados sem misericórdia por uma companhia de druidas a quem chamavam de inquisidores ou antropokáias. Esses sacerdotes (...) se apoderavam de seus bens e recitavam devotamente as orações dos palestinos, enquanto os cozinham a fogo lento por “l amor de Dios”. (VOLTAIRE, 2005, p.84).

Percebemos nessa citação de Voltaire que os julgamentos sem misericórdia e a tomada dos bens por parte dos ditos “sacerdotes inquisidores” eram muito mais comuns do que se presumia, porque eram feitos em nome de Deus. Esse foi o caso de Jean Calas. Ao ser executado, também foram tirados seus bens e propriedade, e sua família foi reduzida a nada, tendo que acudir a Voltaire em Ferney para que este intercedesse junto às autoridades para resolver a situação. No capítulo XXII do Tratado, ele nos fala sobre a necessidade de que houvesse tolerância entre os homens, fossem eles cristãos, turcos, chineses, judeus ou um habitante do lugar mais remoto, pois todos são filhos de um mesmo Deus e criaturas deles. (VOLTAIRE, 2006, p. 123 e ss.).

E para finalizar seu tratado, Voltaire escreve uma oração a Deus que, acima de tudo, foi destinada a todos os indivíduos como um apelo à paz, ao amor e ao respeito entre os homens, pedindo tolerância para com o diferente, o cristão, o islâmico, o humilde, com as nações, para que os “homens possam se lembrar que são irmãos! Que tenham verdadeiro horror à tirania exercida nas almas, (...) empreguemos o instante de nossa existência em abençoar (...) em mil línguas diversas, desde o Sião até a Califórnia, tua bondade” (VOLTAIRE, 2006, p.129).

E foi travando “guerras” através de suas obras que Voltaire combateu a intolerância religiosa com afinco, lutando contra as barbáries cometidas pela Igreja Católica em nome de Deus. Devido ao clima de vigília constante da Igreja, a França vivia presa a dogmas, superstição e medo (PIMENTA, 2002). Mesmo para quem se dizia cristão, os tempos eram difíceis, e para quem professava outra crença era ainda mais difícil. Nas palavras de Pimenta, “toda essa intolerância religiosa marcou profundamente a vida, obra e as ideias de Voltaire. Toda a sorte de injustiças, praticadas pela Igreja em nome da religião, tornaram-se a (...) mola propulsora de seus ataques” (PIMENTA, 2002, p. 63-64.). Através de seus panfletos, cartas e contos, convocou a opinião pública para tomar partido e fazer parte dessa luta.

Então, como mencionamos, em 1758 escreve a obra “A Princesa de Babilônia”, que se destaca pelo fato de, nos seus 21 capítulos, Voltaire misturar realidade e imaginário popular em uma história de amor rica em detalhes¹⁰. Obra esta que nos chamou a atenção entre tantas obras de Voltaire porque ele apresenta, principalmente, um ideal de príncipe que foi proposta na figura de Amazan, um jovem virtuoso, justo, sábio, o qual representava tudo o que um monarca precisaria possuir para governar seu reino com sabedoria e justiça. Através dessa obra, Voltaire pôde chegar às camadas mais afastadas da sociedade, principalmente a burguesia, com o objetivo de informar sobre como deveria agir um monarca para com o seu governo e também criticar seu governo atual e, com isso, engajar a opinião pública a seu favor (PIMENTA, 2002).

Um exemplo desses ataques à monarquia real de seu tempo é quando Voltaire inicia sua obra mencionando sobre um velho rei que acreditava ser o único monarca que, apesar de seus antecessores terem erguido a Babilônia, tronou a mais bela entre todas as nações (VOLTAIRE, 2005, p. 15). Esse rei se chamava Belus e se considerava o primeiro entre os primeiros e também possuía historiadores que o sustentavam como tal.

Voltaire ainda vai além quando em sua obra diz que,

“Todos concordavam que os deuses só haviam instituído os reis para que esses dessem festas todos os dias, contanto que fossem variadas; que a vida é demasiado curta para que empregemos de outra forma; que os processos, as intrigas, a guerra, as disputas dos sacerdotes, que consomem a vida humana, são coisas absurdas e horríveis; que o homem nasceu para a alegria; que não amaria apaixonada e

¹⁰ Voltaire começou a perceber a necessidade de que suas ideias fossem também disseminadas nas camadas mais baixas da sociedade francesa, como, por exemplo, a nobreza, através de obras que fossem de fácil acesso e entendimento. Para isso começou a escrever romances e contos nos quais ele pudesse de forma sutil lançar suas críticas e propor ideias, fazendo com que seu leitor percebesse sua intenção, pois, como bem nos salienta a Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro Jussara Santos Pimenta, “(...) Voltaire não escrevia para o rei (...). Escrevia para o público, a quem pretendia pouco a pouco convencer de sua força com entidade coletiva em relação ao Estado” (PIMENTA, 2002, p.53-66).

continuamente os prazeres se não tivesse sido formado para eles; que a essência da natureza humana é alegrar-se e todo o resto é loucura. Essa excelente moral nunca foi desmentida senão pelos fatos” (VOLTAIRE, 2005 p. 18).

Voltaire, nessa passagem de sua obra, lança suas críticas, como mencionado acima, à monarquia de seu tempo, a qual era governada por Luís XV, que, além de se afirmar como o único monarca por direito, era, além disso, um monarca torpe, vicioso, indolente e impiedosamente arbitrário e que se fazia valer de um direito dado a ele por Deus (LOPES, 1992).

O autor, ao tecer essa crítica, está alertando o leitor para a realidade de uma monarquia pérfida e que não media esforços para se sustentar. Nesse sentido, Marcos Antônio Lopes, em sua obra *Voltaire Político*, assevera que Voltaire ainda ia mais longe ao criticar também monarcas anteriores a Luis XV, quando diz que “(...) nascido para governar, Luís XIII preferiu ser governado. (...) Ele será o retrato de um príncipe que não reina e que, (...) nada realiza” (LOPES, 2004, p. 104).

Voltaire, em contrapartida, em sua obra, menciona a monarquia chinesa¹¹ como uma monarquia que possui um monarca justo, polido e sábio, que com suas próprias mãos lavrou e cultivou seus campos e tornou com isso a agricultura importante para seu povo (VOLTAIRE, 2005 p.51). Que, além disso, esse monarca virtuoso “(...) instituiu prêmios para as virtudes” (VOLTAIRE, 2005, p. 51). Esse monarca dotado de tais virtudes mencionadas nas entrelinhas é Frederico II (TRINDADE, 2008), que lhe havia dado exílio quando foi impedido de pisar em solo francês (VOLTARE *in* CHAUI, 1984).

O monarca perfeito para Voltaire independia de gênero desde que ele ou ela fosse justo ou virtuoso em seu governo. Para ilustrar tal pensamento, em sua obra, demonstra isso quando diz que,

“Um único homem começou essa grande obra – respondeu o cimério – uma mulher a aperfeiçoou; uma mulher foi melhor legisladora que a Isis dos egípcios e a Ceres dos gregos... Formaram instituições para esse único povo, introduziram usos para ele só, estabeleceram uma religião só para ele”.

“Nossa imperatriz tem em mente projetos inteiramente opostos; considera seu vasto Estado, sobre o qual todos os meridianos vêm juntar-se, como corresponde a todos os povos que habitam esses diversos meridianos. A primeira de suas leis foi a tolerância de todas as religiões e a compaixão por todos os erros. Seu poderoso gênio reconheceu que, se os cultos são diferentes, a moral é por toda a parte a

¹¹ Voltaire, em seus contos e romances, aqui no caso, a obra “A Princesa de Babilônia”, se vale de todos os artifícios e técnicas a que um conto permite o autor utilizar. Ele se utiliza de personagens e lugares fictícios para poder lançar suas ideias. Não quer dizer que quando Voltaire menciona monarquias e lugares sejam esses os próprios, como, por exemplo, quando ele, em sua obra, menciona lugares como a China e seu monarca.

mesma; por esse princípio, ligou sua nação a todas as nações do mundo e os cimérios consideram o escandinavo e o chinês como seus irmãos” (VOLTAIRE, 2005, p. 59).

Voltaire nos mostra que tanto um homem quanto uma mulher poderiam gerir sua nação desde que a gerissem com sabedoria, prudência, virtude e justiça. Quando menciona esta possibilidade de monarquia, ele está se referindo a Catarina, a Grande da Rússia, a qual fazia parte do grupo chamado *Déspotas Esclarecidos* (PERRY, 2002, p.312-313) juntamente com Frederico II, da Prússia. Estes deveriam seguir um plano de governo racional e liberal que deveria ser executado com o apoio de ministros para promoverem reformas na educação, no comércio e nas finanças em seus países (TRINDADE, 2008, p.51).

Tais modelos eram diferentes do modelo francês desordenado, fechado em si, corrupto e desfalecido, o qual Voltaire compara a reinos que tiveram reis que exerciam poder arbitrário que levava todo o seu domínio real a uma repleta anarquia de toda ordem, seja ela social ou política. Tal crítica se soma ainda à crítica religiosa quando Voltaire diz que:

“É assim que os egípcios, tão famosos por montes de pedras, se embruteceram e desonraram com suas superstições vulgares. Julgam as outras nações profanas, não se comunicam com elas; e, excetuando a corte, que às vezes se eleva acima dos preconceitos vulgares, não havia um egípcio que queria comer um prato do qual já tenham servido um estrangeiro. Seus sacerdotes são cruéis e absurdos” (VOLTAIRE, 2005, p.58).

Todo esse desfalecimento político se somava ainda às superstições e ao fanatismo religioso no qual os franceses se viam mergulhados. Voltaire combateu em suas obras também esse fanatismo religioso que envolvia a todos e impedia que houvesse um monarca capaz de agir sem a interferência religiosa em seu governo.

O autor, acima de tudo, ansiava por um monarca digno, virtuoso e justo, e esse ideal ele buscou tanto em seus contos e romances quanto em suas obras históricas em cujos personagens históricos procurava exemplos a serem seguidos (BARROS, 2012). Segundo Marcos Antônio Lopes, Voltaire, ao idealizar o príncipe perfeito, possuía uma galeria vasta de reis que ele admirava e escreveu suas principais obras históricas nas quais tem destaque o rei Luís XIV por ter sido um rei que foi sábio e justo para com seu povo e fez o bem a cada um conforme sua capacidade (LOPES, 2004, p.115).

Sobre esse monarca virtuoso e moralmente justo que era peça-chave em sua obra “A Princesa de Babilônia”, o autor fala o tempo todo de um jovem virtuoso, inteligente, temperado e prudente que recebeu o nome de Amazan, o qual era,

“(…) um jovem desconhecido se apresentou na barreira, montado em um unicórnio, acompanhado de seu escudeiro em igual montaria, e trazendo pousado sobre seu punho um pássaro (...). Era como foi dito depois, o rosto de Adônis sobre o corpo de Hércules; era a majestade unida à graça. Suas sobranceiras negras e seus longos cabelos loiros, mescla a beleza desconhecida em Babilônia, encantaram a assembleia; (...) todos os espectadores exclamaram: não há no mundo senão esse jovem que seja tão belo como a princesa” (VOLTAIRE, 2005, p.18).

Voltaire busca artifícios literários para envolver e chamar a atenção de seus leitores. Para isso ressalta a beleza, o vigor, a majestade e a graça de um jovem, para logo depois ressaltar os atributos morais e virtuosos desse príncipe ideal. Além disso, Voltaire ressalta outros atributos do jovem, como, por exemplo, uma excelente retórica, destrezas manuais as quais faziam parte do arcabouço principesco voltairiano (TRINDADE, 2008).

Nesse sentido, de acordo com Marcos Antônio Lopes, “Voltaire operou no interior de um sistema de pensamento que ainda não havia rompido por completo com a tendência em se apontar para os valores de um príncipe” (LOPES, 2004, p.127). Ele aponta em uma direção, a de que somente um príncipe justo e virtuoso poderia tirar a França das trevas da ignorância e da superstição e que, por isso, tanto seus romances, quanto contos e trabalhos históricos constituem e se encaixam no gênero de “Espelhos de Príncipe” e, a nosso ver, a obra “A Princesa de Babilônia” é um genuíno “Espelho de Príncipe” Voltairiano.

Dessa forma, assim como foi evidenciado na obra “*O Príncipe*” de Maquiavel, a obra “*A Princesa de Babilônia*” de Voltaire pode ser trabalhada, também, sob a ótica teórica de Jörn Rüsen (2001; 2007), pois através da experienciarão do passado, o jovem também poderá mudar e desenvolver uma consciência histórica que o permita que ele se situe no tempo presente a partir da experiência do passado.

Por isso foi mostrado, ao longo do texto, que há todo um contexto que envolve um autor e que o motiva a escrever suas obras. Os textos exprimem as suas intenções através do discurso contido na obra. Assim é acerca da proposta de uma monarquia ideal de Voltaire e de Maquiavel.

Então, a partir de nosso texto, ficam as seguintes questões: como fazer o aluno compreender isso para que sua consciência histórica (SANTOS, 2015) seja enriquecida e, ao mesmo tempo, modificada para que ele coloque em prática esse conhecimento histórico em

forma de uma aprendizagem histórica (ARAÚJO, 2017) reconstruída sobre noções de Estado e, principalmente, tolerância, centrada na figura de um príncipe virtuoso e justo? Seria ele, o aluno, a partir disso, capaz de trazer essa aprendizagem histórica para a sua vivência, colocando isso em prática na sua vida? E como isso se daria? Como trazer esse conhecimento para modificar de alguma forma a sua realidade?

Como uma possível resposta a essas questões a partir do texto do trabalho, mostramos que ambos os autores e seus ideais de monarquia podem ser apresentados de forma lúdica, didática e objetiva, através de uma HQ, a qual irá auxiliar o professor de História por meio de uma didática que permita ao seu aluno experienciar e trazer esse conhecimento histórico para a vida prática. No item 3, discutiremos o formato de nosso produto e, no item 4, deste relatório técnico, apresentaremos nosso produto e assim como, os caminhos tomados para a sua idealização e realização.

3. DISCUSSÃO SOBRE O FORMATO

O público alvo do produto apresentado nesse trabalho são os alunos do 1º e 2º anos do ensino médio. O professor irá trabalhar com seus alunos do 1º ano, conteúdos relativos à Idade Moderna, a qual tem início com o advento do Humanismo e o Renascimento cultural no século XV, e os conteúdos do 2º ano relativos, principalmente, ao Iluminismo e Estado monárquico francês no século XVIII.

Ele, o professor, abordará sobre questões como formação dos Estados, suas definições e conceitos. Trabalhará, a partir disso, Maquiavel e suas reflexões sobre Estado e poder através da introdução da História em Quadrinhos para facilitar a compreensão acerca da visão dele sobre como seria o agir do governante em relação ao ato de governar.

Em relação a Voltaire, o professor poderá também dar continuidade ao assunto através do produto. Trabalhará a partir disso, sobre questões como absolutismo monárquico e intolerância religiosa na França do século XVIII, através da visão de Voltaire sobre como deveria agir seu monarca ideal.

A escolha do formato do produto foi feita a partir de reflexões e sugestões do orientador e da banca de qualificação. Foi sugerida a construção de uma História em Quadrinhos que trouxesse de forma lúdica e didática a visão de monarquia de Maquiavel e Voltaire. Nesse sentido iniciei a construção do roteiro e na proposta na qual esse roteiro iria se desenvolver.

O formato estrutural da HQ é em papel A4 (ofício), monocromático (preto e branco) contendo 22 páginas entre capas, apresentando o título da história e os envolvidos na sua produção, contracapa, apresentação da história, a história em si com seu enredo, falas, bem como as figuras dos personagens, seu fechamento e encerrando terá uma página apresentando os autores e suas trajetórias.

A aplicação do produto (HQ) será feita a partir da leitura introdutória realizada pelos alunos e consequente introdução feita pelo professor do conteúdo relativo à Idade Moderna e seus desdobramentos com o início do renascimento cultural italiano, bem como também, os conteúdos relativos ao Iluminismo e Estado Monárquico Francês. O professor, a partir da HQ e da visão de monarquia ideal de Maquiavel e Voltaire, poderá trabalhar visões sobre Estado, relações de poder entre o monarca e seus súditos, relações políticas, bem como política e religião.

4. APRESENTAÇÃO DO PRODUTO

O produto proposto em meu Trabalho de Conclusão de Mestrado em História, como já mencionado, é uma HQ (História em Quadrinhos) que, através de uma partida de xadrez entre dois personagens que discutem e aplicam as ideias de Maquiavel e Voltaire, discute como deveria agir o governante para o bem governar.

Foram desenvolvidos dois personagens, Nicolau e Francisco, nos quais foi possível agregar as ideias de Maquiavel e Voltaire e, a partir disso, desenvolver o roteiro da HQ. Seus perfis psicológicos foram baseados nos traços de Maquiavel e Voltaire, os quais apresentam personalidades sarcásticas, frias, calculistas e debochadas.

Nicolau, por exemplo, apresenta um perfil psicológico sarcástico, anticlerical, traiçoeiro, frio, calculista, sorrateiro, estrategista, amante de livros, que é o seu *hobby*, e que, acima de tudo, tem fé na virtude (que é o bem agir visando assegurar o bom governo na visão de Maquiavel) e na fortuna (que se mostra na sorte de acontecimentos internos e/ou externos que colaborem para o bem governar).

Já Francisco apresenta um perfil também sarcástico, anticlerical ao extremo, detalhista por ser amante de relógios em cada detalhe da sua estrutura mecânica e de seu *designe*, o que constitui o seu *hobby*, é realista, sonhador, tem fé na virtude, na generosidade e na temperança (atributos mais que essenciais para um bom governar na visão de Voltaire) e é confiante demais, beirando a arrogância.

Nicolau apresenta traços físicos como magreza, pele clara, rosto fino, nariz pontiagudo, olhos pequenos e cabelo curto penteado para trás, o que o deixa com um semblante desconfiado, arrogante. Seu estilo de vestir é mais tradicional, ou seja, veste sobretudo, calça e sapatos, todos na cor preta. Já Francisco apresenta características físicas distintas de Nicolau. Ele tem um semblante debochado, é robusto, negro, com cabelo raspado, seu rosto é redondo, seu nariz achatado e seus olhos são grandes, o que não deixa de passar algo amigável em seu semblante. Veste um belo terno preto, calças sociais, sapatos baixos e usa relógio de bolso, além de usar cartola, óculos de grau e empunhar uma bela bengala com uma cabeça de águia em sua base.

Para a construção do roteiro dos personagens foram definidas características, as quais seriam seguidas por Nicolau e Francisco, que representariam cada peça do tabuleiro de xadrez. No jogo de xadrez há peças fundamentais para o desenvolvimento do jogo. Há oito piões, dois cavalos, duas torres, dois bispos, um rei e uma rainha. Cada movimento das peças corresponde a jogadas que os jogadores precisam fazer para avançarem e conquistarem a

vitória com o xeque-mate, na medida em que esse é o ataque decisivo sobre o Rei no xadrez, o qual é a peça mais importante do jogo e que não possibilita qualquer intenção de fuga, e isso implica o término da partida entre os jogadores. Claro que aqui não iremos definir e esclarecer as regras básicas para se jogar xadrez, porque não é o foco de nosso trabalho¹².

Para Nicolau, cada peça do seu tabuleiro de xadrez representa os atributos e características que seu governante deveria possuir para bem governar inspirados pela visão de Maquiavel acerca do governante e seu ato de governar.

O Rei representa virtude ou a *virtù*, que, para Maquiavel, são as qualidades necessárias ao bom governar de seu príncipe. A Rainha representa a fortuna, a qual representa a sorte de acontecimentos internos e externos que colaboram para o bom governo. A Torre representa a inteligência e a estratégia que o governante deve ter para a tomada de decisões em todos os níveis de seu governo tanto interna quanto externamente, o que, para Maquiavel, representa agir com estratégia.

O Cavalo representa a astúcia e a coragem que o governante deve ter nas suas tomadas de decisões internas e externas, o que, para Maquiavel, representa que o seu príncipe deve agir com a astúcia de uma raposa e a coragem de um leão em todos os níveis de seu governo para que se mantenha a sua coesão interna e externa. O Bispo representa a ruptura entre o governante humano e o governante divino. Esse novo governante deve agir humanamente, e sua moral está separada da moral cristã que moldava o comportamento do governante à época de Maquiavel. Ele mostra que seu príncipe é humano e toma decisões racionais para manter a coesão de seu governo.

Seus peões representam a figura do governante amado e temido. Na visão de Maquiavel ele deve preferir principalmente ser temido, porque, sendo contrariado em seus objetivos, irá punir o opositor e também punir o transgressor, porque, se preferir ser amado e deixar de punir transgressões e oposições por uma certa compaixão, será mais fácil que se repitam tais atos novamente contra seu governo e autoridade.

Para Francisco, assim como para Nicolau, cada peça do seu jogo de xadrez representa os atributos que seu governante deveria possuir para o bem governar. Esses atributos são baseados na visão de Voltaire sobre quais virtudes um príncipe deveria possuir para a realização de um bom governo.

O Rei representa a virtude, que é a qualidade moral de seu governante possui para agir em prol de seu governo, que, para Voltaire, é peça fundamental na composição dos atributos

¹² Para entender melhor as regras, bem como as peças que constituem o jogo de xadrez ver: Disponível em: <https://www.megajogos.com.br/xadrez-online/regras> e acessado em: 12/02/2021.

de seu príncipe. A Rainha representa a temperança com que o governante deve medir suas ações e é essencial na tomada de decisões do príncipe ante seu governo e súditos.

O Cavalo representa a moral com a qual o governante deve agir em todas as ocasiões. Para Voltaire, essa moral faz parte da virtuosidade do seu príncipe. O Bispo representa o caráter divino do governante, que, para Voltaire, se assemelha às qualidades divinas associadas às culturas greco-romanas e orientais admiradas pelos franceses no século XVIII.

A Torre representa a inteligência que o governante deve possuir para entender como funcionam todos os mecanismos de seu governo. É preciso conhecer as artes da guerra, das artes, da cultura, da economia, da jurisprudência, do governo como um todo. Para Voltaire essas qualidades também faziam parte do aparato governamental do príncipe, saber onde e como gerir e estar a par de tudo. Seus peões representam o caráter humano e tolerante do seu governante na medida em que ele sabe que cada súdito seu é mais que um súdito a ser governado, ele é antes um ser humano a ser respeitado em todos os seus aspectos e crenças. Para Voltaire, a tolerância e a humanidade são peças integrantes de um príncipe virtuoso, porque ele respeita e tolera o ser humano independente de cor, gênero e crença.

Defini como título da HQ, a partir do perfil psicológico, características físicas e definição das pretensões de jogo de cada personagem o título DUELO DE PRÍNCIPES. Esse título sugere o duelo que Nicolau e Francisco irão travar através de uma partida de xadrez na qual irão defender suas ideias sobre como deveria ser e agir, para cada um, o governante ideal, cada um com bases nas premissas de Maquiavel e Voltaire.

Utilizamos um contexto atual para desenvolvermos nosso roteiro. Século XXI, época em que vemos a existência de governos extremamente autoritários e descabidos que ainda dominam alguma parte do mundo, ditando suas regras ao arripio da lei. Fato este que incomodava os velhos amigos Nicolau e Francisco. Eles conversavam frequentemente sobre as formas de governos atuais e como deveriam ser suas administrações. Essas discussões estavam cada vez mais acaloradas.

Dentro desse cenário, Nicolau e Francisco estão em uma praça, a qual possuía um espaço para quem quisesse jogar damas ou xadrez, uma vez que o tabuleiro é padrão para ambos. Debatiam de que forma os governos poderiam, através de seus governantes, serem administrados da melhor forma em pleno século XXI. Nicolau se lembrou da proposta de Maquiavel e, em contrapartida, Francisco das de Voltaire sobre como seriam para eles as atitudes que um governante deveria possuir e aplicar para o bem governar.

Nesse espaço, cada jogador trazia suas peças. Além disso, o espaço era aberto, coberto por lindas árvores, que deixavam o ambiente fresco e bonito. O que deixava o ambiente ainda

mais agradável era o vento corrente, que trazia uma brisa maravilhosa, deixando os jogadores ainda mais à vontade para jogar.

Certo dia, Nicolau e Francisco, como forma de prolongar a discussão sobre o bem governar, decidiram jogar uma partida de xadrez. Então ambos deram início ao jogo e, por meio dele, começam a mostrar suas convicções através das jogadas de xadrez. Nicolau jogava de uma forma muito intensa e concertada, já Francisco jogava de uma forma mais debochada, fato que irritava muito Nicolau, o que quase resultou em uma briga. Em virtude disso, Nicolau se irritou muito e desistiu da partida.

Francisco, ao notar a irritação e insatisfação do amigo, propôs que eles fossem cada um para suas casas, esfriassem a cabeça, treinassem e voltassem no outro dia para retornarem e terminarem a partida sem deboches, despreensões ou irritações. Nicolau, ao chegar à sua casa, logo foi para a sua biblioteca treinar pensando em cada jogada que iria executar, e Francisco, seguro e confiante de si, primeiro leu um jornal, tomou um café, após um bom tempo, também olha para o tabuleiro e as peças e começa a imaginar suas jogadas, pega o jogo e vai para seu escritório treinar.

O roteiro da HQ é a base para a exposição das ideias dos autores, as quais sofreram adaptações na sua linguagem e se desenvolveu no sentido de mostrar como eles iriam mover suas peças de xadrez conforme os pressupostos de Maquiavel e Voltaire, de como deve agir seu governante para assegurar a integridade, coesão e estabilidade governamental. Sendo assim, na continuação de nossa argumentação, apresentaremos de forma textual como foi desenvolvido o roteiro desta história.

Nicolau treinava em sua biblioteca pessoal as jogadas. Em frente ao seu tabuleiro, ele imaginava cada movimento a ser feito. Movia as peças com destreza, manuseando cada uma delas de acordo com as ideias que Maquiavel tinha sobre como deveria agir seu governante.

Seu Rei (virtude) e a sua Rainha (fortuna) eram antecidos pela sua Torre (estratégia) e seu Cavalo (astúcia e coragem). Seu Bispo (divino x humano) ditava a grande diferença entre o homem e o divino, tornando o jogo mais realista e profundo. Os peões marcavam o tom da diferença tênue entre o amor e o temor ao príncipe.

Francisco treinava em seu escritório, que tinha um bonito relógio de parede, o qual ele adorava (simbolizando que o tempo poderia ser um aliado ou um inimigo para o governante). Assim como Nicolau, Francisco movia suas peças com o sarcasmo típico do estilo de Voltaire. Suas ideias sobre como deveria agir seu monarca ideal também ditavam o ritmo do seu jogo.

Seu Rei (virtuoso), sua Rainha (temperança), o Cavalo (moral), o Bispo (divino nos moldes orientais e clássicos), a Torre (inteligência nos moldes iluministas), o Pião 1 (humano) e o Pião 2 (tolerante) formavam a gama de características e atributos que deveriam fazer parte do estilo de agir de seu monarca ideal.

Nicolau movia seus peões de acordo com suas características e finalidades. A astúcia da raposa e a coragem do leão orientavam seus movimentos, assim como deveria agir o seu monarca perfeito, atuando com estratégia e coragem para manter seu governo firme e forte, superando obstáculos de maneira objetiva e rápida em prol de seu poder.

Para tornar a HQ mais atrativa e dinâmica, cada movimentação feita por Nicolau, ou mesmo Francisco, seus peões e demais peças ganham vida, uma metamorfose que acredito dê maior impacto para o leitor da HQ, por exemplo, quando os peões se transformam em guerreiros que causavam temor e respeito, oportunizando a aplicação das ideias do pensador.

O “competidor” Francisco também movia seus peões de acordo com suas características e finalidades. O sentido humano e tolerante como seu governante deveria agir para com seus súditos ditava os movimentos de seus peões.

Essa metamorfose de peão para guerreiro, a partir da movimentação feita por Francisco, tornava-os exímios espadachins, atuando com destreza e eficácia.

Ao moverem seus peões, Francisco e Nicolau ditavam a direção de suas jogadas, definindo como queriam expressar suas visões de como tanto um e quanto o outro pensavam ao movimentar suas peças. Dessa forma, aproveitou o momento de atenção no personagem e na peça do jogo para apresentar as ideias dos pensadores, por meio de balões da seguinte forma:

BALÃO DE FALA DE NICOLAU: defino como deve agir meu governante em relação aos seus súditos. Como distinguir sobre ser amado ou temido. Ser amado é viável até surgir outro digno de ser amado e será conveniente para seus súditos amar esse outro na medida em que ele poderá proporcionar vantagens, como maior segurança ou potenciais ganhos em dinheiro... ah... o dinheiro, sempre tão importante... Já, se é temido, não será conveniente para seus súditos contrariá-lo com o imperativo da punição espreitando-os.

Cabe destacar que cada balão de fala dos personagens estará numa página em separado, assim, ganham destaques a cena e a fala do personagem. Mas, seguimos com as falas dos competidores.

BALÃO DE FALA DE FRANCISCO: defino como deve agir meu governante. Ao mesmo tempo em que deve ser humano ao tratar seus súditos com a dignidade e respeito que

merecem, ele deve ser tolerante, principalmente, para com a crença do próximo, pois a liberdade é acima de tudo seu lema.

Nicolau, após movimentar seus peões, mostrando com quais objetivos o governante deve ser amado ou temido, movimenta seu cavalo.

Seu cavalo representa a astúcia e a coragem com a qual seu governante deve agir para com as principais decisões relativas ao seu governo. Agir com estratégia, ser calculista em suas ações e ser destemido são atos fundamentais para que o príncipe consolide seus domínios, sendo este o objetivo do governante para Nicolau.

Nesta cena, com um olhar confiante, Nicolau, ao movimentar seus cavalos, estes viravam raposas e leões, representando a coragem e a estratégia como deveria o governante agir.

Francisco também, após movimentar seus peões e mostrar seus objetivos, iniciou a movimentação de seu cavalo.

Seu cavalo representa a atitude moral que seu governante deve ter em relação às suas ações. Não é aquela moral cristã que é uma moral baseada em ações religiosas, mas, sim, uma moral humana de respeito, principalmente, ao seu objeto de ação. Agir com princípios morais que possibilitem uma solução pacífica e honrosa é o objetivo do príncipe ideal de Voltaire.

Aqui Francisco atribui valor ao seu cavalo como um ser digno de uma moral que o assemelha ao mais puro sangue dos cavalos moralmente imponentes.

BALÃO DE FALA DE NICOLAU: ao mover meu cavalo, demonstro como deve agir o governante em prol do seu governo - com astúcia e coragem para decidir o destino de seu principado. A astúcia em agir estrategicamente para prever todas as possibilidades e ter a coragem e a determinação de cumprir, seja da forma como for, os objetivos traçados – estrategicamente - de forma efetiva.

BALÃO DE FALA DE FRANCISCO: quando movo meu cavalo, revelo como deve ser o modo de agir de meu governante para atrair seus súditos para si e seus objetivos. Ele deve elevar sua moral para além da moral cristã, preconizada na Bíblia Cristã, para uma moral que respeite o ser humano em todas as suas nuances. E, acima de tudo, que essa moral se baseie em princípios pacíficos e honrosos para que conflitos sejam resolvidos sabiamente.

Nicolau agora movimenta o seu bispo. O bispo para ele representa a grande diferença que há entre seu governante humano em detrimento do governante divino, o qual precisa, além de seguir todos os preceitos cristãos que orientam como o governante cristão, deve agir perante seus súditos, privilegiando a moral cristã acima de tudo.

Nicolau baseava seu governante aos moldes do príncipe de Maquiavel, que estava além da moral cristã. Seus atos partem de sua visão humana, típica do humanismo, que coloca o homem no centro das principais decisões artísticas, culturais, científicas e políticas. Este governante humano age de acordo com seus princípios e objetivos para com seus súditos e seu governo.

Cabe destacar que Nicolau atribui humanidade ao seu Bispo, tirando-o do pedestal divino-cristão e aproximando-o da sua essência humana, separando Deus e Homem, como sendo partes distintas. Ao mover seu Bispo, Nicolau, em um tom anticlerical, o transforma em um ser de carne e osso que vai mais além, agindo conforme suas convicções e objetivos.

Francisco, por sua vez, movimenta seu Bispo de acordo com o caráter divino, não no sentido cristão, mas no sentido, principalmente, oriental e greco-romano, pois a França do Século XVIII estava, através do Iluminismo, revivendo toda a cosmologia clássica da era oriental e greco-romana. Esse caráter divino englobava todas as religiões, exceto a cristã, a qual Voltaire tinha aversão pelo fato de esta ser totalmente intolerante para com outras religiões.

Nesta cena, Francisco atribui ao seu Bispo um caráter de ser divino misturando beleza grega com sabedoria oriental. Ele se transformava no mais belo ser já visto dotado de beleza e sabedoria marcantes.

BALÃO DE FALA DE NICOLAU: ao movimentar o meu Bispo, demonstro a grande diferença entre o governante cristão e o governante humano, o qual age muito além dos princípios tradicionais cristãos preconizados pela Bíblia. Esse governante que age de acordo com a moral cristã de amor e temor a Deus e que deve amar ao próximo mesmo que esse próximo lhe golpeie de morte, dando lugar a um governante humano frio e calculista que é capaz de atos vistos sob o prisma da moral cristã como sendo atozes e desumanos, agindo para atingir um determinado fim, que é o de assegurar seu poder e sua estabilidade perante seus domínios.

BALÃO DE FALA DE FRANCISCO: ao mover o meu Bispo, revelo quais qualidades divinas meu governante deve possuir sem deixar, é claro, seu lado humano. Essas qualidades divinas são inspiradas, principalmente, nas culturas orientais e clássicas, como, por exemplo, os heróis gregos Adônis, detentor de uma beleza divina que despertou a paixão da deusa Afrodite, mas, acima de tudo, porque ele era associado com a terra e de ter ligação com os fenícios, que foram exímios agricultores. É nesse sentido que meu governante traz seu caráter

divino, ele é dotado de sabedoria e coragem para tratar de assuntos de seu interesse, visando ao bem comum de seu governo.

Nicolau inicia o movimento da sua Torre, que representa a inteligência estratégica com a qual o governante deve se munir para se prevenir e antecipar em relação a iminentes e futuros problemas que possam vir a atingir seu governo. Aliada da astúcia, essa inteligência estratégica faz parte dos atributos do príncipe ideal para Maquiavel. Agir com inteligência e estratégia para resolver assuntos pertinentes e vitais para a preservação dos seus domínios.

Nesta etapa da história, Nicolau faz uma expressão de soberba ao movimentar sua Torre e, ao mesmo tempo em que ela se movimenta, se transforma em um livro contendo todas as orientações necessárias ao agir do governante.

Noutra cena, Francisco, ao mover também sua Torre, que é a maior peça do jogo de xadrez, empregada no final da partida pelo seu valor estratégico e tático, que, para Francisco, representa a inteligência com a qual seu governante age em todos os níveis de seu governo: politicamente, quando sela acordos e negociações diplomáticas; econômicas, quando incentiva o progresso industrial, artesanal e agrícola; militar, quando investe em seu exército próprio; cultural e artístico, quando promove ciência, filosofia e inovação. Essa visão inteligente faz parte dos atributos de um príncipe também para Voltaire. Francisco, com um olhar observador e ao mesmo tempo confiante, move sua Torre, a qual, em seus dedos, se transforma na figura de um diplomata nato.

BALÃO DE FALA DE NICOLAU: ao mover minha Torre, demonstro o quanto importante é a inteligência estratégica. É ela quem dita praticamente as decisões mais importantes que o príncipe maquiaveliano deve tomar para garantir a integridade e a expansão de seu governo. É como agir de forma incisiva e pontual sobre algum aspecto importante para a manutenção de seus domínios, como, por exemplo, anexar algum território ao seu, prevenir desordens de cunho político, intrigas e confusões internas.

BALÃO DE FALA DE FRANCISCO: ao mover a minha Torre, mostro o quanto inteligente meu príncipe deve ser para poder gerir com extrema competência seu governo em todos os níveis. Sela acordos políticos, promover ciência, cultura, tecnologia, incentivo econômico, treinamento e investimento militar. Essa inteligência de ter a visão do todo de seu governo.

Nicolau tem em sua Rainha uma das peças fundamentais, junto com as demais, para que seu governante tenha êxito em seu governo. Ela representa a fortuna, não no sentido que a palavra passa, de se ter riqueza, mas no sentido de que as circunstâncias cooperarem a favor

do governante para que ele atinja determinado fim, seja ele político ou geográfico, expandindo seus domínios territoriais.

Nesta cena, a Rainha segura na mão um trevo de quatro folhas simbolizando a sorte (fortuna) a qual o governante tem no sentido de tudo conspirar a seu favor, pois ela, assim como a Torre, tem o poder de, junto com o Rei, vencer a partida por sua mobilidade e é a peça preferida do enxadrista iniciante.

Francisco possui em sua Rainha a temperança no agir do governante, em suas ações no sentido de ser comedido e sóbrio em todos os níveis e tomadas de decisões em seu governo. Ele deve ser moderado em suas decisões, levando em conta todas as consequências, sejam elas positivas ou negativas, tentando achar um denominador comum que satisfaça a todos de uma maneira justa, principalmente no campo político, tomando decisões de forma temperada.

A Rainha, com olhar benevolente e amoroso, segura na mão uma balança, que serve para pesar todas as decisões a serem tomadas.

BALÃO DE FALA DE NICOLAU: quando movo minha Rainha, ela dita os caminhos que a fortuna percorre e que o governante pode ou não fazer bom uso dela. Não uma fortuna no sentido de ter relação com dinheiro, mas com certa sorte de acontecimentos que se dão de forma natural e, por vezes, espontânea, como algo que acontece ao acaso sem forças externas ou internas, agindo a favor ou contra. Como, por exemplo, meu príncipe, ao buscar manter seu governo e poder intacto, além de fazer jus a isso, ter toda a sorte de acontecimentos que colaborem para que isso se mantenha e se concretize.

BALÃO DE FALA DE FRANCISCO: ao mover minha Rainha, demonstro que, além de sabedoria, meu governante deve ter moderado em todas as suas ações. Este deve ser comedido em suas ações, ser atento e calcular todas as suas decisões em prol de um fim que não prejudique nenhum dos lados e favoreça o bem comum a todos, seja no nível político ou econômico. Também deve ser uma das ações de força para alcançar meus objetivos. Ter temperança, principalmente nas decisões político-administrativas, é necessário ao bom exercício de um bom governo.

O Rei é a peça mais importante do jogo para Nicolau, pois ele representa a principal característica que seu governante deve possuir, a virtude. Como diria Maquiavel, a *virtú* reúne todas as qualidades já citadas durante o movimento de cada peça no jogo. Ser amado e/ou temido, ser astuto e corajoso, ser mais humano em relação ao divino, separando a religião da política, ser inteligente para agir estrategicamente e ter como sua aliada a fortuna que o beneficiará de várias formas para que ele, o príncipe, estabeleça e mantenha a ordem em seu governo e em seu território.

A peça do Rei, o governante de Nicolau, está sentado em um trono e representa todas as qualidades exaltadas ao longo de todas as jogadas realizadas. Nessa peça está praticamente encarnada a figura do governante ideal de Maquiavel, como escrito acima.

O Rei, para Francisco, assim como foi para Nicolau, representa também a principal característica que um governante deve possuir, a virtude. Virtude de ser humano e tolerante para com o ser humano em todas as suas nuances, principalmente, em termos religiosos. Ele tem suas convicções morais muito bem definidas, o sentido de respeitar seus súditos e seus subordinados, de assumir seu caráter divino sem se esquecer de que é ser humano como um outro qualquer e não se aproveitar disso. De ser inteligente em todas as suas ações, promovendo conhecimento e cultura em todos os níveis de seu governo. E aliando sempre a temperança em suas ações, agindo com cuidado a todo o momento, levando em consideração todas as variáveis possíveis para gerir com sucesso seu governo.

Já a peça do Rei de Francisco se assemelha ao mesmo tempo a uma divindade, sem perder sua humanidade, olhando para seus governados com compaixão e humanidade, não esquecendo que cada um deve ser respeitado, principalmente em suas liberdades.

4.1 CONCLUSÃO DO ROTEIRO

No outro dia, Nicolau e Francisco retornaram à praça novamente. O clima estava agradável, o sol iluminava a praça e o local onde estavam os tabuleiros de xadrez. Ali se sentaram um em frente do outro e começaram a posicionar suas peças no tabuleiro de xadrez. Eles se cumprimentam e se preparam para iniciar suas jogadas, as quais treinaram para esse duelo. Ao final, alguém afirma em um quadrado de fala... mas não se percebe quem fala: “que os jogos comecem”.

Neste quadro, eles, ao sentarem em frente um do outro, começam a se olhar, Nicolau, com seu olhar traiçoeiro, frio e semblante calculista e sorrateiro, e Francisco, com seu olhar sarcástico e detalhista e, ao mesmo tempo, debochado e confiante.

Após apresentarmos como foi desenvolvido o roteiro da HQ, iremos desvelar o produto materializado a partir do roteiro formado.

Roteiro de Deivid Trindade

DUELO ENTRE

PRÍNCIPES

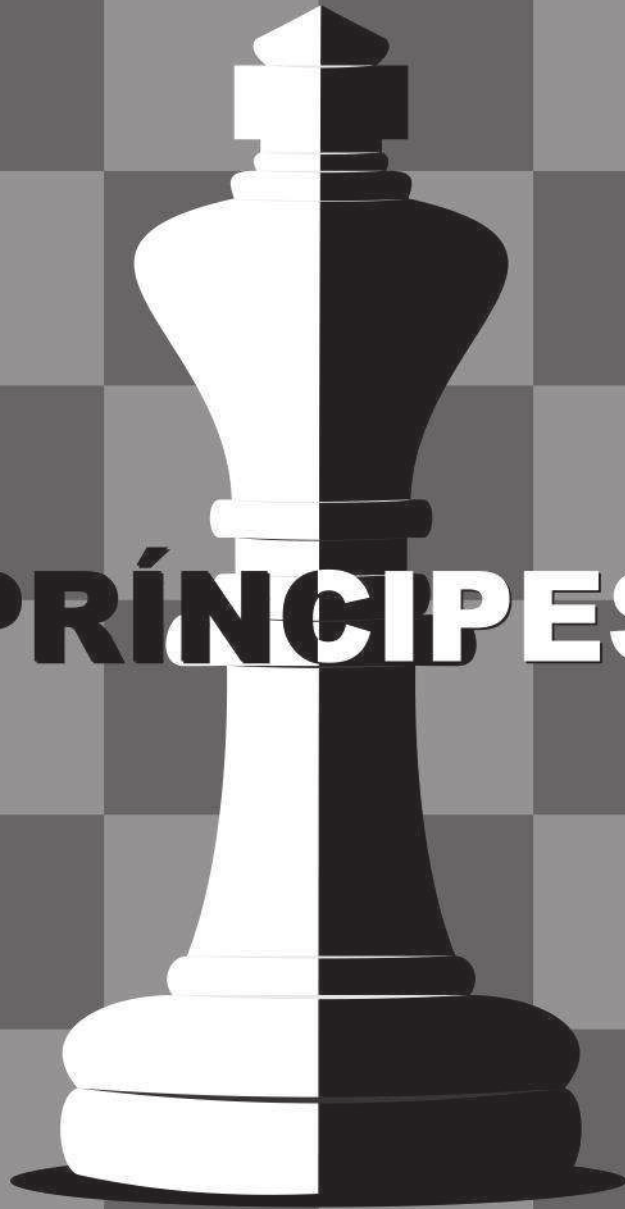
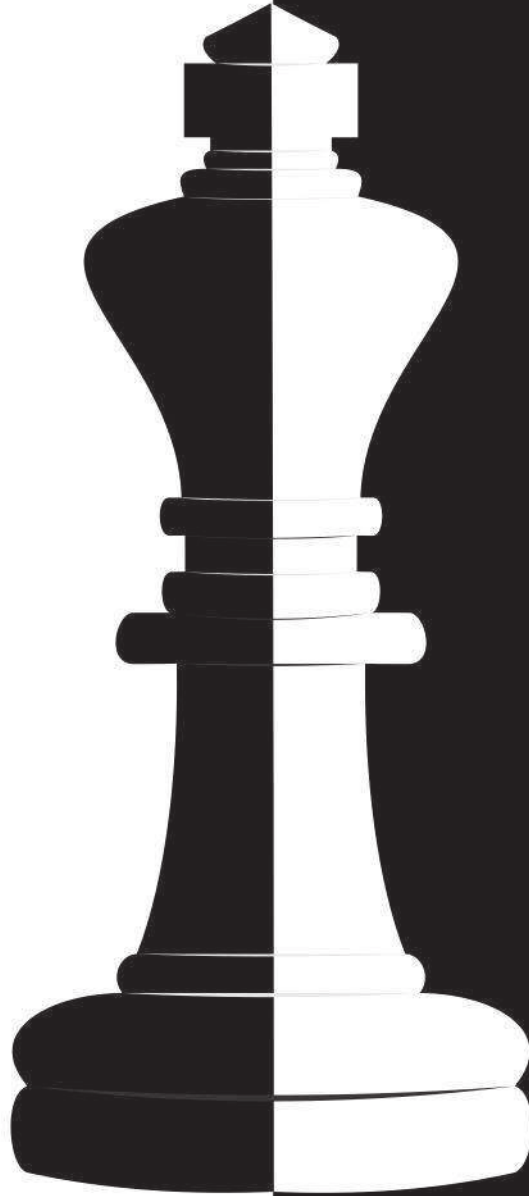


Ilustração de **Everson Santos**

Edição de **Felipe Gusmão**





Ficha Catalográfica:

Distribuição gratuita

Século XXI, época em que vemos a existência de governantes extremamente autoritários e descabidos que ainda dominam a maior parte do mundo, ditando suas regras. Esse fato incomodava muito os velhos amigos Nicolau e Francisco.

Eles conversavam com frequência sobre as formas de governos atuais.

Certo dia, eles estavam em uma praça que possuía um belo espaço para os amantes de xadrez e damas travarem suas disputas.

Lá eles discutiam sobre como os governantes poderiam agir tendo por base as ideias de Maquiavel (Nicolau) e Voltaire (Francisco) e sobre como seriam para eles as atitudes ideais que um governante deveria ter. Nessas discussões, eles quase se agrediam fisicamente. Então decidiram jogar uma partida de xadrez e, através das jogadas, mostrar como deveria agir um governante ideal, sem que brigassem. Nicolau tinha uma forma intensa e concentrada de jogar; já Francisco jogava de forma mais sarcástica e debochada, o que irritava Nicolau, fazendo-o desistir da partida.

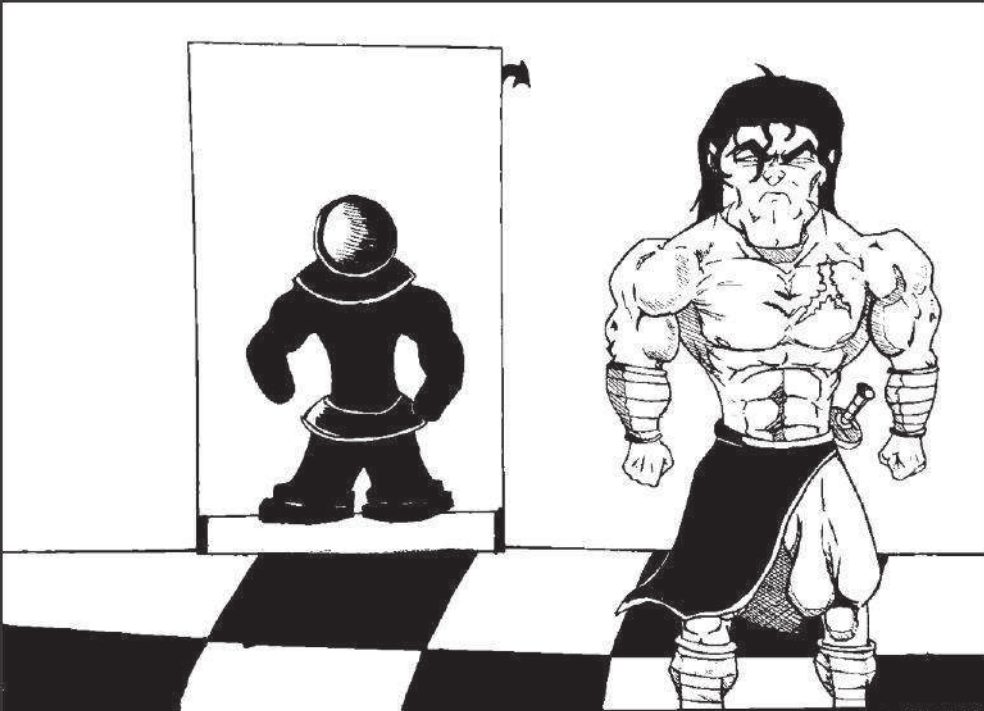
Francisco, ao perceber a irritação e insatisfação de seu amigo, propôs que fossem cada um para sua casa a fim de treinarem e retornarem em outro momento para finalizarem a partida, sem deboches, pretensões ou irritações.

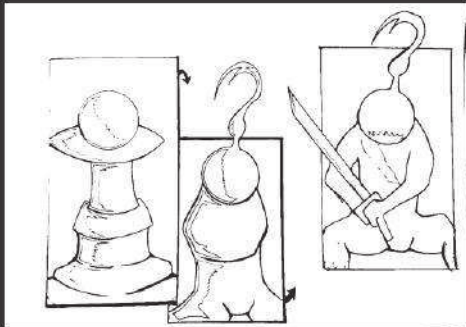
Nicolau, ao chegar a sua casa, foi para sua biblioteca treinar, pensando em cada jogada que iria executar. Já Francisco, seguro e confiante de si, primeiro foi ler um jornal e tomar um café, mas, ao mesmo tempo, pensava a todo tempo em suas jogadas. Após o café, foi para seu escritório treinar, onde havia um belo relógio de parede que ele adorava.

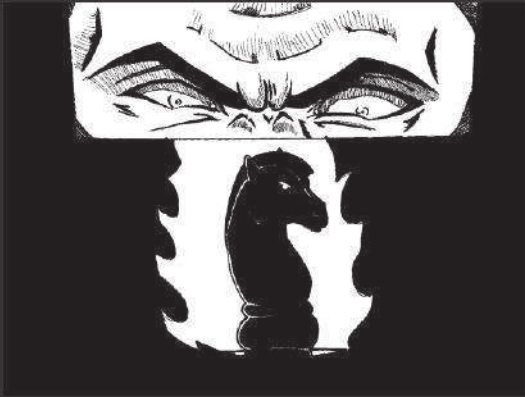
A partir de agora vamos acompanhar a preparação dos dois amigos para esse super duelo de Titãs.

Meu governante deve saber a diferença entre ser amado ou temido porque pode ser amado por interesse e não por lealdade. Por isso deve ser temido e fazer valer isso pois punirá qualquer contrariedade sem pensar muito!

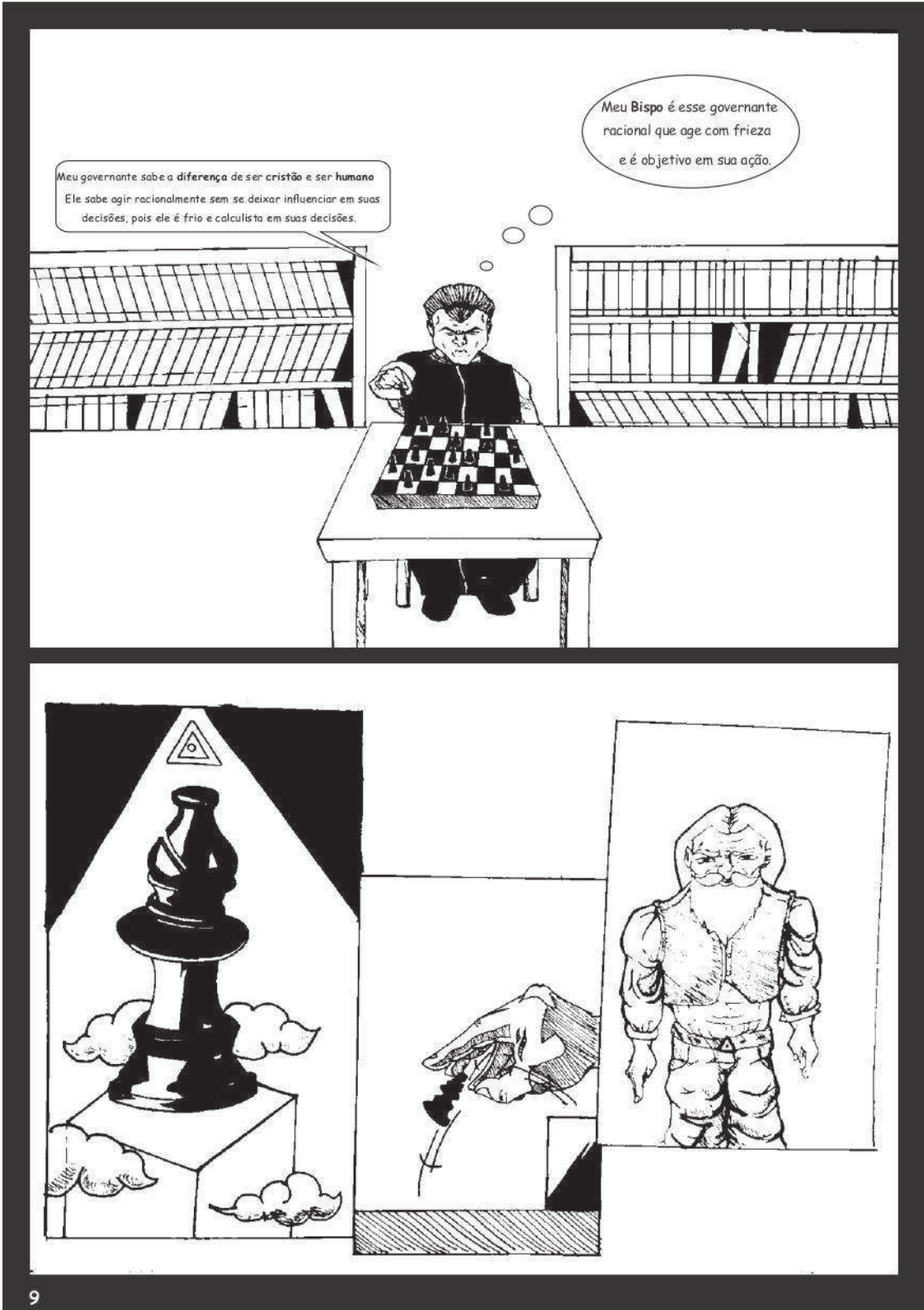
E meu peão é esse guerreiro pronto a agir!



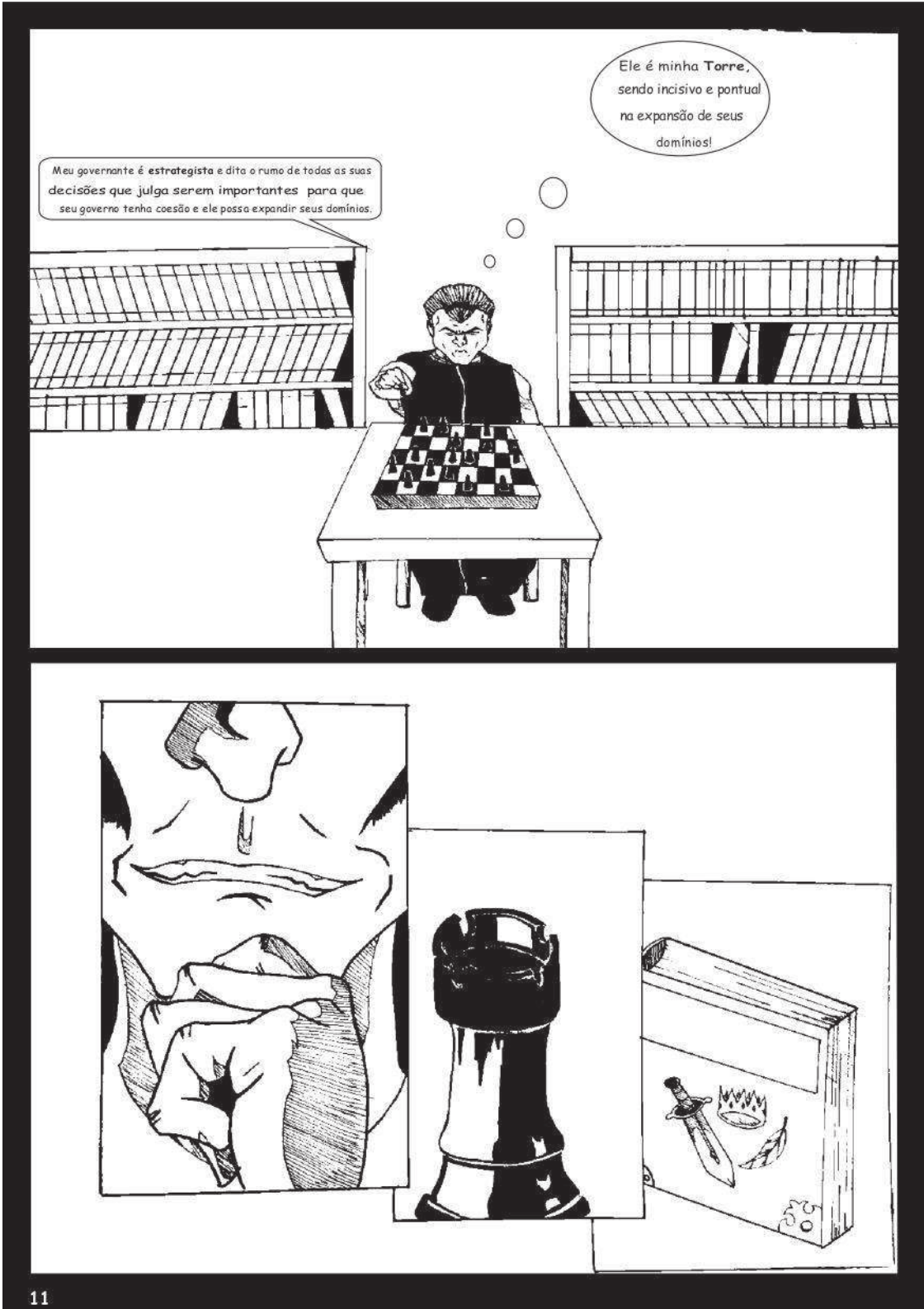


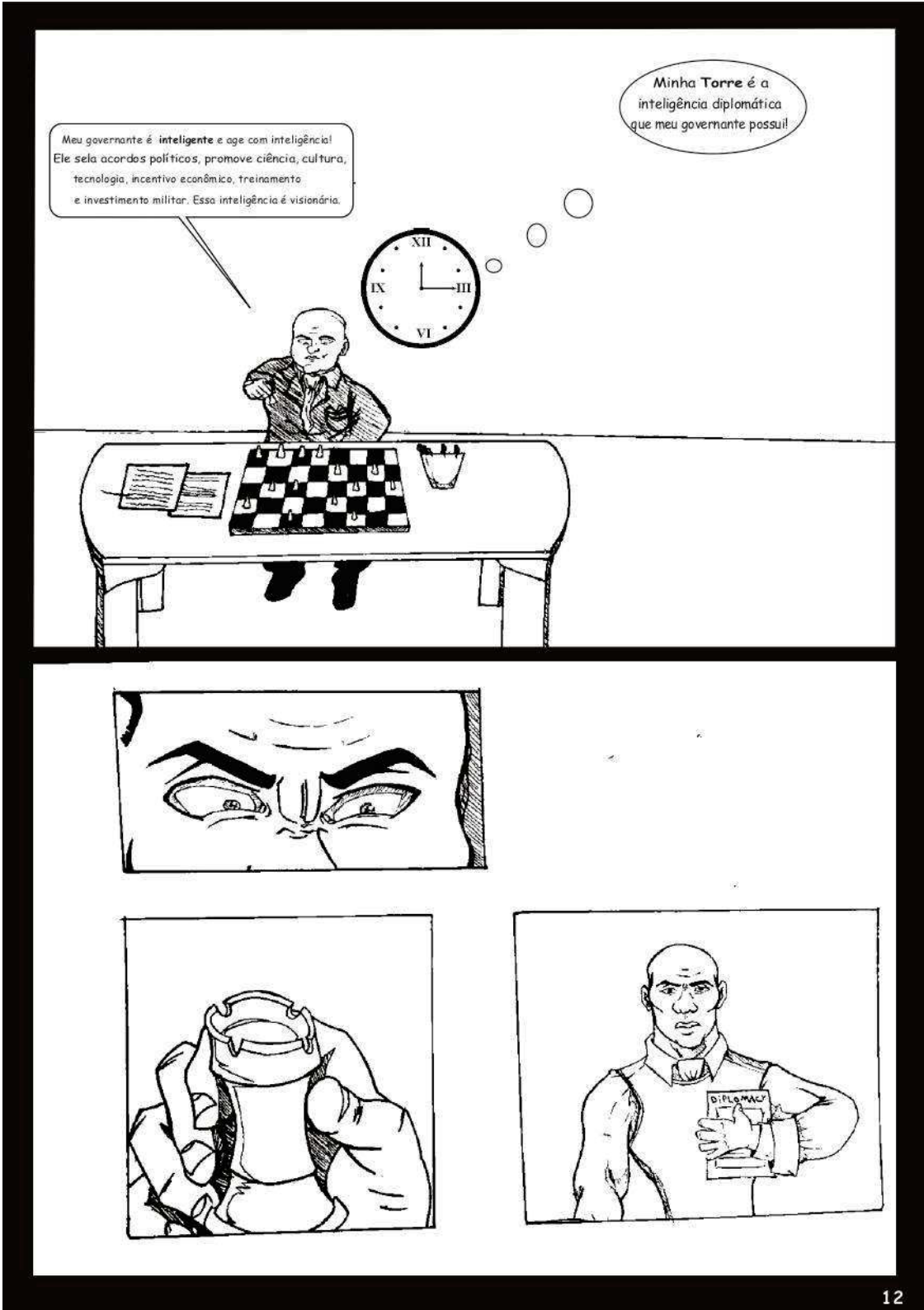






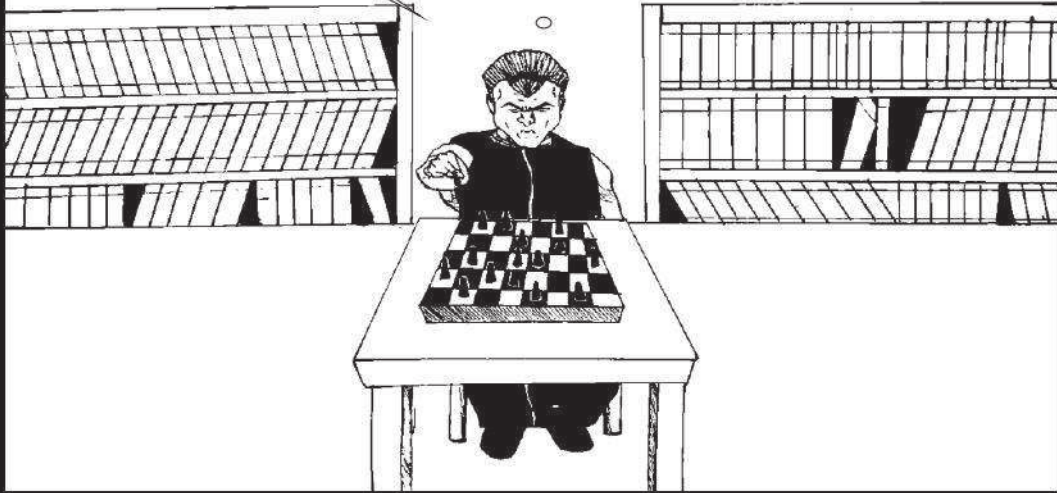


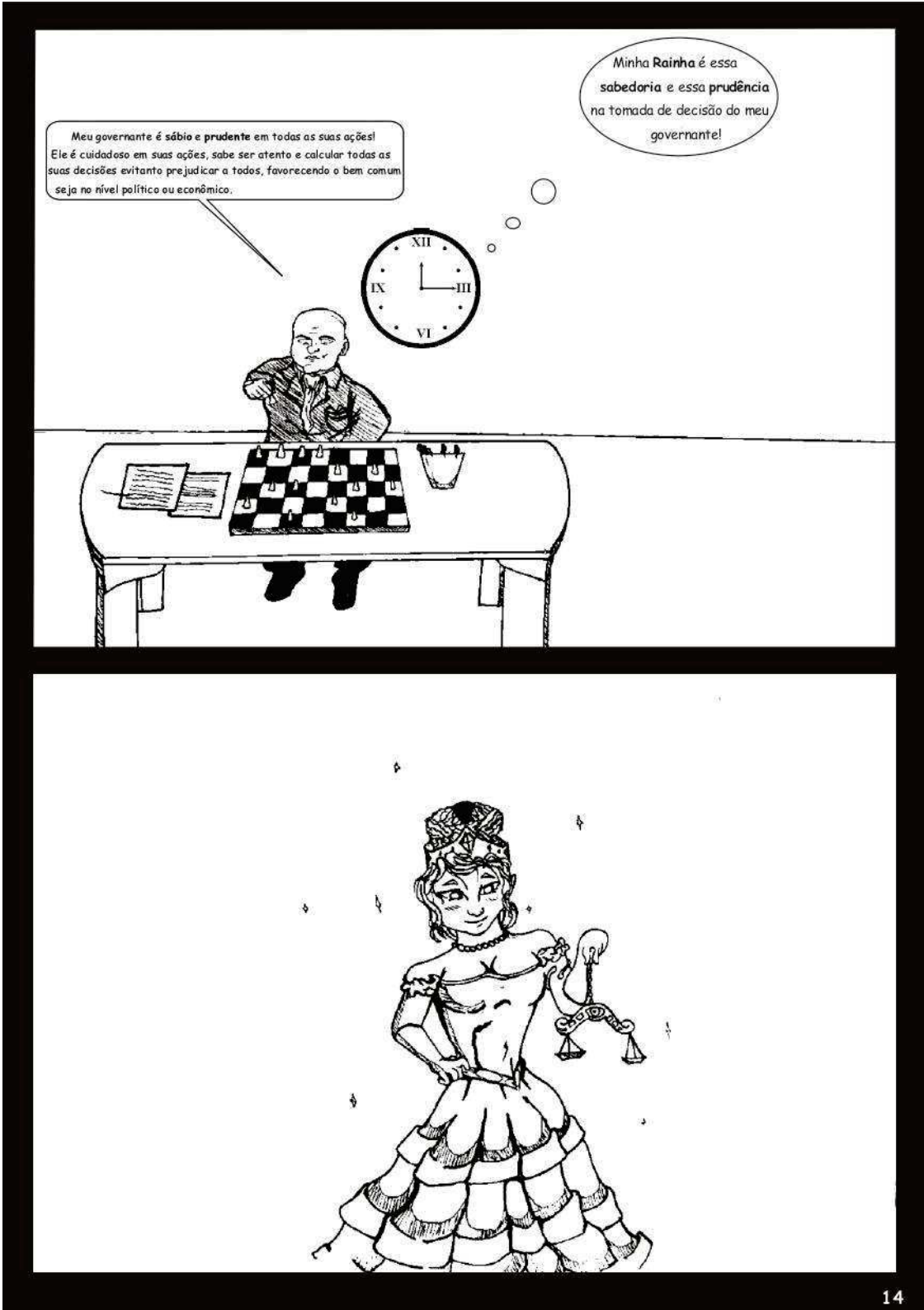




O governante conta com a sorte e sabe fazer bom uso dela. Essa sorte se dá através de acontecimentos que o favorecem e se dão de forma natural e acontecem quase que ao acaso sem que uma força aja a seu favor;

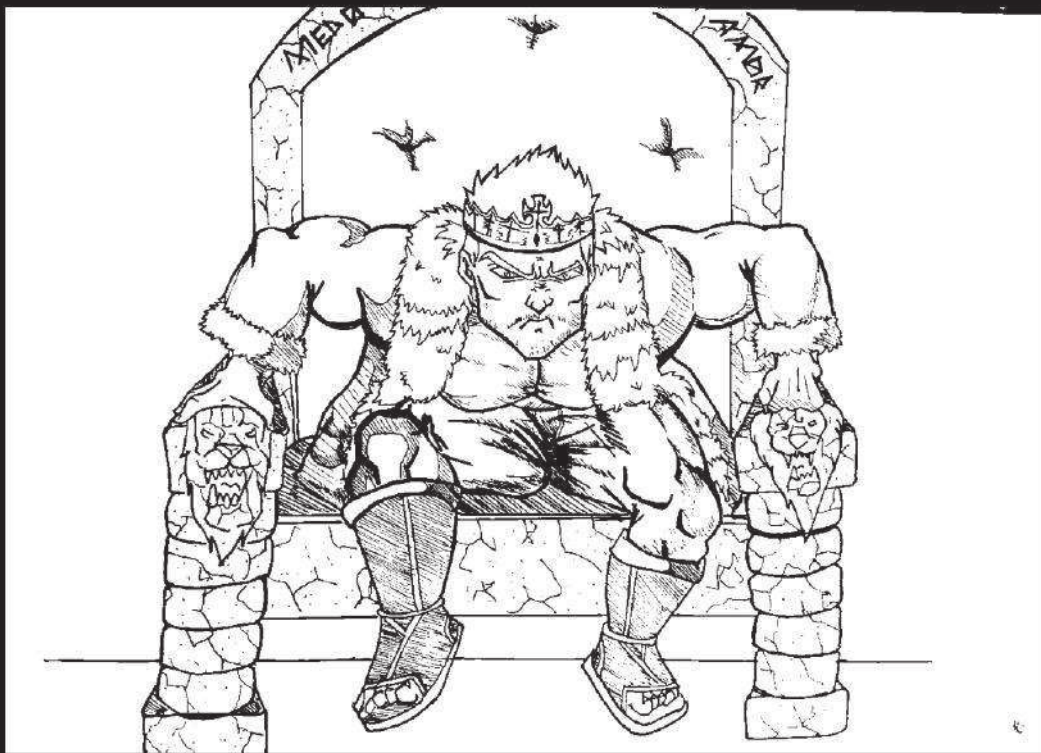
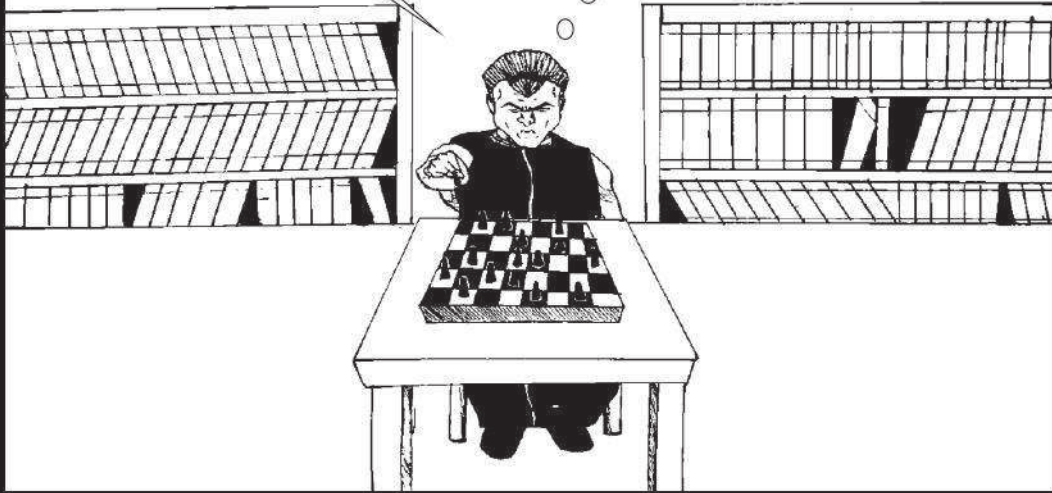
Minha Rainha é essa sorte que faz com que os acontecimentos sejam a favor do meu governante e seu governo se torne forte e sólido!





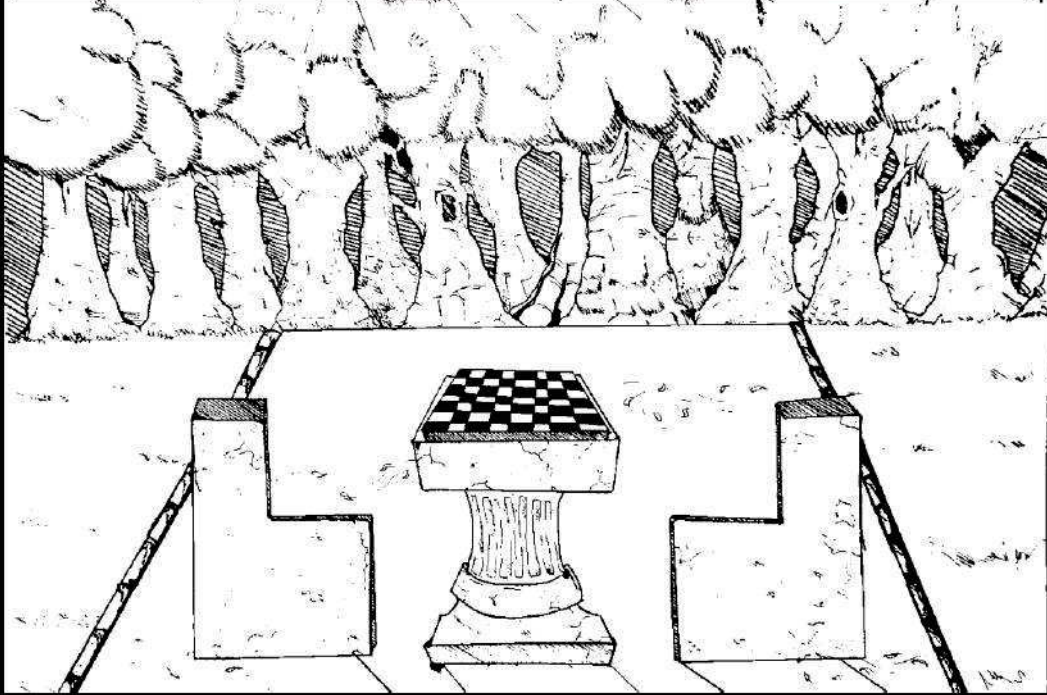
Meu governante é virtuoso! Ele sabe sua condição como tal. Como diria Maquiavel, essa Virtú reúne todas as qualidades que ele precisa para governar: Ser amado e/ou temido, ser astuto e corajoso, ser mais humano do que divino separando a religião da política, ser inteligente ao agir com estratégia e ter como sua aliada a Fortuna que o beneficiará de várias formas para que ele, estabeleça e mantenha a ordem em seu governo e em seu território.

Meu Rei é virtuoso em ter consciência de sua posição perante seus súditos e seu território e governo!





No dia seguinte, com um clima agradável e o sol iluminando a praça os amigos se encontrariam dentro de alguns minutos para o grande duelo.



Que os jogos comecem





E aí, curtis-te?! Essa história que tu acabste de ler é um dos resultados do Mestrado Profissional em História do Deivid Trindade, pelo Programa de Pós-Graduação em História - PPGH da Universidade Federal do Rio Grande - FURG, que foi idealizado e feito a partir do seu Trabalho de Conclusão de Mestrado intitulado «Espelhos de Príncipes» em Maquiavel e Voltaire e o ensino de História por meio da História em Quadrinhos, que foi defendido e que contou com a contribuição de Felipe Gusmão e Everson Santos.



DEIVID TRINDADE

AUTOR de Duelo entre Príncipes.

Deivid Rio Grandino, historiador e Mestrando em ensino de história com foco em ensino de História e História em Quadrinhos.

Contato: deividtrindade58@gmail.com

EVERSON SANTOS

DESENHISTA de Duelo entre Príncipes.

JR é um fuzileiro naval. Apaixonado pela arte de desenhar desde cedo e demonstrou neste trabalho um pouco de sua criatividade.

Contato: Eversonldspjr@gmail.com



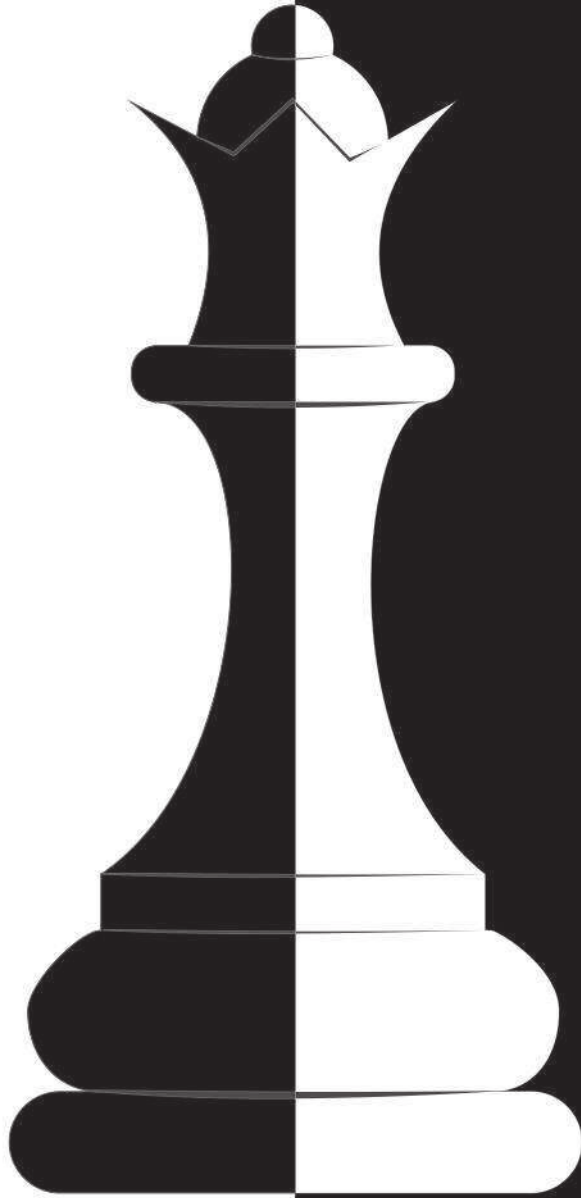
FELIPE GUSMÃO

EDITOR de Duelo entre Príncipes.

Gusmão é carioca criado no RS, designer gráfico, mestre em artes marciais. Sempre foi um amante de HQ e Mangá.

Contato: 53 984744849 (Whatsapp)





5. APLICAÇÃO DO PRODUTO

O produto, juntamente com o manual, que é o próprio TCM, será aplicado pelo professor, como foi mencionado anteriormente, para os alunos do 1º e 2º ano do ensino médio. O professor, ao introduzir os conteúdos referentes à formação das Monarquias Nacionais europeias, poderá usar a HQ para discutir as visões de Maquiavel e Voltaire sobre como deveriam ser e agir os monarcas em relação aos seus governos. O professor também poderá ter outras aplicações do produto, podendo falar de História em Quadrinhos, de filosofia moderna, sobre intolerância, dentre outros assuntos a partir da HQ, na visão de Voltaire, e de política moderna, a partir da visão de Maquiavel.

O produto inova na apresentação da temática, porque, através de uma HQ, traz para a realidade uma abordagem mais atual e com uma linguagem própria, proporcionando ao aluno experienciar e suprir carências históricas sobre o tema do trabalho, que é “Espelhos de Príncipes”, antigos manuais destinados à educação dos monarcas, tema no qual as obras “O Príncipe” de Maquiavel e “A Princesa de Babilônia” de Voltaire apresentadas aqui se encaixam.

Ele poderá ser baixado, de forma gratuita, pelo professor no site do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande. Vale ressaltar que, o professor ao fazer o download estará adquirindo não só o produto que é a HQ, mas também o manual para que possa aplicar o produto para suas turmas de 1º e 2º anos do ensino médio.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste Trabalho de Conclusão de Mestrado em História foi apresentada uma pesquisa que resultou num produto com o qual o professor de História poderá ajudar o aluno a experienciar o passado e, com isso, suprir suas carências históricas a respeito do tema “Espelhos de Príncipes”, manuais que definiam a forma de conduta a que os príncipes deveriam seguir para bem gerir seus governos.

Esse produto consistiu na adaptação das ideias de dois pensadores em uma História em Quadrinhos, que abordou a temática dessa literatura direcionada aos príncipes de suas respectivas épocas. Maquiavel escreveu no século XV a obra “O Príncipe”, na qual ele escreveu como deveria o príncipe agir para com seu governo com o intuito de torná-lo forte e coeso internamente. Já Voltaire escreveu no século XVIII a obra “A Princesa de Babilônia”, obra na qual ele também propõe diretrizes as quais seu príncipe deveria seguir para governar, com o objetivo de desenvolver seu governo em todas as suas formas.

Usei como base teórica o pensamento de Jörn Rüsen (2001/2007), que propõe uma didática da História que proporcione ao indivíduo experienciar o passado para que suas carências históricas sejam sanadas e ele se entenda como parte integrante do fazer histórico. Nesse sentido, fiz a pesquisa sobre as ideias dos pensadores e, com base na teoria e na metodologia da história, escrevi o roteiro da HQ com o intuito de proporcionar ao aluno entender e experienciar a visão de Maquiavel e Voltaire sobre como deveria ser e agir seu monarca ideal através de uma linguagem atualizada e mais voltada aos jovens.

Nesta pesquisa, procurei abordar sobre a vida e obra dos autores dentro dos seus respectivos contextos, século XV e século XVIII. Maquiavel, dentro de uma fragmentada e descentralizada península itálica, com todos os seus conflitos internos acerca do poder e domínio territorial. Voltaire, dentro de uma França assolada por monarquias corruptas e abusivas, as quais eram apoiadas por uma Igreja Católica Francesa intolerante e impiedosa para com quem divergisse de seus preceitos e dogmas.

Dentro dessa perspectiva, apresentei a ideia central das obras de Maquiavel, “O Príncipe”, e de Voltaire, “A Princesa de Babilônia”, que procuraram propor um ideal de governo monárquico.

Foi nesse sentido que estruturei o presente TCM, para que, antes de apresentar o produto, fosse demonstrada a pesquisa sobre as produções realizadas sobre Maquiavel e Voltaire, a apresentação de nossas bases teóricas em didática da História, ensino de História e consciência histórica, ancoradas na visão de Jörn Rüsen para que, através do experienciar do

passado, o professor de História possa proporcionar ao aluno bases para suas carências históricas e observar que a ânsia por governantes perfeitos já era buscada no passado.

Dessa forma, o produto aqui apresentado consistiu na produção de uma História em Quadrinho (HQ), na qual, através de uma linguagem e contexto atuais, demonstrou os ideais de Maquiavel e Voltaire sobre como deveriam ser e agir seus governantes em relação a sua administração monárquica. Nicolau e Francisco, nossos personagens fictícios da HQ, compartilharam conosco esses ideais através de um jogo de xadrez em que ambos treinam em suas casas e imaginam - cada um do seu jeito particular - cada jogada a ser feita e o que cada peça do tabuleiro representaria na visão de Maquiavel e Voltaire.

Sendo assim, o produto – acreditamos - permitirá ao aluno experienciar o passado de uma forma divertida e lúdica, já que a introdução de Histórias em Quadrinhos no ensino de história vem sendo uma constante nos últimos anos dentro do ensino básico para tratar de assuntos relevantes e que podem potencializar aprendizados históricos, fazendo com se perceba que a busca por governantes aptos a governar já são temas perseguidos desde os séculos XV e XVIII e que podem servir de inspiração para também buscarmos compreender que um governo se faz principalmente com pessoas comprometidas, engajadas e com competência para tal.

8. BIBLIOGRAFIA

- AGUIAR, Edinalva Padre. **Didática da história: uma ciência da aprendizagem histórica?** Florianópolis: UFSC, 2015.
- AMES, José Luis. Maquiavel. In: LOPES, Marcos Antônio (Org). **Idéias de história: tradição e inovação de Maquiavel a Herder.** Londrina: EDUEL, 2007, pp. 19-44.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda & MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando. Introdução à Filosofia.** 2.a. Edição, São Paulo: Editora moderna, 1993.
- ARAUJO, Marcelo Marcos de; VAS, Braz Batista. Ensino e Aprendizagem em histórica: uma reflexão a partir da perspectiva de Jörn Rüsen. **ESCRITAS**, Vol. 9, n.2 (2017), p. 131-144.
- ASSIS, Arthur Alfaix. **A didática da história de J. G. Droysen: constituição e atualidade.** Revista Tempo, 2014, v20, p.1-18.
- BOBBIO, Norberto, **Dicionário de política I.** Norberto Bobbio, Nicola Matteucci e Gianfranco Pasquino; trad. Carmen C, Varriale et ai.; coord. trad. João Ferreira; rev.geral João Ferreira e Luis Guerreiro Pinto Cacaís. - Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.
- BARON, Wilian Carlos Cipriano. CERRI, Luis Fernando. **A Teoria da História de Jörn Rüsen entre a Modernidade e a Pós-modernidade: uma contribuição á didática da história.** Educ. Real, Porto Alegre, v37, n.3, p.991-1008, set/dez, 2012.
- BARROS, José Costa D'Assumpção. **Voltaire: considerações sobre a sua historiografia e filosofia da História.** Universidade Federal de Goiás. Revista Teoria da História Ano 3. Número 7, Junho/2012.
- BARROS, José Costa D'Assumpção. **O príncipe de Maquiavel como fonte histórica.** História debates e tendências. Passo Fundo, v. 20, v. 3, p. 229 - 261, Set/Dez 2020.
- CALAZANS FALCON, Francisco José. **Iluminismo.** 2.^a Edição, Editora Ática: São Paulo, 1989.
- CARDOSO, Oldimar. **Para uma definição de Didática da História.** Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 28, nº 55, p. 153-170 – 2008.
- CARDOZO, José Carlos da Silva. História em Quadrinhos e relações internacionais: análise das edições do Capitão América publicadas entre 2017 e 2018. Campos Neutrais – **Revista Latino-Americana de Relações Internacionais** Vol. 2, N^o2, Maio – Agosto de 2020. Santa Vitória do Palmar – RS.
- CERRI, Luis Fernando. **Didática da História: uma leitura teórica sobre a História na prática.** Revista de História Regional 15(2): 264-278, Inverno, 2010.

CERRI, Luis Fernando. **Os conceitos de consciência histórica e os desafios da didática da história.** (1991).

COUTINHO, Alvaro Luz Alves, GIMENEZ, Henrique Rachid, MORELATO, Pedro Henrique, RODRIGUES, Guilherme Cia e SILVA, Vitor Alexandre Canedo da. **Nicolau Maquiavel: Vida, contexto histórico, obras, ideias e influências na contemporaneidade.** Universidade de São Paulo, Piracicaba, 2017.

CHARTIER, Roger. **O mundo como representação.** *Estudos Avançados*, 5(11), 173-191. Recuperado de.

DARNTON, Robert. 1939 – **Boemia literária e revolução: o submundo das letras no Antigo Regime**/Robert Darnton; tradução Luís Carlos Borges. – São Paulo; Companhia das Letras, 1987.

DARNTON, Robert. **Illuminismo como Negócio: história da publicação da Enciclopédia (1775-1800).** São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DIDEROT, Denis. 1713-1784. **Textos escolhidos** / Diderot; Traduções e notas de Marilena de Souza Chauí. J. Guinsburg. – São Paulo: Abril Cultural, 1979

LEE, Peter. **Em direção a um conceito de Literacia Histórica.** *Educar*, Curitiba, Especial, p. 131-150, 2006, Editora UFPR.

LIMA, Douglas Mota Xavier de. História em quadrinhos e ensino de História. *Revista História Hoje*, v. 6, n° 11, p. 147-171- 2017.

LOPES, Marcos Antônio. **A Imagem da Realeza: Simbolismo monárquico no Antigo Regime.** São Paulo: Editora Ática, 1994.

LOPES, Marcos Antônio. **Impiedades reveladas: histórias de valores morais e políticos para exemplo e proveito dos governantes, segundo algumas lições de Maquiavel.** *Estudos Humanísticos. História*, N° 11, 2012, pp.63-85.

LOPES, Marcos Antônio. Maquiavel: o que um príncipe precisa saber para ser virtuoso. In: LOPES, Marcos Antônio. **Mestres do passado: clássicos da sabedoria política moderna** / Marcos Antônio Lopes. – Londrina: EDUEL, 2009, pp. 42-62.

LOPES, Marco Antônio. **Reinos da História: sobre a historiografia do pensamento político.** São Paulo: Departamento de História da Universidade de São Paulo, 1999.

LOPES, Marcos Antônio. **Tempo e História em Maquiavel.** *Locus. Revista de História*. Vol. 9, n°2 (2003). P.61-77.

- LOPES, Marcos Antônio. **O direito divino dos reis: para uma história da linguagem política no antigo regime**. Síntese Nova Fase v. 19 n. 57 (1992): 223-248.
- LOPES, Marcos Antônio. Voltaire: contra o direito divino. In: LOPES, Marcos Antônio. **Mestres do passado: clássicos da sabedoria política moderna** / Marcos Antônio Lopes. – Londrina: EDUEL, 2009, pp. 157-173.
- LOPES, Marcos Antônio. **Voltaire historiador: Uma introdução ao pensamento histórico na época do iluminismo**. Campinas, SP: Papirus, 2001.
- LOPES, Marcos Antônio. **Voltaire literário: horizontes históricos**. São Paulo: Imaginário, 2000.
- LOPES, Marcos Antônio. **Voltaire político: espelhos para príncipes de um novo tempo**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.
- MACHIAVELLI, Nicoló di Bernardo dei. **O Príncipe**. Porto Alegre: L&PM, 2009.
- MACHIAVELLI, Nicoló. 1469-1527. **O Príncipe: Escritos políticos** / Nicolau Maquiavel: Traduções de Lívio Xavier. – 3.ed. – São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- MARTINS, Estevão de Rezende, Voltaire. In: LOPES, Marcos Antônio. **Idéias de história: tradição e inovação de Maquiavel a Herder** / Marcos Antônio Lopes (organizador). – Londrina: EDUEL, 2007, pp. 177-202.
- MARRERA, Fernando Milani. SOUZA, Uirys Alves de. **A Tipologia da consciência história em Rüsen**. Revista Latino Americana de História. Vol 2, nº 6 – Agosto de 2013 – Edição Especial © by PPGH-UNISINOS.
- MATTOZI, Ivo. **Una epistemología y una metodología de la historia para la didáctica. Diálogos (Maringá Online)**, Maringá, v.19, n.1, p.57-72, jan/abril, 2015.
- MEN, Eduardo Kleber, **Maquiavel: o príncipe, as instituições e as Finalidades do Estado**/Eduardo Kleber Men - Maringá, 2013.
- NETO, Alcides Borges. **História Política em Maquiavel: istore fiorentine**. Seara Filosófica, N. 12, Inverno, 2016, P.1-15.
- OLIVEIRA, Itamar Freitas, OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de. **Cultura histórica e livro didático ideal: algumas contribuições de categorias rüsenianas para um ensino de História à brasileira**. PEDAGÓGICO. v.21, n.2, Passo Fundo, p.223-234, jul/dez. 2014.
- PERRY, Marvin. **Civilização ocidental: uma história concisa** / Marvin Perry: tradução Waltensir Dutra, Silvana Vieira. - 3a ed. - São Paulo: Martins Fontes, 2002.

- PIMENTA, Jussara Santos. **Voltaire: Versejador, o literato, o comunicador**. Metavóia. São João Del-Rei, n. 4, p.53-66. Jul. 2002.
- PINA, Max Lanio Martins. **O Ensino de História na perspectiva de Jörn Rüsen**. Rev. Hist. UEG – Anápolis. v.4, n 1, p.284-292, jan/jun, 2013, Resenha da Obra: SCHMIDT, Maria Auxiliadora, BARCA, Isabel, MARTINS, Estevão de Resende (Org.). **Jörn Rüsen e o Ensino de História**. Curitiba, Editora UFPR, 2011.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural: História & Reflexões**. Autêntica 3ª, Edição – São Paulo: 2008.
- PIMENTA, Jussara Santos. **Voltaire: o versejador, o literato, o comunicador**. Metrovóice. São João Del Rei. N 4. p 53-66, jul, 2002.
- POCOK, J. G. A., 1924 – **Linguagens do Ideário Político**/J. G. A. Pocock; Sergio Miceli (org); Tradução Fábio Fernandez – São Paulo: Editora da Universidade Federal de São Paulo, 2003 – (Clássicos; 25).
- RIBEIRO, Ana Elisa. **Uma leitura de a mão do autor e a mente do editor, de Roger Chartier**. Matruga, Rio de Janeiro, v 23, n.39, jul/dez, 2016, pp-.176-178.
- RUDÉ, Georges. **10. O Iluminismo**. In: **A Europa no Século XVIII**. São Paulo: Gradativa, 1988.
- RÜSEN, Jörn. **Didática da História: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão**. Revista Práxis Educativa. Ponta Grossa, PR. v. 1, n. 2, p. 07 – 16, jul.-dez. 2006.
- SANTOS, Rodrigo Otávio dos. **Consciência Histórica, Narrativa Histórica e Ensino**. I Simpósio Eletrônico de Ensino de história. UNESPAR e UFRJ, 2015?
- SANTOS, Rodison Roberto dos. **A Vida de Voltaire, escrita por Condorcet, ou considerações sobre o papel do filósofo**. Universidade de São Paulo, Cadernos de Ética e Filosofia Política, Número 29, p 52-57, 2016.
- SOUZA, Éder Cristiano de. **Cultura histórica e aprendizagem histórica: Relações complexas entre aprendizagem intelectual e orientação temporal a partir de filmes históricos**. Florianópolis – SC, 2015.
- SOUZA, Everton Aparecido Moreira de. **Maquiavel e a importância da fortuna no agir político**. Revista Primordium, v.2, n 4, jul/dez. – 2017.
- SKINNER, Quentin. **As fundações do pensamento político moderno**/Quentin Skinner; revisão técnica Renato Janine Ribeiro – São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- TRINDADE, Deivid da Costa. **A Monarquia Ideal na obra A Princesa de Babilônia de Voltaire**. FURG, Rio Grande, 2008.

TRINDADE, Deivid da Costa. **A Monarquia Ideal na obra A Princesa de Babilônia de Voltaire**. BIBLOS – Vol. 23 (1) – Rio Grande: Editora da FURG, 2008, pp.171-184.

VOLTAIRE, François-Marie Arouet. **A Princesa de Babilônia**. São Paulo, Editora Escala, 2005.

VOLTAIRE François-Marie Arouet. **Tratado sobre a tolerância**. Texto Integral, Trad. Antonio Geraldo da Silva. São Paulo: Editora Escala, 2006.

VOLTAIRE, François-Marie Arouet. **Vida e Pensamento**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2001.

VOLTAIRE, François-Marie Arouet e. 1694-1778. **Cartas Inglesas; Dicionário filosófico; O Filósofo ignorante** / Voltaire; seleção de textos de Marilena de Souza Chauí, Bruno de Ponte e João Lopes Alves- 3. Ed. – São Paulo: Abril Cultural, 1984.

ZANETTI, Lucca. **Leões e Raposas: a construção de um modelo ideal de príncipe de Nicolau Maquiavel (1532)** / Luca Zanetti - Curitiba, 2017.

9. APÊNDICES

Para melhor visualizarmos, apresentaremos abaixo um quadro com os resultados da pesquisa realizada no Portal da Capes na Plataforma Sucupira.

DISSETAÇÕES DE MESTRADO E TESES DE DOUTORADO CAPES ENTRE OS ANOS 1997 E 2018.
1. PANCERA, CARLO GABRIEL KSZAN. A representação da crise institucional republicana nos Discorsi de Maquiavel' 01/05/2002 138 f. Mestrado em FILOSOFIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BELO HORIZONTE Biblioteca Depositária: Biblioteca da FAFICH
2. RATTON, BRUNO FONSECA. Ação e conservação na obra "O Príncipe" de Maquiavel' 01/02/2001 142 f. Mestrado em FILOSOFIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BELO HORIZONTE Biblioteca Depositária: FAFICH/UFMG
3. ADVERSE, HELTON MACHADO. Aparência, retórica e juízo na filosofia política de Maquiavel' 01/12/2003 334 f. Doutorado em FILOSOFIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BELO HORIZONTE Biblioteca Depositária: Biblioteca da FAFICH/UFMG
4. Silva, Luis Gustavo Mandarano Cruz e. Segredos do Príncipe ou Jerônimo Osório e de como reagiu o mundo católico da Ibéria às ideias de Nicolau Maquiavel - (séculos XVI e XVII)' 01/09/2008 100 f. Mestrado em HISTÓRIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA, JUIZ DE FORA Biblioteca Depositária: Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) da UFJF
5. Moscateli, Renato. As Luzes da Civilização: Rousseau e Voltaire da linguagem ficcional à interpretação do mundo histórico' 01/10/2002 311 f. Mestrado em HISTÓRIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ, MARINGÁ Biblioteca Depositária: Universidade Estadual de Maringá
6. PANCERA, CARLO GABRIEL KSZAN. O modelo maquiaveliano de Estado: entre os primeiros escritos políticos, os Discorsi e o Discursus' 01/11/2006 247 f. Doutorado em FILOSOFIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BELO HORIZONTE Biblioteca Depositária: FAFICH
7. Souza, Eurico Pereira de. Reflexões a respeito da lei segundo o pensamento de Nicolau

<p>Maquiavel' 01/01/2005 120 f. Mestrado em FILOSOFIA Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, SÃO PAULO Biblioteca Depositária: PUC/SP</p>
<p>8. ZANETTI, LUCCA. LEÕES E RAPOSAS: A CONSTRUÇÃO DE UM MODELO IDEAL NO PRÍNCIPE DE NICOLAU MAQUIAVEL (1532)' 23/06/2017 114 f. Mestrado em HISTÓRIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ, Curitiba Biblioteca Depositária: Sistema de Biblioteca da UFPR.</p>
<p>9. LEITE, RAFAEL DE ARAUJO E VIANA. A querela do luxo por Voltaire e Rousseau' 03/02/2014 158 f. Mestrado em FILOSOFIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ, Curitiba Biblioteca Depositária: setor de ciências humanas</p>
<p>10. Teixeira, Felipe Charbel. Timoneiros: retórica, prudência e história em Maquiavel e Guicciardini' 01/06/2008 240 f. Doutorado em História Social da Cultura Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro Biblioteca Depositária: Biblioteca Central</p>
<p>11. FERREIRA, Caio Moraes. Uma História do Espírito: considerações sobre O Século de Luís XIV e opensamento histórico de Voltaire' 05/04/2013 163 f. Mestrado em HISTÓRIA SOCIAL DA CULTURA Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro Biblioteca Depositária: DBD</p>
<p>12. FILHO, Luiz Gonzaga Baião. A história segundo Voltaire' 01/05/2008 90 f. Mestrado em FILOSOFIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA/JOÃO PESSOA, JOÃO PESSOA Biblioteca Depositária: UFPB</p>
<p>13. MACHADO, Ivânia da Silva. "L'ingénu" de Voltaire: une étude et une traduction du conte en portugais' 01/12/2000 151 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, PORTO ALEGRE Biblioteca Depositária: BSCSH</p>
<p>14. SOUZA, FLÁVIA ROBERTA BENEVENUTO DE. "Virtù" e valores no pensamento de Maquiavel' 01/12/2003 123 f. Mestrado em FILOSOFIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BELO HORIZONTE Biblioteca Depositária: Biblioteca da FAFICH/UFMG</p>
<p>15. ABREU, DANIEL FROES DE. O Príncipe de Maquiavel e a Administração Moderna.' 01/05/2011 90 f. Mestrado em FILOSOFIA Instituição de Ensino: FACULDADE DE SÃO BENTO, SÃO PAULO Biblioteca Depositária: Faculdade de São Bento</p>
<p>16. BIASON, Rita de Cassia Aparecida. DECADÊNCIA E CORRUPÇÃO NA HISTÓRIA</p>

<p>DE FLORENÇA. A VISÃO DE NICOLAU MAQUIAVEL' 01/08/1998 152 f. Doutorado em HISTÓRIA SOCIAL Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, São Paulo Biblioteca Depositária: CAPH - CENTRO DE APOIO À PESQUISA EM HISTÓRIA</p>
<p>17. PATROCINIO, MARIA LUCIA RIZZETTO. Progresso e História: Voltaire contra Pascal' 27/02/2015 97 f. Mestrado em Filosofia Instituição de Ensino: FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE, São Cristóvão Biblioteca Depositária: undefined</p>
<p>18. CONSOLIM, MARCIA CRISTINA. RAZÃO E HISTÓRIA EM VOLTAIRE' 01/09/1997 177 f. Mestrado em FILOSOFIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, São Paulo Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS DA USP</p>
<p>19. JUNIOR, JULIO CEZAR LAZZARI. FILOSOFIA DA HISTÓRIA EM VOLTAIRE' 11/12/2018 236 f. Doutorado em FILOSOFIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO, Guarulhos Biblioteca Depositária: EFLCH - Unifesp</p>
<p>20. MEN, KLEBER EDUARDO. MAQUIAVEL: O PRÍNCIPE, AS INSTITUIÇÕES E AS FINALIDADES DO ESTADO' 23/08/2013 85 f. Mestrado em HISTÓRIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ, Maringá Biblioteca Depositária: UEM</p>
<p>21. Benassi, Márcia Aparecida Lopes. “História, conhecimento e prática política em Nicolau Maquiavel” 01/11/2007 150 f. Mestrado em HISTÓRIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ, MARINGÁ Biblioteca Depositária: Universidade Estadual de Maringá</p>
<p>22. Santana, Christine Arndt de. “Educação e Literatura: Voltaire e a função educadora dos textos literários” 01/04/2008 185 f. Mestrado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE, São Cristóvão Biblioteca Depositária: BICEN.</p>
<p>23. Mazzi, Maria Glória Cuzumano. Sciascia leitor de Voltaire' 01/06/1999 197 f. Doutorado em LETRAS (ESTUDOS LITERÁRIOS) Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE EST.PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO, SÃO PAULO Biblioteca Depositária: UNESP - FCL/AR</p>
<p>24. Benedetti, Priscila Sansone. Pela legitimação da tolerância: uma leitura da obra Tratado sobre a Tolerância de Voltaire' 01/11/2011 80 f. Mestrado em FILOSOFIA Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, SÃO</p>

PAULO Biblioteca Depositária: PUC/SP
25. RATTON, BRUNO FONSECA. Ação e conservação na obra "O Príncipe" de Maquiavel' 01/02/2000 142 f. Mestrado em FILOSOFIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BELO HORIZONTE Biblioteca Depositária: Biblioteca da FAFICH
26. LOPES, MARCOS ANTÔNIO. Voltaire: a História, o Príncipe e a Virtude: Voltaire - contribuições para a reflexão sobre a competência administrativa, a prosperidade e o progresso' 01/09/1999 345 f. Doutorado em HISTÓRIA ECONÔMICA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, São Paulo Biblioteca Depositária: CNPq
27. Sganzerla, Anor. Maquiavel - a religião como instrumento da política' 01/05/2004 143 f. Mestrado em FILOSOFIA Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, SÃO PAULO Biblioteca Depositária: PUC/SP
28. Amorim, Edson Luis de. Aspectos morais e religiosos da ação política, em Maquiavel' 01/11/2010 122 f. Mestrado em FILOSOFIA Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, SÃO PAULO Biblioteca Depositária: PUC/SP
29. Cordão, Michelly Pereira de Sousa. Por uma imitazione delle cose antiche: recepção e tradução de tito lívio em Maquiavelç' 01/06/2010 165 f. Mestrado em HISTÓRIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE, Campina Grande Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da Universidade Federal de Campina Grande
30. Sarno, Ivani Cunha Di. Maquiavel defensor da liberdade' 01/06/2006 185 f. Doutorado em FILOSOFIA Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, SÃO PAULO Biblioteca Depositária: PUC/SP
31. Fernandes, Márcia Gomes. Nicolau Maquiavel: um estudo sobre a Teoria dos Humores' 01/08/2010 152 f. Mestrado em HISTÓRIA SOCIAL Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, São Paulo Biblioteca Depositária: SBD / CAPH
32. SILVA, SAMUEL SIMAO DA. A REPÚBLICA DE MAQUIAVEL: o equilíbrio que surge da discórdia' 20/03/2015 206 f. Mestrado em HISTÓRIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO, São Luís Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da Universidade Federal do Maranhão
33. MARQUES, CAIO CARNEIRO. VOLTAIRE: ENSAIO SOBRE A POESIA ÉPICA - UM ESTUDO E UMA TRADUÇÃO' 31/08/2018 105 f. Mestrado em FILOSOFIA

Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ, Curitiba Biblioteca Depositária: biblioteca central UFPR
34. SILVA, PEDRO EDUARDO BATISTA FERREIRA DA. A reelaboração dos conceitos Maquiavelianos de virtude e fortuna em James Harrington' 20/07/2018 87 f. Mestrado em HISTÓRIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, Brasília Biblioteca Depositária: bce
35. SANTOS, PEDRO MIGUEL SOUSA. Voltaire e a Tolerância Civil' 01/04/2013 89 f. Mestrado em FILOSOFIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, Salvador Biblioteca Depositária: Biblioteca Isaías Alves
36. FRANCISCO, REINALDO ABERISIO. TRÊS ARGUMENTOS DA CRÍTICA DA RELIGIÃO EM VOLTAIRE' 01/06/2000 136 f. Mestrado em FILOSOFIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, São Paulo Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS
37. Ferreira, Edimar Gonçalves. Voltaire e a tolerância' 01/07/2011 96 f. Mestrado em FILOSOFIA Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, SÃO PAULO Biblioteca Depositária: PUC/SP
38. Souza, Bruno Silva de. “O FANTASMA DE MAQUIAVEL: Antimaquiavelismo e Razão de Estado no Pensamento Político Ibérico do Século XVII” 01/06/2011 90 f. Mestrado em HISTÓRIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA CENTRAL UFRRJ
39. Ames, José Luiz. Maquiavel: A Lógica da Ação Política' 01/01/2000 268 f. Doutorado em FILOSOFIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS, CAMPINAS Biblioteca Depositária: IFCH-UNICAMP / Biblioteca Central - UNICAMP
40. SKOCIC, VERIDIANA ADERALDO. Nicolau Maquiavel - Dramaturgo e novelista: o estudo da língua e os fundamentos políticos.' 01/11/1998 74 f. Mestrado em LETRAS (LÍNGUA E LITERATURA ITALIANA) Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, São Paulo Biblioteca Depositária: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
41. RIBEIRO, DARIO CINTRA DE NEGREIROS. O Maquiavel de Lefort e a crítica ao idealismo democrático' 23/10/2017 148 f. Mestrado em FILOSOFIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, São Paulo Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da FFLCH/USP

42. Leal, Djaci Pereira. VOLTAIRE: ENSAIO SOBRE OS COSTUMES - A HISTÓRIA COMO ELEMENTO EDUCATIVO PARA A TOLERÂNCIA' 01/02/2008 132 f. Mestrado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ, MARINGÁ Biblioteca Depositária: BCE - BIBLIOTECA CENTRAL DA UEM
43. LECLERCQ, ANDRE CLAUDIO RENE. ORIENTALISMO E ANTICLERICALISMO NOS CONTOS DE VOLTAIRE' 27/02/2018 98 f. Mestrado em LITERATURA E CULTURA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, Salvador Biblioteca Depositária: Biblioteca Central Reitor Macedo Costa - UFBA
44. Souza, Bruno Silva de. “O FANTASMA DE MAQUIAVEL: Antimaquiavelismo e Razão de Estado no Pensamento Político Ibérico do Século XVII” 01/06/2011 90 f. Mestrado em HISTÓRIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA CENTRAL UFRRJ
45. Ames, José Luiz. Maquiavel: A Lógica da Ação Política' 01/01/2000 268 f. Doutorado em FILOSOFIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS, CAMPINAS Biblioteca Depositária: IFCH-UNICAMP / Biblioteca Central - UNICAMP
46. KRIEGER, ANA CAROLINA. Literatura e Ensino de História: possibilidades e desafios na formação da consciência histórica em um salão literário. Florianópolis, 2017-2018' 01/11/2018 94 f. Mestrado Profissional em Ensino de História Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA, Rio de Janeiro Biblioteca Depositária: BU/UDESC
47. SKOCIC, VERIDIANA ADERALDO. Nicolau Maquiavel - Dramaturgo e novelista: o estudo da língua e os fundamentos políticos.' 01/11/1998 74 f. Mestrado em LETRAS (LÍNGUA E LITERATURA ITALIANA) Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, São Paulo Biblioteca Depositária: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
48. SOUZA, EMERSON CALISTO DE. LEI E LIBERDADE: O LUGAR DO POVO NO REPUBLICANISMO DE MAQUIAVEL.' 26/02/2015 94 f. Mestrado em Filosofia Instituição de Ensino: FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE, São Cristóvão Biblioteca Depositária: undefined
49. MARQUES, MIQUEIAS SERRAO. VIRTÙ E FORTUNA EM MAQUIAVEL' 25/05/2016 94 f. Mestrado em CIÊNCIA POLÍTICA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ, Belém Biblioteca Depositária: Instituto de

Filosofia e Ciências Humanas.
50. FORTUNATO, MAICON JOSE. A CONCEPÇÃO DE HISTÓRIA NOS DISCURSOS DE MAQUIAVEL: UMA ANÁLISE SOBRE O TEMPO HISTÓRICO NO PEQUENO TRATADO SOBRE AS REPÚBLICAS' 01/12/2012 119 f. Mestrado em FILOSOFIA Instituição de Ensino: Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel Biblioteca Depositária: Unioeste
51. PRIVATTI, RAFAEL BASTOS ALVES. Que História é essa? Letramento em História e em Língua Portuguesa nos anos iniciais da escolarização' 23/08/2016 147 f. Mestrado Profissional em Ensino de História Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro Biblioteca Depositária: DBD
52. RIBEIRO, DARIO CINTRA DE NEGREIROS. O Maquiavel de Lefort e a crítica ao idealismo democrático' 23/10/2017 148 f. Mestrado em FILOSOFIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, São Paulo Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da FFLCH/USP
53. PINHEIRO, ILMA DO SOCORRO SANTANA. O PRONERA E A EDUCAÇÃO DO CAMPO EM BARRA DO CORDA-MA: Formação, Mulher do Campo e Cidadania' 06/06/2017 133 f. Mestrado Profissional em História Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO, São Luís Biblioteca Depositária: Biblioteca Setorial de História - UEMA
54. Leal, Djaci Pereira. VOLTAIRE: ENSAIO SOBRE OS COSTUMES - A HISTÓRIA COMO ELEMENTO EDUCATIVO PARA A TOLERÂNCIA' 01/02/2008 132 f. Mestrado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ, MARINGÁ Biblioteca Depositária: BCE - BIBLIOTECA CENTRAL DA UEM
55. GUIDE, MÁRIO LUIZ. MAQUIAVEL E OS PARTIDOS' 01/09/1999 340 f. Doutorado em FILOSOFIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, São Paulo Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS
56. Verdial, Pedro Nuno. Da construção da ciência política: Maquiavel e Hobbes' 01/09/2004 89 f. Mestrado em Filosofia Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro Biblioteca Depositária: Biblioteca Central

Roteiro de Deivid Trindade

DUELO ENTRE

PRÍNCIPES

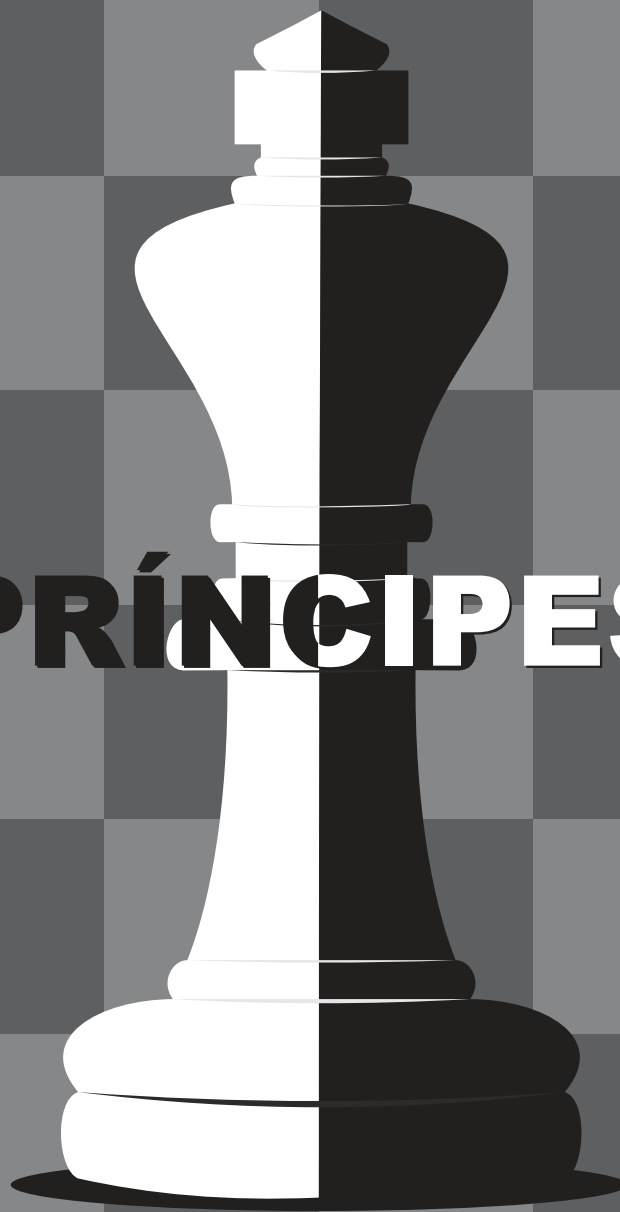
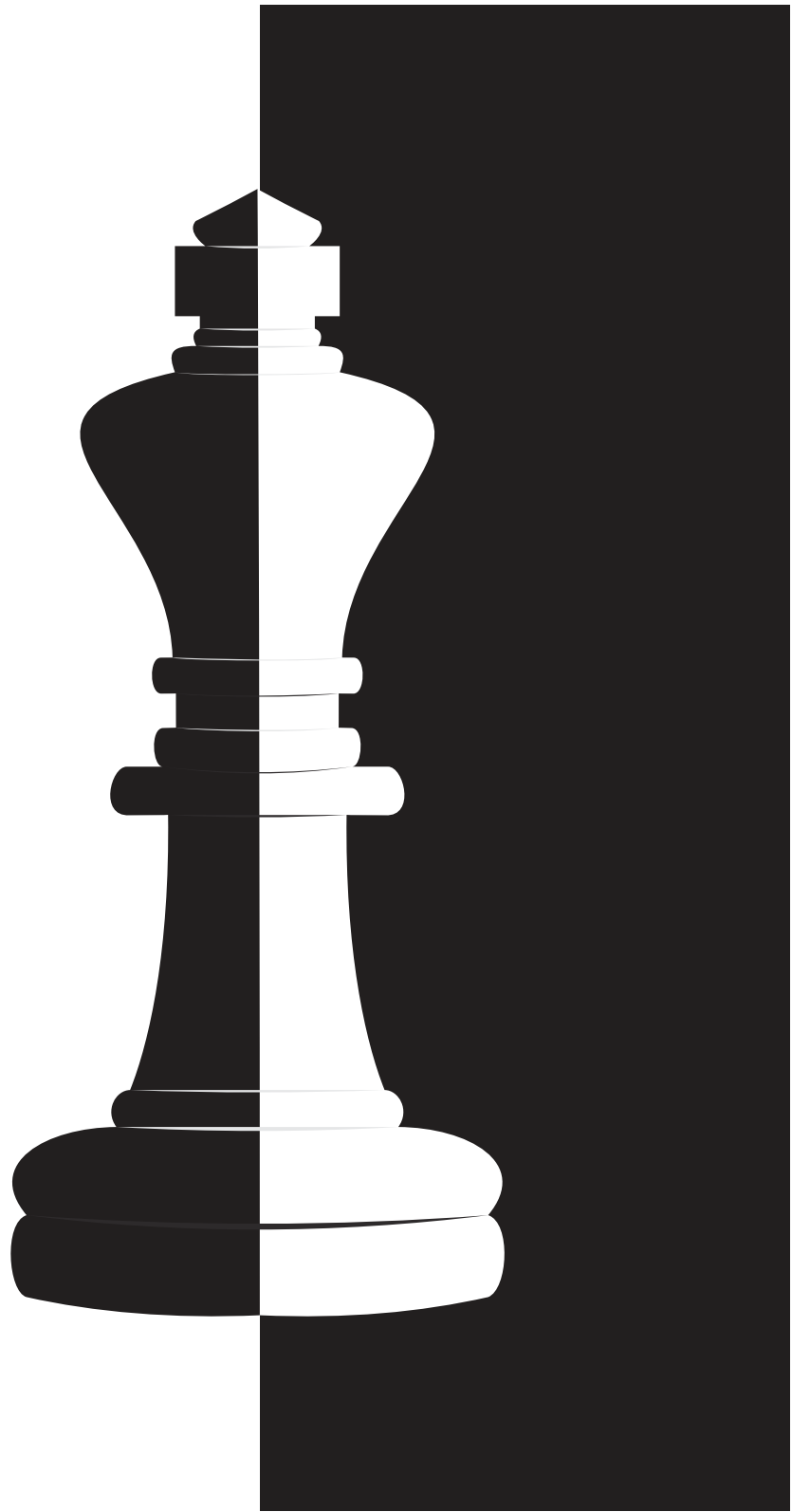


Ilustração de **Everson Santos**

Edição de **Felipe Gusmão**





Ficha Catalográfica:

Distribuição gratuita

Século XXI, época em que vemos a existência de governantes extremamente autoritários e descabidos que ainda dominam a maior parte do mundo, ditando suas regras. Esse fato incomodava muito os velhos amigos Nicolau e Francisco.

Eles conversavam com frequência sobre as formas de governos atuais.

Certo dia, eles estavam em uma praça que possuía um belo espaço para os amantes de xadrez e damas travarem suas disputas.

Lá eles discutiam sobre como os governantes poderiam agir tendo por base as ideias de Maquiavel (Nicolau) e Voltaire (Francisco) e sobre como seriam para eles as atitudes ideais que um governante deveria ter. Nessas discussões, eles quase se agrediam fisicamente.

Então decidiram jogar uma partida de xadrez e, através das jogadas, mostrar como deveria agir um governante ideal, sem que brigassem.

Nicolau tinha uma forma intensa e concentrada de jogar; já Francisco jogava de forma mais sarcástica e debochada, o que irritava Nicolau, fazendo-o desistir da partida.

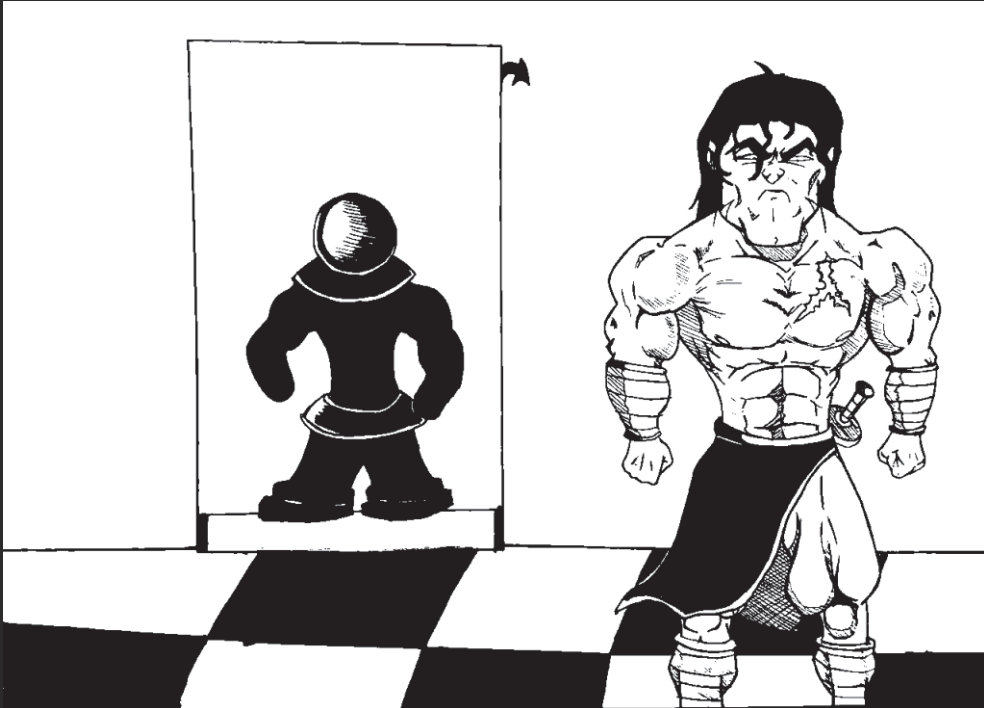
Francisco, ao perceber a irritação e insatisfação de seu amigo, propôs que fossem cada um para sua casa a fim de treinarem e retornarem em outro momento para finalizarem a partida, sem deboches, pretensões ou irritações.

Nicolau, ao chegar a sua casa, foi para sua biblioteca treinar, pensando em cada jogada que iria executar. Já Francisco, seguro e confiante de si, primeiro foi ler um jornal e tomar um café, mas, ao mesmo tempo, pensava a todo tempo em suas jogadas. Após o café, foi para seu escritório treinar, onde havia um belo relógio de parede que ele adorava.

A partir de agora vamos acompanhar a preparação dos dois amigos para esse super duelo de Titãs.

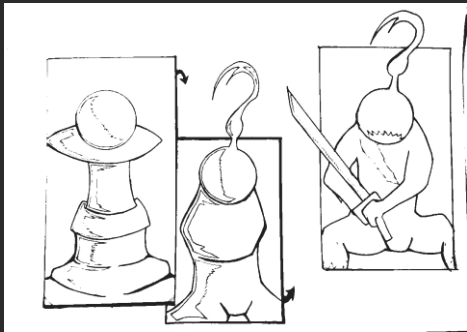
Meu governante deve saber a diferença entre ser amado ou temido
porque pode ser amado por interesse e não por lealdade.
Por isso deve ser temido e fazer valer isso
pois punirá qualquer contrariedade sem pensar muito!

E meu peão
é esse guerreiro pronto
a agir!



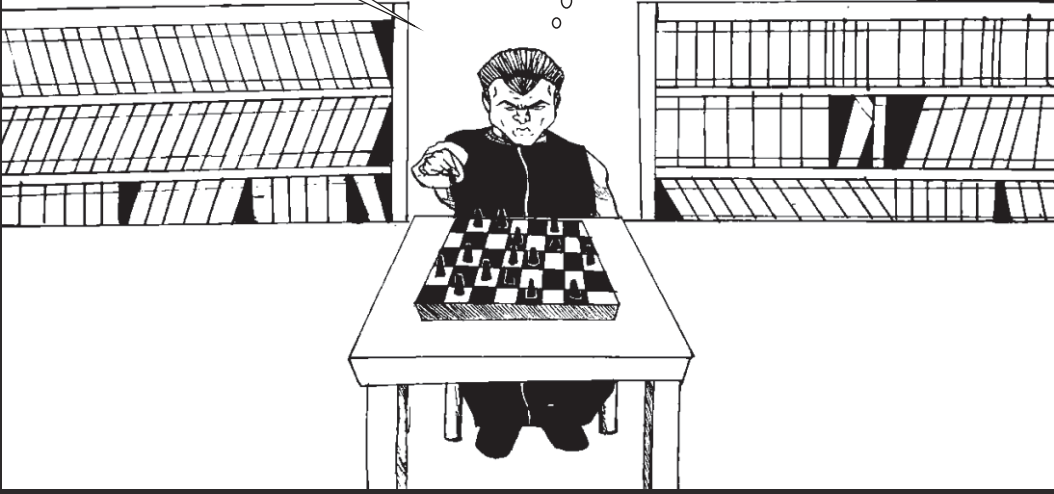
Meu governante é humano e tolerante tratando todos com dignidade e respeito, pois acredita que a liberdade é importante.

Meu peão é esse espadachim que age com precisão!



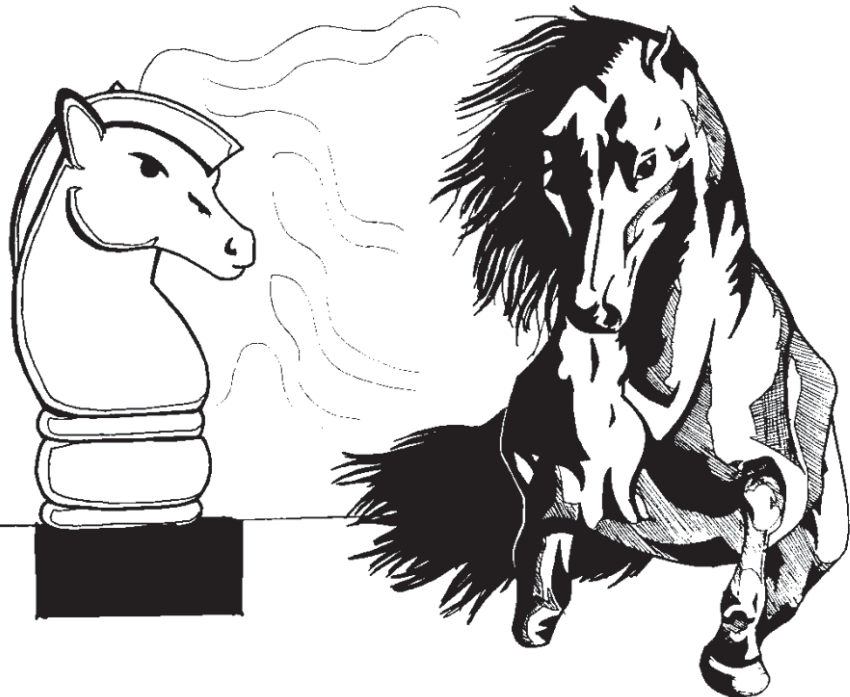
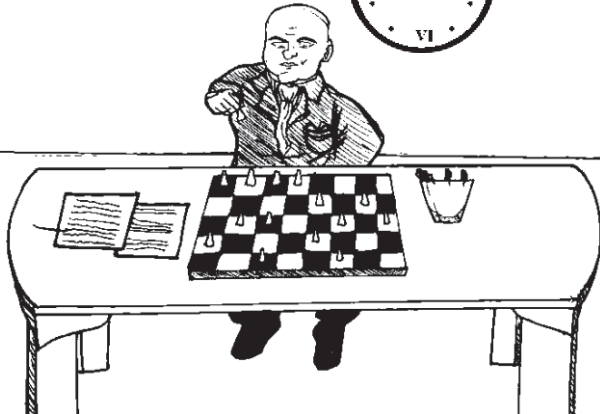
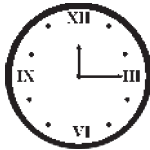
Meu governante age de acordo com os objetivos do governo
Ele é astuto como uma raposa e corajoso como um leão!
Com astúcia estuda as possibilidades para agir, e com coragem age com determinação e alcança seus objetivos

Meu cavalo é astuto e corajoso como uma raposa e um leão!



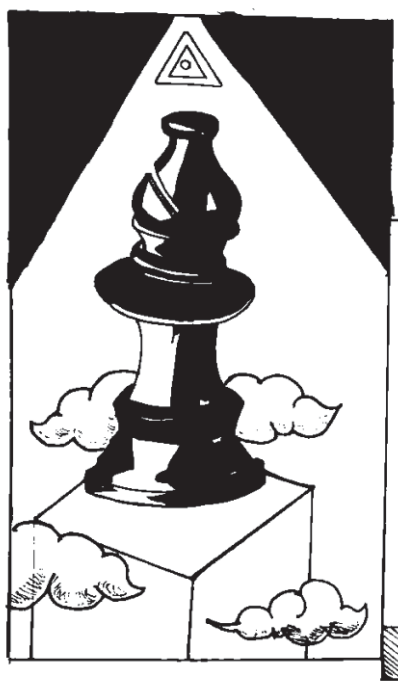
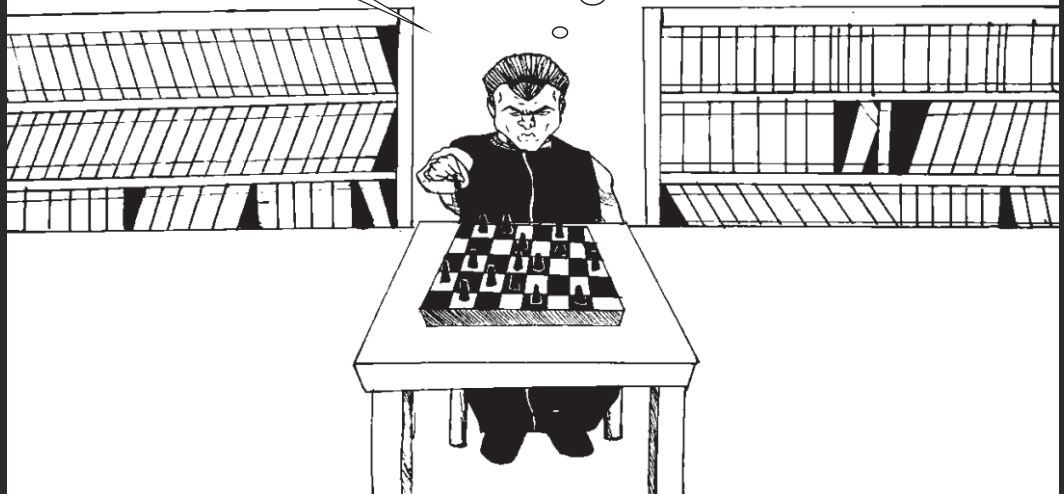
Meu governante age com **moralidade** com seus governados
Sua **moral** está acima de Deus, pois ele **respeita** o ser humano
sobre todas as coisas e é pacífico e honra a paz como bem maior.

Meu **cavalo** é um puro sangue
com sua **moral** perfeita!



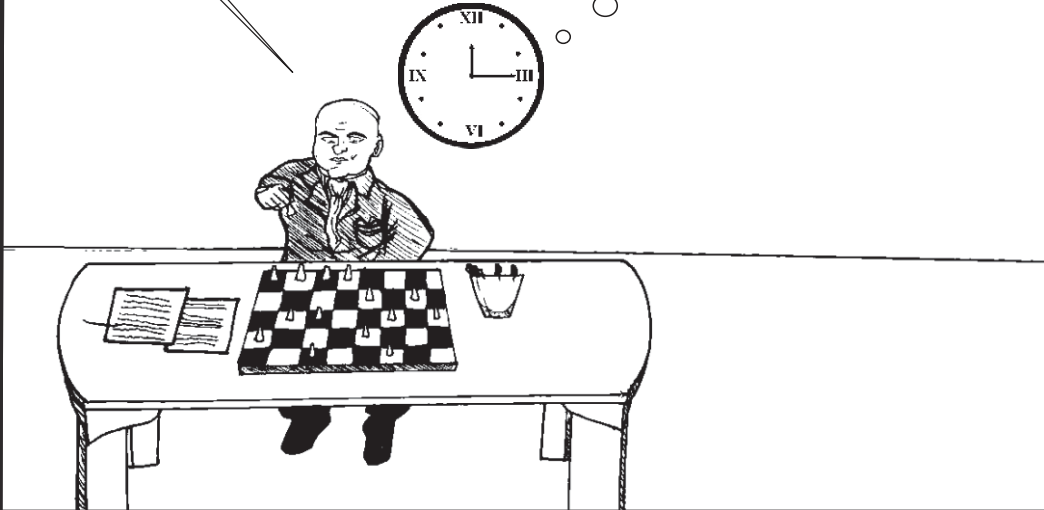
Meu governante sabe a diferença de ser cristão e ser humano
Ele sabe agir racionalmente sem se deixar influenciar em suas
decisões, pois ele é frio e calculista em suas decisões.

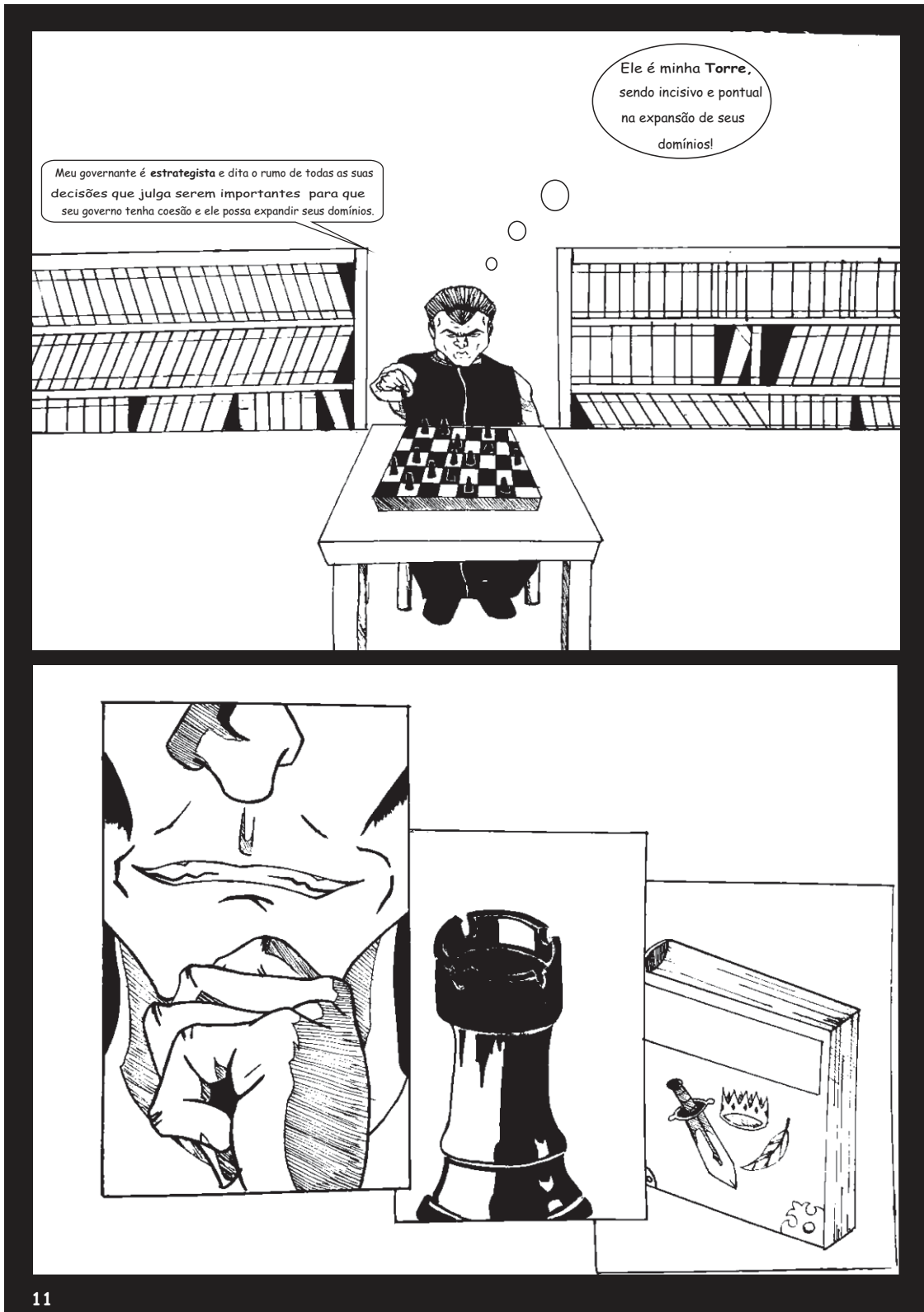
Meu Bispo é esse governante
racional que age com frieza
e é objetivo em sua ação.



Meu governante é divino sem deixar de lado sua humanidade!
Ele é belo como Adonis, corajoso e forte como Hércules
e é sábio como os Fenícios pois fundia sua divindade com sua
humanidade e com inteligência decide os rumos de seu governo.

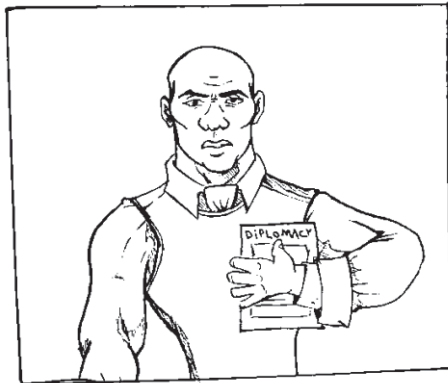
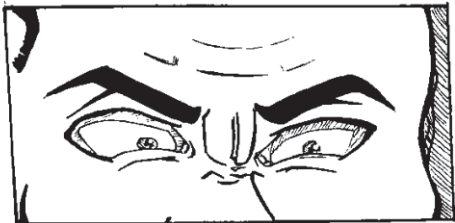
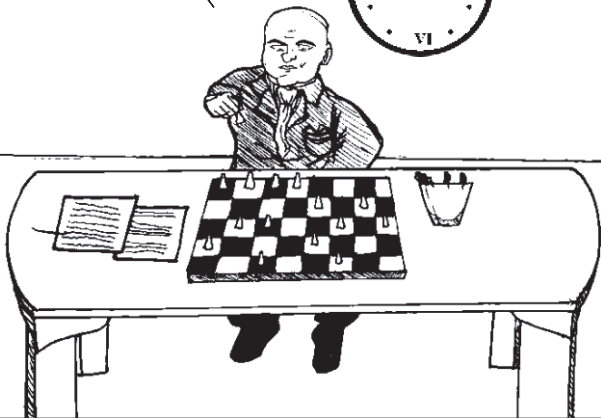
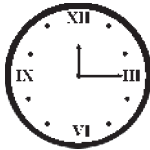
Meu Bispo é belo e sábio
como os antigos deuses
orientais!





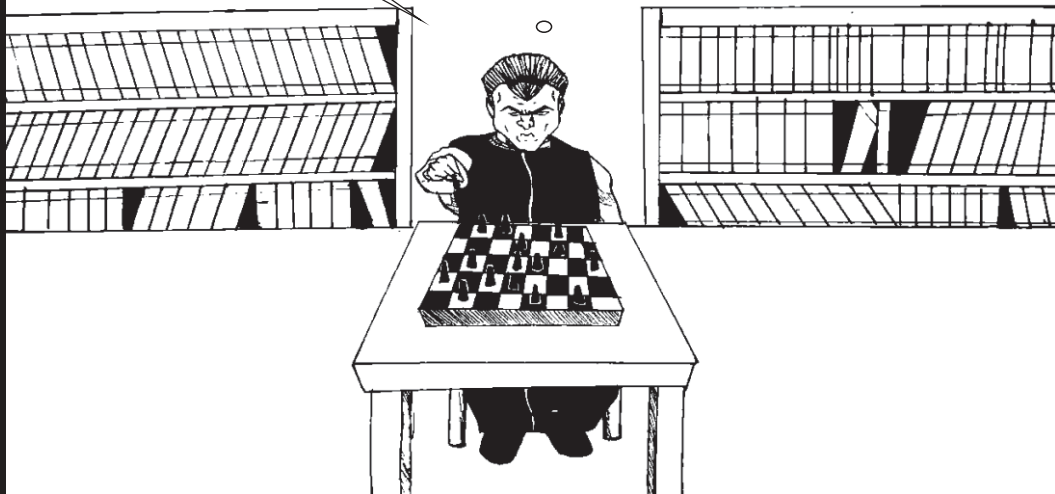
Meu governante é **inteligente** e age com inteligêncial
Ele sela acordos políticos, promove ciência, cultura,
tecnologia, incentivo econômico, treinamento
e investimento militar. Essa inteligência é visionária.

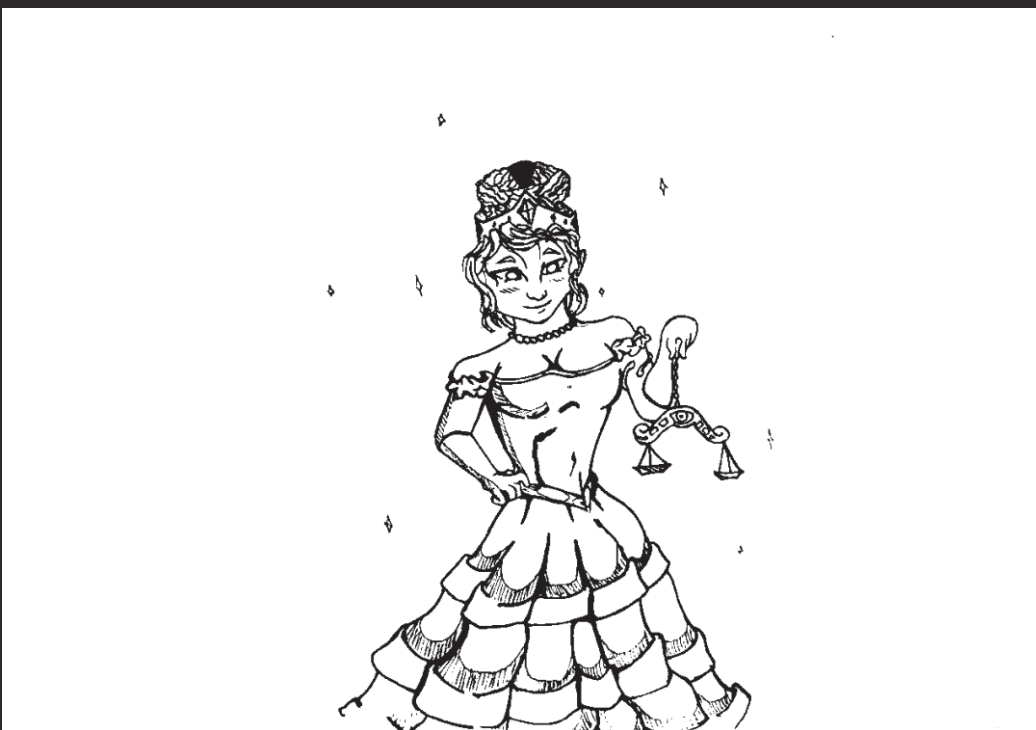
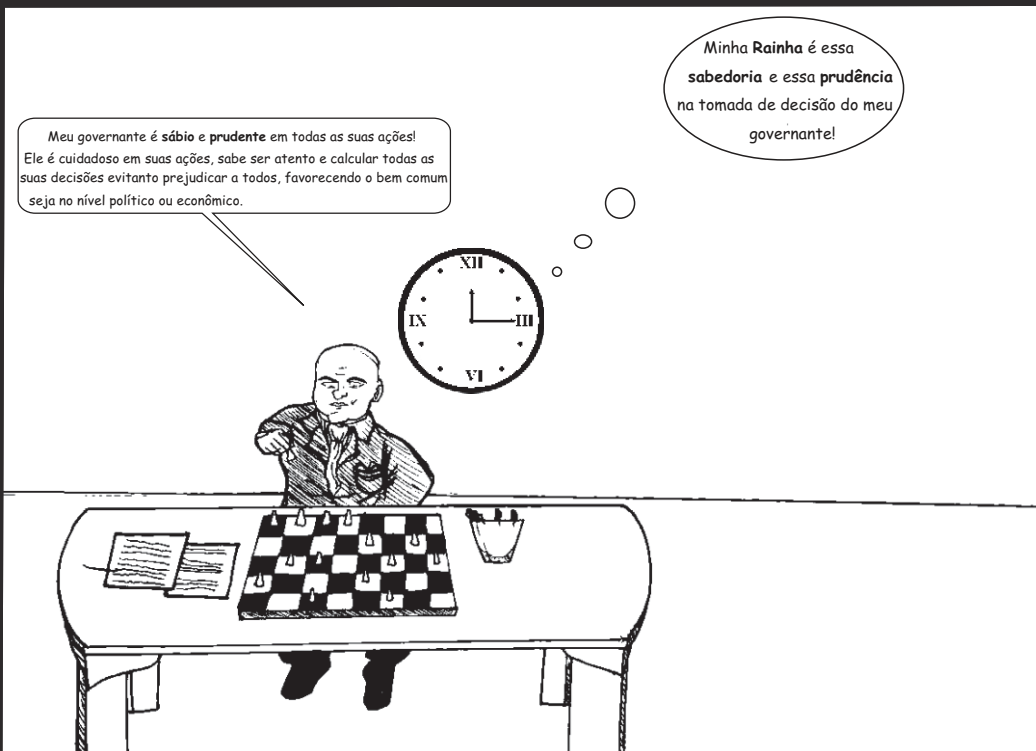
Minha Torre é a
inteligência diplomática
que meu governante possui!



O governante conta com a sorte e sabe fazer bom uso dela. Essa sorte se dá através de acontecimentos que o favorecem e se dão de forma natural e acontecem quase que ao acaso sem que uma força aja a seu favor.

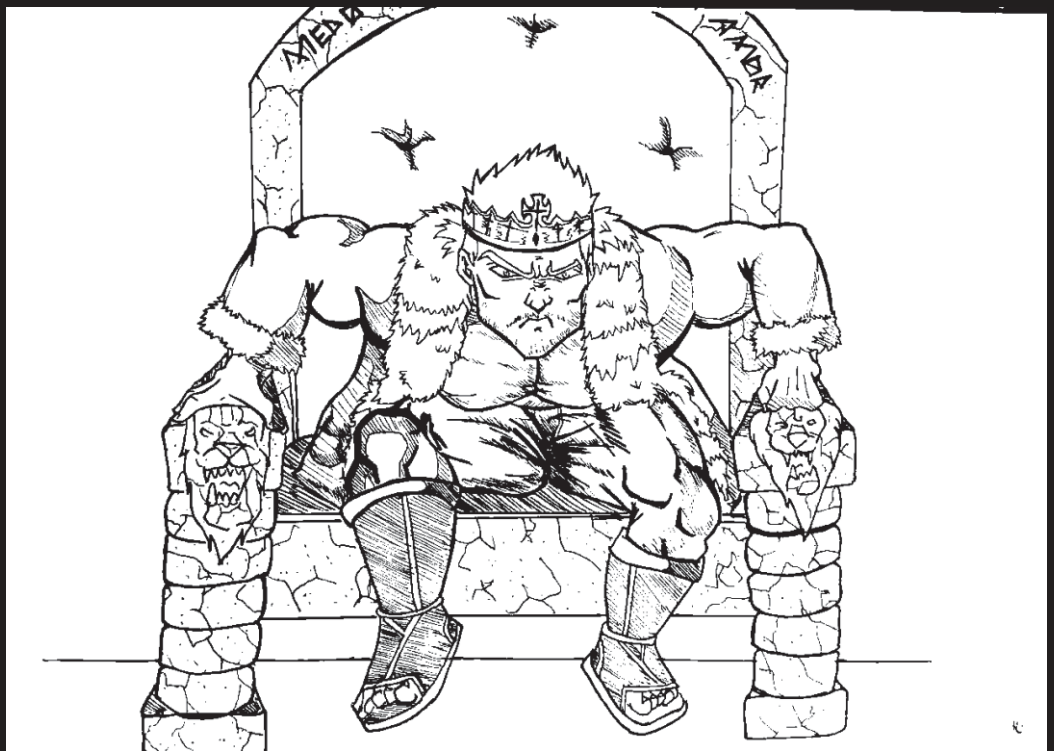
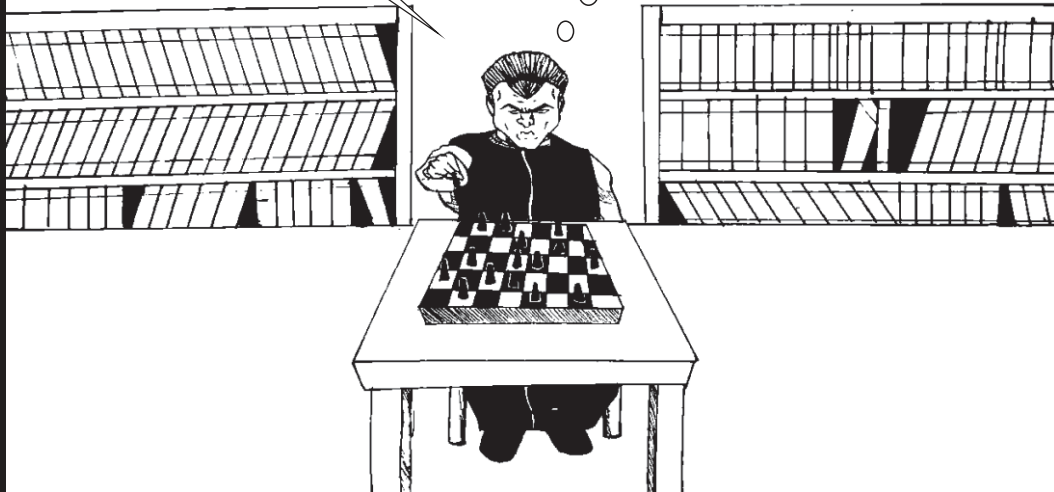
Minha Rainha é essa sorte que faz com que os acontecimentos sejam a favor do meu governante e seu governo se torne forte e sólido!





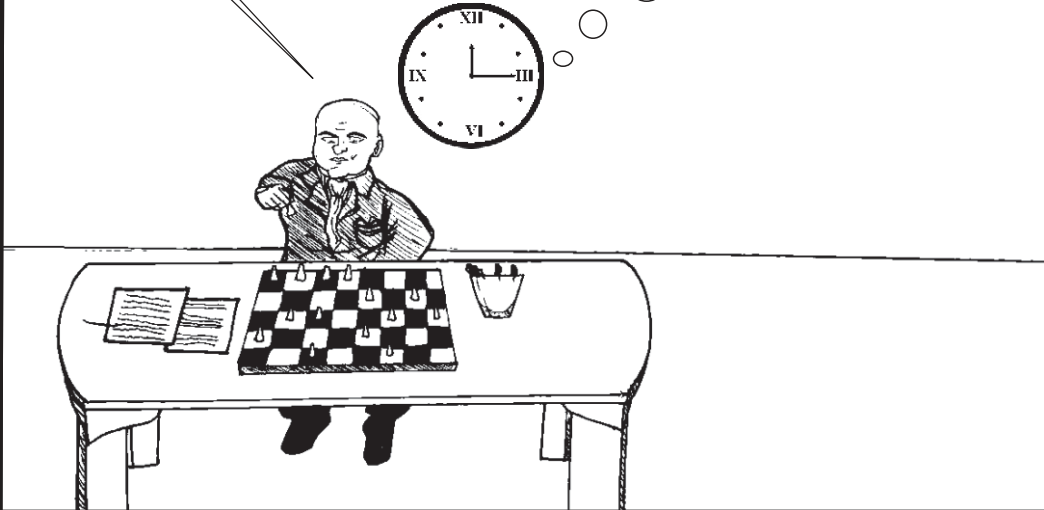
Meu governante é virtuoso! Ele sabe sua condição como tal. Como diria Maquiavel, essa Virtú reúne todas as qualidades que ele precisa para governar. Ser amado e/ou temido, ser astuto e corajoso, ser mais humano do que divino separando a religião da política, ser inteligente ao agir com estratégia e ter como sua aliada a Fortuna que o beneficiará de várias formas para que ele, estabeleça e mantenha a ordem em seu governo e em seu território.

Meu Rei é virtude em ter consciência de sua posição perante seus súditos e seu território e governo!

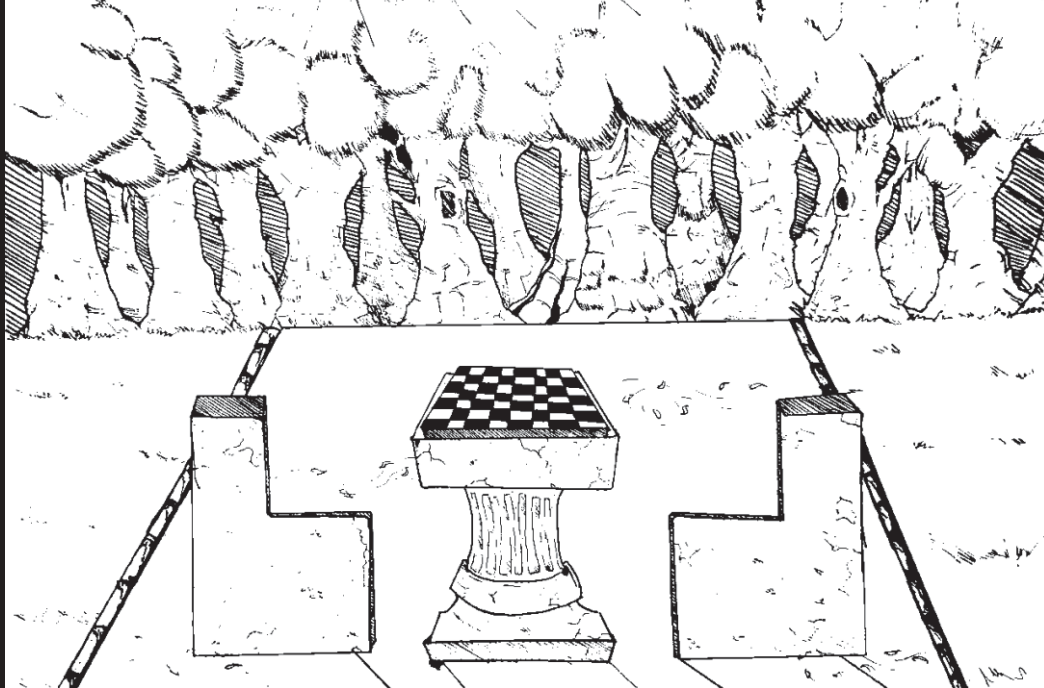


Meu governante tem Virtude! Ele governa com tolerância e respeita a todos, independente de suas crenças, porque tem suas convicções morais bem formadas e sabe que, ao mesmo tempo, pode ser divino e humano, e aproveitar isso com sabedoria, promovendo o respeito como bússola de seu governo.

Meu Rei é virtuoso e é tolerante, bondoso, cuidadoso! Possui uma moral íntegra e acolhe e respeita a todos sem exceções!



No dia seguinte, com um clima agradável e o sol iluminando a praça os amigos se encontrariam dentro de alguns minutos para o grande duelo.



Que os jogos comecem



Continua...



E aí, curtis-te?! Essa história que tu acabste de ler é um dos resultados do Mestrado Profissional em História do Deivid Trindade, pelo Programa de Pós-Graduação em História - PPGH da Universidade Federal do Rio Grande - FURG, que foi idealizado e feito a partir do seu Trabalho de Conclusão de Mestrado intitulado «Espelhos de Príncipes» em Maquiavel e Voltaire e o ensino de História por meio da História em Quadrinhos, que foi defendido e que contou com a contribuição de Felipe Gusmão e Everson Santos.



DEIVID TRINDADE

AUTOR de Duelo entre Príncipes.

Deivid Rio Grandino, historiador e Mestrando em ensino de história com foco em ensino de História e História em Quadrinhos.

Contato: deividtrindade58@gmail.com

EVERSON SANTOS

DESENHISTA de Duelo entre Príncipes.

JR é um fuzileiro naval. Apaixonado pela arte de desenhar desde cedo e demonstrou neste trabalho um pouco de sua criatividade.

Contato: Eversonldspjr@gmail.com



FELIPE GUSMÃO

EDITOR de Duelo entre Príncipes.

Gusmão é carioca criado no RS, designer gráfico, mestre em artes marciais. Sempre foi um amante de HQ e Mangá.

Contato: 53 984744849 (Whatsapp)

